Primavera Eterna

Stephen King

Para Russ e Florence Dorr

RITA HAYWORTH E A REDENÇÃO DE SHAWSHANK

Existe um cara como eu em toda prisão estadual e federal da América, eu acho - eu sou o cara que pode conseguir as coisas para você. Cigarros feitos à mão, um baseado se você aprecia, uma garrafa de conhaque para comemorar a formatura de segundo grau de seu filho ou sua filha, ou quase qualquer outra coisa... isto é, qualquer coisa dentro dos limites da razão. Nem sempre foi assim.

Vim para Shawshank quando tinha apenas vinte anos, e sou um dos poucos membros de nossa pequena família feliz disposto a confessar o que fiz. Cometi um assassinato. Fiz uma grande apólice de seguros para minha mulher, três anos mais velha do que eu, e depois mexi no freio do Chevrolet esporte que o pai dela nos dera de presente de casamento. Saiu tudo exatamente como eu tinha planejado, menos que ela fosse parar para dar uma carona à vizinha e seu bebê no caminho para a cidade de Castle Hill. O freio partiu, e o carro, ganhando velocidade, entrou pelos arbustos à beira da praça. Testemunhas disseram que devia estar a oitenta por hora ou mais quando se chocou contra a base da estátua da Guerra Civil e explodiu em chamas.

Também não tinha planejado ser preso, mas fui. Ganhei uma entrada gratuita para uma temporada neste lugar. Em Maine não há pena de morte, mas o Promotor Público fez com que eu fosse julgado pelas três mortes e recebesse três penas de prisão perpétua para cumprir uma depois da outra. Isso adiava minhas chances de receber liberdade condicional por muito, muito tempo. O juiz chamou o que fiz de "um crime bárbaro, abominável", e foi, mas agora faz parte do passado. Vocês podem procurar nos arquivos amarelados do Call de Castle Rock onde as manchetes enormes anunciando minha

condenação parecem meio estranhas e antiquadas junto às notícias sobre Hitler, Mussolini e a sopa de letrinhas de agências de Franklin Delano Roosevelt.

Vocês perguntam se me reabilitei? Nem seio que quer dizer essa palavra, a nível de prisão e castigos. Acho que é palavra de político. Pode ter algum outro significado e pode ser que eu venha a ter uma chance de descobrir, mas isso faz parte do futuro... uma coisa sobre a qual os presos aprendem a não pensar. Eu era jovem, bonito e da zona pobre da cidade. Engravidei uma garota bonita, mal-humorada e voluntariosa que morava numa das casas bonitas e antigas da Carbine Street. Seu pai era a favor do casamento se eu me empregasse na companhia de ótica que ele possuía e "subisse na vida". Descobri que o que queria realmente era manter-me sob seu teto e seu domínio, como um cachorrinho temperamental que ainda não foi bem domesticado e pode morder. Tanto ódio acumulado finalmente me levou a fazer o que fiz. Se tivesse. uma segunda chance não faria de novo, mas não tenho certeza que isso signifique dizer que me reabilitei.

De qualquer maneira não é sobre mim que quero falar; quero lhes falar sobre um cara chamado Andy Dufresne. Mas antes de poder falar sobre Andy, preciso explicar algumas outras coisas a meu respeito. Não vai demorar.

Como disse antes, sou o cara que consegue as coisas aqui em Shawshank há quase quarenta anos. E não são só artigos de contrabando como cigarros especiais e bebidas, embora esses artigos sempre encabecem a lista. Mas já consegui milhares de outros artigos para os homens que cumprem suas penas aqui, alguns dos quais perfeitamente legais embora difíceis de conseguir num lugar onde você veio para ser punido. Havia um camarada que veio para cá por estuprar uma menina e exibir-se para uma dúzia de outras; consegui para ele três peças de mármore rosa de Vermont com as quais fez três esculturas lindas - um bebê, um garoto de doze anos e um rapaz barbado. Chamou-as de As Três Idades de Jesus e estão agora na sala de visitas de um homem que foi governador deste estado.

Um nome do qual vocês devem lembrar se cresceram no norte de Massachusetts é Robert Alan Cote. Em 1951 ele tentou assaltar o First Mercantile Bank de Mechanic Falls, e a tentativa acabou numa chacina - seis mortos, dois deles membros da quadrilha, três reféns e um jovem policial que levantou a cabeça na hora errada e levou uma bala no olho. Cote tinha uma coleção de moedas. Claro que não iam deixar que ficasse com ela aqui, mas com uma ajudazinha de sua mãe e de um intermediário que dirigia o caminhão da lavanderia pude consegui-la para ele. Eu lhe disse, "Bobby você deve estar maluco de querer ter uma coleção de moedas neste 'hotel' cheio de ladrões". Ele me olhou, sorriu e disse: "Sei onde guardar. Ficará em lugar seguro. Não se preocupe". E ele estava certo. Bobby Cote morreu de tumor cerebral em 1967, mas aquela coleção nunca apareceu.

Já consegui chocolates para os detentos no Dia dos Namorados; consegui três daqueles milkshakes verdes que o McDonald's serve no dia de São Patrício para um irlandês maluco chamado O'Malley; consegui até uma sessão da meia-noite de Garganta Profunda e O Diabo e Miss Jones para um grupo de vinte homens que fizeram uma "vaquinha" para alugar os filmes... embora tenha acabado passando uma semana na solitária por aquela pequena travessura. É o risco que se corre quando se é o cara que

arranja as coisas.

Já consegui livros de referência e livros de sacanagem, novidades engraçadas como aparelhinhos para dar choque quando se aperta a mão de alguém, pó de mico, e mais de uma vez consegui para os "perpétuos" calcinhas de suas esposas ou namoradas... e imagino que você saiba o que um cara aqui faz com essas coisas nas longas noites em que o tempo se arrasta como uma lesma. Não consigo todas essas coisas de graça, e para alguns artigos o preço é alto. Mas não faço só pelo dinheiro; de que vale o dinheiro para mim? Nunca vou ter um Cadillac nem viajar para a Jamaica por duas semanas em fevereiro. Faço pelo mesmo motivo que um bom açougueiro só lhe vende carne fresca: adquiri uma reputação e quero mantê-la. As duas únicas coisas que me recuso a conseguir são armas e drogas pesadas. Não vou ajudar ninguém a se matar nem a matar os outros. Já tenho homicídio nas costas para a vida inteira.

É, sou um Neiman-Marcus profissional. E assim quando Andy Dufresne se aproximou de mim em 1949 e perguntou se eu poderia trazer Rita Hayworth clandestinamente para a prisão, respondi que não seria problema. E não foi mesmo.

Andy tinha trinta anos de idade quando veio para Shawshank em 1948. Era um homem baixo, bem arrumado, de cabelos ruivos e mãos pequenas e ágeis. Usava óculos de aros de ouro. Suas unhas estavam sempre bem aparadas e limpas. É uma coisa engraçada de lembrar a respeito de um homem, eu acho, mas isso parece resumir Andy para mim. Sempre parecia estar usando gravata. Lá fora tinha sido vice-presidente do departamento de crédito de um grande banco de Portland. Um bom trabalho para um homem tão jovem como ele, principalmente se você levar em conta como a maioria dos bancos é conservadora e multiplicar esse conservadorismo por dez na Nova Inglaterra, onde as pessoas não gostam de confiar seu dinheiro a um homem qualquer, a não ser que ele seja careca, manco e esteja constantemente puxando as calças para botar a funda no lugar. Andy estava na prisão por assassinar sua mulher e o amante dela.

Como acho que já disse, todo homem na prisão é um homem inocente. Ah, eles citam essa passagem do jeito que aqueles pregadores fanáticos na TV lêem o Livro das Revelações. Foram vítimas de juizes de coração de pedra e saco do mesmo material, de advogados incompetentes, de conspiração policial ou má sorte. Citam a passagem, mas você vê uma passagem diferente no rosto deles. A maioria dos presos são tipos ordinários, ruins para eles e para os outros e seu maior azar foi suas mães terem levado a gravidez até o fim.

Durante todos os anos que passei em Shawshank, existiram menos de dez homens nos quais acreditei quando me disseram que eram inocentes. Andy Dufresne foi um deles, embora eu só tenha me convencido de sua inocência ao longo dos anos. Se eu estivesse no júri que ouviu seu processo no Supremo Tribunal de Portland durante seis tumultuadas semanas em 1947-1948, teria também votado a favor da condenação.

Foi um processo dos diabos; um daqueles bem picantes com todos os ingredientes a que tinha direito. Havia uma bela garota com relações na sociedade, uma personalidade do esporte local (ambos mortos) e um jovem e eminente homem de negócios no banco de réus. Tudo isso e mais todo o escândalo que os jornais podiam insinuar. A acusação foi rápida. O julgamento só demorou tanto porque o promotor estava planejando

candidatar-se à Câmara de Deputados e queria que os eleitores tivessem bastante tempo para olhar sua cara. Foi um espetáculo de circo forense, os espectadores formaram filas desde as quatro horas da manhã, apesar da temperatura abaixo de zero, para garantir seus lugares.

Os fatos da condenação que Andy nunca contestou foram os seguintes: que ele tinha uma esposa, Linda Collins Dufresne; que em junho de 1947 ela demonstrara interesse em aprender golfe no Country Club de Falmouth Hills; que ela realmente teve aulas durante quatro meses; que seu instrutor era o profissional de golfe de Falmouth Hills, Glenn Quentin; que no final de agosto de 1947 Andy soube que Quentin e sua esposa eram amantes; que Andy e Linda Dufresne discutiram violentamente na tarde de 10 de setembro de 1947; que o motivo da discussão foi a infidelidade dela.

Ele declarou que Linda admitiu estar contente por ele saber de tudo; andar às escondidas, disse ela, era desgastante. Ela contou a Andy que planejava conseguir o divórcio em Reno. Andy disse que preferia vê-la no inferno a vê-la no Reno. Ela saiu para passar a noite com Quentin no bangalô alugado por ele perto do campo de golfe. Na manhã seguinte a faxineira encontrou os dois mortos na cama. Cada um tinha levado quatro tiros.

Este último fato foi o que mais pesou contra Andy. O promotor com aspirações políticas exagerou um bocado na sua exposição inicial e em seu resumo final do processo. Andrew Dufresne, disse ele, não era um marido enganado em busca de vingança furiosa contra a esposa traidora; isso, disse o promotor, seria compreensível e até justificado. Mas a vingança tinha sido de uma grande frieza. Reflitam! esbravejou o promotor para o júri. Quatro e quatro! Não apenas seis, mas oito tiros! Tinha atirado até esvaziar o revólver... e aí parou para poder recarregar e atirar neles mais uma vez! QUATRO PARA ELE E QUATRO PARA ELA, clamou o Sun de Portland. O Register de Boston apelidou-o de Assassino do Número Par.

Um vendedor da Casa de Penhores Wise, em Lewiston, testemunhou que tinha vendido um revólver Police Special .38 de seis tiros para Andrew Dufresne apenas dois dias antes do duplo assassinato. Um garçom do bar do clube testemunhou que Andy tinha chegado por volta de sete horas do dia 10 de setembro, engoliu três uísques puros num período de vinte minutos - quando levantou da banqueta, disse ao garçom que ia à casa de Glenn Quentin e que ele, o garçom, "podia ler o resto nos jornais". Outro vendedor, este de uma loja de variedades a pouco mais de um quilômetro da casa de Quentin, disse no tribunal que Dufresne tinha entrado na loja por volta de quinze para as nove naquela mesma noite. Comprou cigarros, três garrafas de cerveja e alguns panos de prato. O médico legista do condado comprovou que Quentin e a mulher de Dufresne tinham sido assassinados entre 11 horas da noite e 2 horas da manhã dos dias 10 e 11 de setembro. O detetive da Procuradoria Geral encarregado do caso declarou que existia um desvio na estrada a menos de cem metros do bangalô, e que na tarde de 11 de setembro três provas foram colhidas nesse desvio, primeira, duas garrafas vazias de cerveja Narragansett (com as impressões digitais do réu); segunda, doze pontas de cigarro (todas Kool, a marca que o réu fumava); terceira, as marcas de quatro pneus (que coincidiam exatamente com o desenho dos pneus do Plymouth de 1947 do réu).

Na sala de estar do bangalô de Quentin foram encontrados quatro panos de prato em

cima do sofá. Tinham marcas de bala e queimaduras de pólvora. O detetive especulou (apesar dos veementes protestos do advogado de Andy) que o assassino tinha envolvido o cano da arma para abafar o barulho dos tiros.

Andy Dufresne foi para o banco de testemunhas em sua própria defesa e contou sua história calma, fria e imparcialmente. Disse que começou a ouvir boatos inquietantes sobre sua mulher e Quentin na última semana de julho. Em fins de agosto estava inquieto o bastante para investigar um pouco. Uma noite em que Linda deveria ter ido fazer compras em Portland depois da aula de golfe, Andy seguiu-a e a Quentin até a casa de dois andares alugada por Quentin (inevitavelmente apelidada pelos jornais de "ninho de amor"). Ele estacionou no desvio da estrada até Quentin levá-la de volta ao clube, onde o carro dela ficara, três horas depois.

- O senhor quer dizer em juízo que seguiu sua mulher em seu Plymouth sedã novo em folha? - perguntou-lhe o promotor, testando-o.

- Troquei de carro com um amigo naquela noite - disse Andy, e esta fria admissão de que sua investigação tinha sido tão bem planejada não lhe foi nada favorável aos olhos do júri.

Após devolver o carro do amigo e pegar o seu, foi para casa.

Linda estava na cama, lendo um livro. Perguntou a ela como tinha sido o passeio até Portland. Ela respondeu que tinha sido divertido masque não tinha visto nada que gostasse para comprar.

- Foi quando tive certeza , disse Andy aos espectadores ansiosos. Falou com a mesma voz calma e vaga com que dera quase todo seu depoimento.

- Qual era seu estado de espírito nos dezessete dias decorridos entre aquela noite e a noite em que sua mulher foi assassinada? - o advogado de Andy lhe perguntou.

- Eu estava muito aflito - disse Andy calma e friamente. Assim como um homem enumera a sua lista de compras, ele afirmou que pensara em suicídio e que tinha até comprado um revólver em Lewiston no dia 8 de setembro.

O advogado então pediu-lhe para contar ao júri o que acontecera depois que sua esposa saíra para encontrar Glenn Quentin na noite dos assassinatos. Andy contou... e a impressão que causou foi a pior possível.

Eu o conheci por cerca de trinta anos, e posso lhe dizer que ele era o homem mais calmo e senhor de si que já encontrei. O que estava certo com ele, contava um pouquinho de cada vez. O que estava errado, guardava dentro de si mesmo. Se por acaso tivesse passado uma "noite negra", como se encontra nos romances, você jamais saberia. Era o tipo do homem que, se decidisse cometer suicídio, o faria sem deixar um bilhete, mas não até que seus negócios estivessem perfeitamente em ordem. Se ele tivesse chorado no banco dos réus, ou se sua voz tivesse ficado embargada ou hesitante, até se ele tivesse começado a gritar com o promotor destinado a Washington, acredito que ele não recebesse a sentença de prisão perpétua que recebeu. Mesmo que a tivesse recebido,

estaria em liberdade condicional em 1954. Mas ele contou sua história ao júri como se fosse um gravador, parecendo dizer aos jurados: É isso aí. E pegar ou largar. Eles largaram.

Ele afirmou que estava bêbado naquela noite, que estava mais ou menos bêbado desde 24 de agosto e que era uma pessoa que não segurava muito bem a bebida. É claro que isso, por si só, já seria difícil para qualquer júri engolir. Eles não conseguiam visualizar este moço, friamente seguro de si, em um perfeito terno de lã com jaquetão e colete, ficando bêbado de cair por causa de um casinho vulgar de sua mulher com um professor de golfe de cidade pequena. Eu acreditei na história dele porque tive uma oportunidade de observar Andy, o que aqueles seis homens e seis mulheres não tiveram.

Todo o tempo em que o conheci, Andy Dufresne só tomava quatro drinques por ano. Ele me encontrava no pátio de exercícios todo ano, uma semana antes de seu aniversário, e depois novamente duas semanas antes do Natal. Em cada ocasião me pedia para conseguir uma garrafa de Jack Daniel's. Ele comprava-o do jeito que a maioria dos presos compram suas coisas - com o salário de fome daqui e mais um pouquinho do seu dinheiro. Até 1965, o que se recebia pela hora de trabalho era 10 cents. Em 65 aumentaram para 25 cents. Minha comissão para bebida era e é 10%, e quando se acrescenta essa sobretaxa ao preço de um bom uísque como o Black Jack, tem-se uma idéia de quantas horas de suadouro Andy Dufresne passava na lavanderia da prisão para comprar seus quatro drinques por ano.

Na manhã do seu aniversário, 20 de setembro, ele "virava" um bocado da garrafa, e à noite outro bocado depois de apagarem as luzes. No dia seguinte me dava o resto da garrafa e eu dividia com outros homens. Da outra garrafa ele tomava uma dose na noite de Natal e outra na véspera de Ano-Novo. Então a garrafa voltava para mim com instruções para passar adiante. Quatro drinques por ano - e este é o comportamento de um homem que foi duramente afetado pela bebida. O bastante para tirar sangue.

Ele contou ao júri que na noite do dia 10 estava tão bêbado que só se lembrava do que acontecera em pequenos intervalos. Ele tinha se embebedado de tarde - "tomei uma dose dupla de coragem holandesa" - foi como ele colocou - antes de enfrentar Linda.

Depois que ela saiu para encontrar Quentin, ele se lembrava que decidiu enfrentá-los. No caminho para o bangalô de Quentin, parou no clube para uma ou duas "biritinhas". Não conseguia, disse ele, recordar ter dito ao garçom que este ia "poder ler o resto nos jornais", ou qualquer outra coisa. Lembrava-se de ter comprado cerveja na loja de variedades, mas não os panos de prato. "Para que iria querer panos de prato?", perguntou, e um dos jornais relatou que três juradas estremeceram.

Mais tarde, muito mais tarde, ele me contou suas teorias sobre o empregado que teria testemunhado a compra das toalhas de prato, e acho que vale a pena transcrever o que ele disse:

- Suponha que durante a procura por testemunhas - comentou Andy um dia no pátio de exercícios, - eles tenham esbarrado nesse sujeito que me vendeu a cerveja naquela noite. Nessa altura, já tinham se passado três dias. Os fatos foram proclamados por todos os jornais. Talvez eles tenham cercado o sujeito, cinco ou seis tiras, mais o detetive da

Procuradoria, além do assistente do Promotor. Memória é uma coisa muito subjetiva, Red. Eles poderiam ter começado com "Não é possível que ele tenha comprado quatro ou cinco panos de prato?" e trabalharem em cima disso. Se houver bastante gente querendo que você se lembre de alguma coisa, isto pode ser um elemento persuasivo muito forte.

Concordei que poderia.

- Existe, porém, um ainda mais forte - Andy continuou com seu jeito pensativo. - Acho que é pelo menos possível que ele tenha se convencido. Eram as luzes do palco em cima dele. Repórteres fazendo perguntas, a foto nos jornais... tudo isso, é claro, coroado pela sua vez de estrela no tribunal. Não estou dizendo que ele tenha deturpado deliberadamente sua história, ou que tenha cometido perjúrio. Acho até possível que ele passasse num teste do detetor de mentiras com grau dez, ou que ele jurasse por sua mãe que eu comprei aqueles panos de prato. Mas ainda assim... memória é uma coisa subjetiva dos diabos. Uma coisa eu sei: embora meu próprio advogado pensasse que eu estava mentindo sobre metade da história, ele nunca engoliu esse negócio dos panos de prato. É uma coisa doida. Eu estava bêbado feito um gambá, bêbado demais para pensar em abafar os tiros. Se eu tivesse cometido um crime, os teria deixado explodir.

Ele foi para o desvio da estrada e estacionou. Bebeu cerveja e fumou. Viu as luzes do primeiro andar da casa de Quentin se apagarem. Viu uma única luz acender-se no segundo andar... e quinze minutos mais tarde viu aquela apagar-se.

- Sr. Dufresne, o senhor foi então à casa de Glenn Quentin e matou os dois? - bradou seu advogado.

- Não, eu não matei - respondeu Andy. Por volta da meia-noite, segundo ele, estava ficando sóbrio. Estava sentindo também os primeiros sinais de uma tremenda ressaca. Decidiu ir para casa, dormir e pensar sobre o assunto de modo mais adulto no dia seguinte. - Naquela noite, enquanto eu dirigia a caminho de casa, comecei a pensar que a decisão mais inteligente seria simplesmente deixá-la ir a Reno conseguir o divórcio.

- Obrigado, Sr. Dufresne.

O promotor se levantou.

- O senhor se divorciou dela da maneira mais rápida que pôde inventar, não foi? O senhor se divorciou dela com um 38 enrolado em panos de prato, não foi?

- Não, senhor, não foi - disse Andy calmamente.

- E então o senhor atirou no amante dela.

- Não, senhor.

- O senhor quer dizer que atirou em Quentin primeiro?

- Quero dizer que não atirei em nenhum dos dois. Bebi duas garrafas de cerveja e fumei

não sei quantos cigarros que a polícia achou no desvio. Então fui para casa dormir.

- O senhor disse ao júri que entre 24 de agosto e 10 de setembro estava pensando em suicídio.

- Sim, senhor.

- O bastante para comprar um revólver.

- Sim.

- O senhor ficaria muito aborrecido, Sr. Dufresne, se eu lhe dissesse que o senhor não me parece ser do tipo que se suicida?

- Não - respondeu Andy. - Mas o senhor não me impressiona com sua sensibilidade aguçada, e duvido muito que eu levasse meu problema para o senhor se estivesse pensando em suicídio.

Neste momento, ouviu-se um riso abafado e tenso na sala, mas ele não ganhou nenhum ponto com o júri.

- O senhor carregava o seu 38 na noite de 10 de setembro?

- Não, como já declarei...

- Ah, sim! - O promotor sorriu sarcástico. - O senhor o atirou no rio, não foi? O rio Royal. Na tarde de 9 de setembro.

- Sim, senhor.

- Um dia antes dos assassinatos.

- Sim, senhor.

- Conveniente, não é?

- Nem conveniente, nem inconveniente. Apenas a verdade.

- Acredito que o senhor tenha ouvido o depoimento do tenente Mincher? - Mincher chefiou a turma que tinha dragado o trecho do rio Royal perto da ponte Pond Road, de onde Andy tinha dito que atirara o revólver. A polícia não o tinha encontrado.

- Sim, senhor. O senhor sabe que ouvi.

- Então, o senhor ouviu-o contar ao tribunal que eles não encontraram nenhum revólver, embora tenham dragado o rio durante três dias. Isso foi um tanto conveniente, não foi?

- Conveniência à parte, o fato é que eles não encontraram o revólver - respondeu Andy calmamente. - Mas eu gostaria de lembrar ao senhor e ao júri que a ponte Pond Road

está muito perto do local em que o rio Royal desemboca na baía de Yarmouth. A correnteza é forte. O revólver pode ter sido arrastado para a baía.

- E assim não se pode comparar os estriamentos das balas retiradas dos corpos ensangüentados de sua esposa e de Glenn Quentin com os estriamentos no cano de seu revólver. Isto é correto, não é, Sr. Dufresne?

- Sim.

- E é também um tanto conveniente, não é?

Nesse momento, segundo os jornais, Andy mostrou uma das poucas reações, levemente emocionais, a que se permitiu durante as seis semanas do julgamento. Um leve e amargo sorriso cruzou seu rosto.

- Já que sou inocente desse crime e já que estou dizendo a verdade sobre ter atirado o revólver no rio na véspera do dia do crime, o fato de que o revólver nunca tenha sido encontrado me parece decididamente inconveniente.

O promotor atormentou-o durante dois dias. Releu para Andy o depoimento do empregado da loja de variedades sobre os panos de prato. Andy repetiu que não se recordava de tê-los comprado, mas admitia que também não se recordava de não tê-los comprado.

Era verdade que Andy e Linda Dufresne tinham feito uma apólice de seguro conjunta no começo de 1947? Sim, era verdade. E se fosse absolvido, não era verdade que Andy estaria em situação de ganhar 50 mil dólares de benefício? Verdade. E não era verdade que ele tinha ido à casa de Glenn Quentin com ódio de morte em seu coração, e também não era verdade que tinha cometido assassinato duas vezes? Não, não era verdade. Então, o que ele achava que tinha acontecido, já que não havia sinais de roubo?

- Não tenho condições de responder a isso - disse Andy calmamente.

O processo foi para o júri a uma hora da tarde de uma Quarta-feira cheia de neve. Os doze jurados, homens e mulheres, voltaram as 3:30. O meirinho disse que eles deveriam ter voltado mais cedo, mas demoraram para que pudessem provar o frango do almoço do restaurante Bentley, às custas do condado. Eles o consideraram culpado, e, meu irmão, se o estado de Maine tivesse a pena de morte, ele teria "dançado" antes que os brotos da primavera emergissem da neve.

O promotor lhe perguntara o que ele achava que teria acontecido, e Andy esquivou-se à pergunta - mas ele tinha uma idéia, e a arranquei dele num fim de noite em 1955. Foram precisos 7 anos para evoluirmos de conhecidos para amigos - mas eu nunca me senti realmente chegado a Andy até 1960, e acredito que fui o único que chegou a ser seu amigo. Por sermos "perpétuos", ficamos no mesmo bloco do princípio ao fim, embora eu estivesse um pouco distante dele, no corredor.

- O que eu acho? - Ele riu - Mas não havia humor no seu riso. - Acho que havia muito azar pairando no ar naquela noite. Mais do que poderia caber novamente no mesmo

período de tempo. Acho que deve ter sido um estranho que passava por ali. Talvez alguém que tivesse um pneu furado naquela estrada depois que fui para casa. Talvez um ladrão. Talvez um psicopata. Ele os matou, é só. E eu estou aqui.

Muito simples. E ele estava condenado a passar o resto de sua vida em Shawshank - ou a parte que era importante. Cinco anos mais tarde ele começou a ter audiências para liberdade condicional e lhe negavam sistematicamente, apesar de ser um prisioneiro exemplar. Quando se tem assassinato carimbado no papel de admissão, conseguir um passe para fora de Shawshank é trabalho lento, tão lento quanto um rio desgastando uma rocha. Sete homens fazem parte da comissão, e mais dois na maioria das prisões estaduais, e cada um desses tem uma cabeça tão dura quanto pedra. Esses caras você não compra, não passa uma conversa e não pede nada chorando. O negócio em relação a essa comissão é "dinheiro não tem vez e ninguém sai do xadrez". Havia outras razões no caso de Andy também... mas isso fica um pouco mais adiante na minha história.

Havia um detento com regalias, chamado Kendricks, que me devia uma grana alta nos anos 50 elevou uns quatro anos até pagar tudo. A maior parte dos juros que ele me pagou foi em informações - na minha linha de trabalho você será um homem morto se não tiver um jeito de manter os olhos abertos e os ouvidos atentos. Esse Kendricks, por exemplo, tinha acesso a documentos que eu nunca veria durante meu serviço de operador do moinho de minérios na droga da oficina de placas.

Kendricks me contou que o voto da comissão de liberdade condicional foi sete a zero contra Andy Dufresne em 1957, seis a um em 58, sete a zero de novo em 59, e cinco a dois em 6O. Depois disso eu não sei, mas o que sei é que dezesseis anos mais tarde ele ainda estava na cela 14 do bloco 5. Nessa época, 1975, ele já tinha 15 anos. Eles provavelmente seriam generosos e o deixariam sair em 1983. Eles dão a você uma sentença para a vida toda e é a vida que eles te tiram - pelo menos, tudo dela que vale a pena. Talvez eles deixem você sair algum dia, mas escute bem: eu conhecia um cara, Sherwood Bolton era seu nome, e ele tinha um pombo em sua cela. Teve esse pombo de 1945 até 1953, quando o deixaram sair. Ele não era nenhum Homem Pássaro de Alcatraz; só tinha esse pombo - Jake, assim o chamava. Ele libertou Jake um dia antes da sua saída, e Jake foi embora, voando, alegre e bonito. Mas cerca de uma semana depois, um amigo me levou até o lado oeste do pátio de exercícios, onde Sherwood costumava ficar. Um pássaro estava deitado lá, como se fosse um montinho de roupa suja. Parecia faminto. Meu amigo disse: "Não é Jake, Red?" Era. O pombo estava "mortinho da silva".

Eu lembro da primeira vez que Andy Dufresne entrou em contato comigo; me lembro como se fosse ontem. Não foi aquela vez que pediu Rita Hayworth, não. Isso foi depois. Naquele verão de 1948 ele se aproximou de mim por uma outra razão.

A maioria dos meus negócios é feita lá mesmo no pátio de exercícios, e foi onde esse aconteceu também. Nosso pátio é grande, bem maior que os outros. É um quadrado perfeito de 90 metros de lado. No lado norte fica um muro com torres de guarda em cada extremidade. Os guardas lá de cima são equipados com binóculos e armas contra motim. O portão principal fica no lado norte. As áreas de carga e descarga de caminhões ficam no lado sul do pátio. Há cinco dessas áreas. Shawshank é movimentado durante a semana - entregas chegando, entregas saindo. Nós temos uma fábrica de placas de

automóveis e uma grande lavanderia industrial que lava toda a roupa da prisão e mais a do Hospital Kittery Receiving e a da Casa de Saúde Eliot. Há também uma grande oficina onde os presidiários mecânicos consertam veículos municipais, estaduais e da prisão - sem falar nos carros particulares dos guardas, da administração... e em mais de uma ocasião, os da comissão de livramento condicional.

No lado leste há uma grossa parede de pedra com pequeninas janelas estreitas. O bloco 5 fica do outro lado dessa parede. No lado oeste ficam a administração e a enfermaria. Shawshank nunca ficou superlotada como a maioria das prisões, e em 1948 somente 2/3 da sua capacidade estavam preenchidos, mas a qualquer momento poderia haver de oitenta a cento e vinte detentos no pátio, jogando futebol ou beisebol, jogando dados, matraqueando uns com os outros, fazendo negócios. No domingo o lugar ficava ainda mais cheio; no domingo o lugar se pareceria com uma festa ao ar livre... se houvesse mulheres.

Foi num domingo que Andy se aproximou pela primeira vez. Eu tinha acabado de falar sobre um rádio com Elmore Armitage, um companheiro que me "quebrava uns galhos" de vez em quando, quando Andy chegou. Eu sabia quem ele era; tinha fama de ser um cara pretensioso e frio. O pessoal dizia que ele estava sempre pronto para uma confusão. Uma das pessoas que dizia isso era Bogs Diamond, um cara ruim para se ter por perto. Andy não tinha companheiro de cela, e esse era o jeito que ele queria, embora já estivessem dizendo que ele pensava que seu cocô era mais cheiroso que o dos outros. Mas eu não presto atenção a boatos sobre um homem quando posso julgá-lo por mim mesmo.

- Oi - disse ele. - Sou Andy Dufresne. - Estendeu-me a mão e eu o cumprimentei. Não era homem de perder tempo com amabilidades sociais; foi direto ao assunto: - Ouvi dizer que você é um cara que sabe como conseguir as coisas.

Concordei que eu era capaz de localizar certos artigos de vez em quando.

- Como faz isso? - perguntou Andy.

- As vezes - respondi, - parece que as coisas vêm direto para as minhas mãos. É um troço inexplicável. A menos que seja porque sou irlandês.

Ele deu um breve sorriso.

- Será que você me conseguiria um cinzel?

- O que é isso, e por que você quer?

Andy pareceu surpreso.

- As motivações fazem parte do seu negócio? - Usando palavras assim, pude entender por que ele tinha ganho fama de pretensioso, o tipo do cara que se dá ares de grandeza; mas percebi uma minúscula ponta de humor em sua pergunta.

- Escute bem - respondi. - Se você quisesse uma escova de dentes eu não faria

perguntas. Eu lhe daria um preço. Porque, veja bem, uma escova de dentes é um objeto não letal.

- Você se opõe a objetos letais?

- Sim, me oponho.

Uma bola de beisebol, velha e remendada com fita isolante voou em nossa direção, e ele se virou com uma agilidade felina e pegou-a no ar. Foi uma jogada que deixaria Frank Malzone orgulhoso. Andy atirou a bola de volta - só um movimento de pulso, rápido e aparentemente fácil, mas aquele arremesso tinha malícia. Eu podia ver muita gente nos observando de rabo de olho enquanto faziam outras coisas. Provavelmente os guardas na torre estavam observando também. Não vou chover no molhado, mas em qualquer prisão há detentos que têm influência, talvez uns quatro ou cinco em uma prisão pequena, talvez umas duas ou três dúzias numa grande penitenciária. Em Shawshank eu era um desses, e o que eu achava de Andy Dufresne teria muito a ver com o modo pelo qual ele passaria sua estada aqui. Ele sabia disso também, mas não estava me bajulando ou puxando o meu saco, e por esse motivo eu o respeitei.

- É justo. Vou lhe dizer para o que é que eu quero. Um cinzel parece com uma picareta em miniatura - desse tamanho. Ele colocou as mãos cerca de trinta centímetros uma da outra, e foi quando notei como suas unhas eram aparadas e limpas. - Tem um pico afiado numa extremidade e uma cabeça de martelo chata e rombuda na outra. Eu quero porque gosto de rochas.

- Rochas - repeti.

- Sente aqui um pouco - disse ele.

Fiz sua vontade. Nós nos agachamos como índios.

Andy pegou um bocado de terra do pátio e peneirou-a com suas mãos limpas, de maneira que esta saía como uma nuvem fina. Sobraram pequenos seixos, um ou dois faiscantes, o resto opaco e feio. Um dos opacos era quartzo, mas era opaco só até que se esfregasse, limpando-o. Aí tinha um bonito brilho leitoso. Andy limpou-o e jogou-o para mim. Peguei-o e disse o nome:

- Quartzo, com certeza - disse ele. - E olhe só: mica, xisto, granito sedimentado. Esse é um terreno de rocha calcária em declive, da época em que cortaram este lugar do lado do morro. Jogou-os fora e limpou as mãos. - Sou um "caça-rochas". Pelo menos... era um "caça-rochas". Na minha antiga vida. Gostaria de ser outra vez, numa escala reduzida.

- Excursões domingueíras pelo pátio de exercícios? - perguntei, me levantando. Era uma idéia boba, e ainda assim... aquele pedacinho de quartzo me deu um aperto estranho no coração. Não sei exatamente por quê; só uma associação com o mundo lá fora, acho eu. Não se pensa em encontrar tais coisas em pátios de prisão. Quartzo é algo que se acha em pequeninos e velozes riachos.

- Melhor ter excursões domingueiras aqui do que não tê-las - retorquiu ele.

- Você poderia enfiar o cinzel no crânio de alguém - observei.

- Não tenho inimigos aqui - disse ele calmo.

- Não? - Eu sorri. - Espere um pouco.

- Se houver problemas, posso resolver sem usar o cinzel.

- Talvez você queira tentar fugir? Passar sob o muro. Porque se você tentar...

Ele sorriu educadamente. Três semanas depois, quando vi o cinzel, entendi o porquê.

- Sabe - disse eu, - se virem você com isso, vão tomar. Se eles vissem você com uma colher, também tomariam. O que é que você vai fazer, sentar aqui no pátio e começar a martelar?

- Acho que posso fazer melhor do que isso.

Assenti com a cabeça. De qualquer jeito, essa parte não era da minha conta. Um cara contrata meus serviços para arranjar alguma coisa para ele. Se depois ele puder guardá-la ou não, é problema dele.

- Quanto custaria um artigo como esse? - perguntei. Eu estava começando a gostar de seu jeito calmo e discreto. Quando se passa dez anos no xadrez, fica-se terrivelmente cansado dos fanfarrões e papos-furados. Sim, seria justo dizer que gostei de Andy desde o começo.

- Oito dólares em qualquer loja de pedras semipreciosas disse ele, - mas sei que num negócio como o seu existe um adicional...

- Minha taxa atual é um adicional de 10%, mas cobro mais por um artigo perigoso. Para o tipo de coisa que você quer, é preciso um pouco mais de "graxa" para fazer a engrenagem funcionar. Vamos dizer 10 dólares.

- Está bem, 10.

Olhei para ele, sorrindo um pouco. - Você tem 10 dólares?

- Tenho - disse ele calmamente.

Muito tempo depois descobri que ele tinha trazido mais de 500 dólares. Quando você se registra neste "hotel", um dos guardas faz você curvar-se e dá uma olhada no seu "negócio" - mas há muitos negócios para olhar e, para faiar sem rodeios, se o cara estiver realmente a fim pode enfiar um objeto bastante grande no seu "negócio" - fundo o bastante para sumir de vista, a não ser que o guarda esteja disposto a usar uma luva de borracha e cutucar.

- Está bem - disse eu. - Você deve saber o que fie espera se for apanhado com o artigo que eu arrumar.

- Acho que sei - disse ele, e percebi pela leve mudança em seus olhos cinzentos que ele sabia exatamente o que eu ia dizer. Era um leve brilho, um lampejo de seu especial humor irônico.

- Se você for apanhado, dirá que achou. Isso é para encurtar a história. Vão colocar você na solitária por três ou quatro semanas... e mais, é claro, você vai perder seu brinquedo e ganhar uma nota ruim no seu boletim. Se você disser meu nome a eles, nunca mais faremos negócio. Nem para um par de cadarços de tênis ou um saco de batatinha frita. E eu mandaria uns caras te acertar. Não gosto de violência, mas você entende minha posição. Não posso deixar que pensem que não sei me defender. Seria o meu fim.

- É, acho que sim. Eu entendo, não precisa se preocupar.

- Eu nunca me preocupo - respondi. - Num lugar como este não se leva porcentagem com isso.

Ele assentiu e foi embora. Três dias depois andou ao meu lado durante o descanso da manhã na lavanderia. Não falou nem me olhou, mas pôs uma nota de 10 dólares na minha mão com tanta agilidade quanto um mágico com suas cartas. Era um homem que se adaptava rapidamente. Arranjei o cinzel. Fiquei com ele na minha cela por uma noite e era exatamente como Andy o descrevera. Não era uma ferramenta para fugas (levaria uns seiscentos anos para um homem cavar um túnel sob o muro usando um cinzel, imaginei), mas mesmo. assim eu tinha algumas dúvidas. Se aquele cinzel fosse enfiado na cabeça de alguém, essa pessoa certamente jamais escutaria outra vez o programa Fibber McGee e Molly no rádio. E Andy já tinha começado a ter problemas com as "irmãs". Eu esperava que não fosse para elas que Andy queria o cinzel.

No fim, confiei em meu julgamento. No dia seguinte bem cedo, vinte minutos antes do toque de alvorada, passei o cinzel e um maço de Camel às escondidas para Ernie, o velho detento que varria os corredores do bloco 5, até que foi solto em 1956. Ele o colocou em seu uniforme sem uma palavra, e eu não vi mais o cinzel durante dezenove anos, e a essa altura já estava completamente gasto de tanto uso.

No domingo seguinte, Andy se aproximou de mim novamente no pátio de exercícios. Parecia um trapo naquele dia. Seu lábio inferior estava tão inchado que parecia uma lingüiça, o olho direito estava meio fechado de tão inchado e havia um arranhão feio na face. Ele estava tendo problemas com as "irmãs", mas nunca falou sobre isso.

- Obrigado pela ferramenta - disse. E foi embora.

Eu o observei curiosamente. Ele andou um pouco, viu alguma coisa no chão, curvou-se e pegou-a. Era uma pedrinha. Os uniformes da prisão não têm bolsos, exceto os usados pelos mecânicos quando estão em serviço. Mas dá-se um jeito nisso. A pedrinha desapareceu pela manga de Andy e não voltou. Eu me admirei disso... e o admirei também. Apesar dos seus problemas, ele estava levando sua vida. Há milhares que não o fazem ou não o querem, ou ainda não o podem, e muitos desses não estão na prisão. E

notei que, embora seu rosto parecesse ter sido amassado por um rolo compressor, suas mão estavam limpas e as unhas bem aparadas.

Eu não o vi muito nos seis meses seguintes; Andy passou um bocado de tempo na solitária.

Umas poucas palavras sobre as "irmãs".

Em muitas prisões eles são conhecidos como "veados machos" ou "bonecas do xadrez" - atualmente o nome da moda é "rainhas assassinas". Mas em Shawshank eles sempre foram as "irmãs". Não sei por quê, mas fora o nome, não há diferença.

Não é surpresa alguma para muitos hoje em dia que exista um bocado de sodomia no interior das prisões - exceto para alguns dos novatos, talvez, que têm a infelicidade de serem jovens, esbeltos, bonitos e incautos - mas a homossexualidade, como a heterossexualidade, tem centenas de variedades e formas diferentes. Há homens que não suportam viver sem alguma forma de sexo e procuram outro homem para não ficarem loucos. Normalmente o que acontece é um arranjo entre dois homens fundamentalmente heterossexuais, embora eu às vezes ficasse pensando se eles eram mesmo tão heterossexuais como pensavam que seriam quando voltassem para suas esposas ou namoradas.

Existem também os homens que "viram casaca" na prisão. Na linguagem atual eles viram gays ou "saem do armário". Na maioria das vezes (mas nem sempre) desempenham o papel de fêmea, e seus favores são acirradamente disputados.

E há as "irmãs".

Eles estão para a sociedade carcerária assim como o estuprador está para a sociedade livre. Normalmente têm prisão perpétua, cumprindo penas rigorosas por crimes brutais. Suas presas são os jovens, os fracos e os inexperientes... ou, como no caso de Andy Dufresne, os que parecem fracos. Seus locais de caçada são os chuveiros, as áreas apertadas como os túneis atrás das enormes máquinas de lavar na lavanderia, algumas vezes a enfermaria. Mais de uma vez já houve estupro na minúscula cabine de projeção atrás do auditório. Na maioria das vezes, o que as irmãs conseguem à força poderia ser feito com boa vontade se elas assim o quisessem; aqueles que "viraram casaca" parecem sempre nutrir "paixões" por alguma irmã, como adolescentes por seus Sinatras, Presleys ou Redfords. Quanto às irmãs, porém, sua satisfação é sempre fazer à força... e acho que sempre será assim.

Por causa de sua pequena estatura e por ter boa aparência (e talvez também pela sua presença de espírito, que eu admirava), as irmãs perseguiram Andy desde a hora em que entrou aqui. Se isso fosse um conto de fadas, eu diria que Andy lutou até que o deixaram em paz. Quisera poder dizer isso, mas não posso. A prisão não é nenhum mundo de contos de fadas.

Sua primeira vez foi no chuveiro, menos de três dias depois de ter entrado para a nossa feliz .família Shawshank. Só muito tapinha e cócegas naquela vez, eu sei. Eles gostam de avaliar o cara antes de fazerem uma jogada firme, como chacais descobrindo se a

presa está tão fraca e estropiada quanto parece.

Andy reagiu com uns socos e abriu o lábio de Bogs Diamond, uma irmã pesada e grandalhona - que só Deus sabe por onde anda agora. Um guarda os separou antes que acontecesse alguma coisa, mas Bogs prometeu pega-lo - e Bogs cumpriu a promessa.

A segunda vez foi atrás das máquinas de lavar. Muita coisa já aconteceu nesses anos naquele espaço estreito, longo e empoeirado; os guardas sabem disso e deixam acontecer. E escuro e coberto com sacos de compostos para lavar e alvejar, tambores cheios de catalisador Hexlite, tão inofensivo quanto sal se suas mãos estão secas, mortal como ácido de bateria se estão molhadas. Os guardas não gostam de ir lá. Não há por onde escapar, e uma das primeiras coisas que te ensinam quando se vem trabalhar nesse lugar é nunca deixar os caras te levarem para um lugar onde não há saída.

Bogs não estava lá nesse dia, mas Henley Backus, que era o chefe da turma de lavagem desde 1922, me contou que quatro dos amigos de Bogs estavam. Andy os manteve acuados por algum tempo com um punhado de Hexlite, ameaçando joga-lo nos olhos deles se chegassem mais perto, mas tropeçou quando tentava passar atrás de uma das grandes máquinas de quatro tambores. Bastou isso. Caíram em cima dele.

Acho que a expressão "curra" não muda muito de uma geração para outra. E foi isso que aquelas quatro irmãs fizeram com ele. Eles o deitaram sobre uma caixa de transmissão e um deles segurou uma chave Phillips contra sua cabeça enquanto os outros faziam sua parte. O negócio rasga você um pouco, mas não muito - se estou falando por experiência própria? - quisera eu que não fosse. Você sangra por um tempo. Se você não quiser que algum palhaço lhe pergunte se suas regras começaram, faça um chumaço de papel higiênico e ponha na cueca até que o sangramento pare. Esse sangramento é mesmo como uma menstruação; dura dois, talvez três dias, pingando devagar. E aí pára. Sem prejuízo nenhum, a menos que eles tenham feito alguma coisa mais antinatural ainda. Nenhum dano físico - mas estupro é estupro, e você acaba tendo que olhar seu rosto no espelho de novo e decidir o que fazer de você mesmo.

Andy passou por isso sozinho, do jeito que passou por tudo sozinho naqueles dias. Deve ter chegado à conclusão a que outros chegaram antes dele, ou seja, que só há duas maneiras de lidar com as irmãs: lutar contra elas e ser agarrado, ou simplesmente ser agarrado.

Ele decidiu lutar. Quando Bogs e dois de seus cupinchas vieram atrás dele, mais ou menos uma semana depois do incidente na lavanderia (- Ouvi dizer que você foi amaciado - disse Bogs, segundo a versão de Ernie, que estava por perto naquela hora), Andy partiu para cima deles. Quebrou o nariz de um cara chamado Rooster MacBride, um caipira de barriga grande que estava preso por ter batido em sua enteada até matá-la. Fico feliz em dizer que Rooster morreu aqui.

Eles o pegaram, todos os três. Quando acabaram, Rooster e o outro sujeito - acho que foi Pete Verness, mas não estou certo - forçaram Andy a ajoelhar-se. Bogs Diamond ficou na frente dele. Tinha uma navalha com o cabo de madrepérola com as palavras "Diamond Pearl" gravada nos dois lados do cabo. Ele a abriu e disse: - Eu vou abrir minha braguilha agora, cara, e você vai chupar o que eu te der para chupar. E quando

você tiver chupado o meu, vai chupar o de Rooster. Você quebrou o nariz dele e eu acho que ele tem que ter alguma recompensa.

Andy disse: - Qualquer coisa sua que você enfiar na minha boca, vai ficar sem ela.

Bogs olhou para Andy como se ele fosse doido, contou-me Ernie.

- Não - disse a Andy, bem devagar, como se Andy fosse uma criança imbecil. - Você não entendeu o que eu disse. Se você fizer qualquer coisa desse tipo eu enfio oito polegadas desta lâmina de aço dentro do seu ouvido. Sacou?

- Eu entendi o que você disse. Você é que não entendeu o que eu disse. Eu vou morder qualquer coisa que você ponha na minha boca. Pode enfiar essa navalha na minha cabeça, mas você deve saber que um ferimento grave e súbito no cérebro faz com que a vítima urine e defeque ao mesmo tempo... e morda.

Ele olhou para Bogs, com aquele sorriso discreto, como contou o velho Ernie, como se os três estivessem discutindo ações e títulos, e não jogando duro do jeito que estavam. Como se ele estivesse usando um de seus ternos de banqueiro ao invés de estar ajoelhado num chão sujo de um quartinho de limpeza com as calças arriadas nos tornozelos e sangue pingando por entre as coxas.

- Na verdade - ele continuou, - eu sei que o reflexo de morder algumas vezes é tão forte que os maxilares da vítima têm que ser abertos com pé-de-cabra.

Bogs não botou nada na boca de Andy naquela noite em fins de fevereiro de 1948, e Rooster MacBride também não, e ninguém mais o fez, que eu saiba. O que os três fizeram foi baterem Andy até quase matá-lo, e os quatro acabaram passando um tempo na solitária. Andy e MacBride passaram antes pela enfermaria.

Quantas vezes esse mesmo bando o agarrou? Não sei. Acho que Rooster perdeu o apetite bem depressa - tala no nariz durante um mês deixa qualquer um assim - e Bogs Diamond parou com isso de súbito naquele verão.

Aquilo foi estranho. Bogs foi encontrado em sua cela, mortalmente espancado numa manhã no começo de junho, quando não apareceu para a contagem da hora do café da manhã. Ele não contou quem tinha feito o serviço ou como tinham chegado até ele, mas no meu ramo de negócios sei que um guarda pode ser subornado para fazer quase tudo, exceto arranjar uma arma para um detento. Eles não ganhavam um bom salário naquela época, tampouco agora. E naquele tempo não havia sistema de trancamento eletrônico nem circuito fechado de televisão, nem chaves gerais que controlassem áreas inteiras da prisão. Em 1948, cada bloco de celas tinha seu próprio carcereiro. Um guarda podia ser comprado facilmente para deixar alguém entrar - talvez uma ou duas pessoas - no bloco, e até na cela de Diamond.

É claro que um serviço desse tipo teria custado muito dinheiro. Não para os padrões externos, claro. A economia de uma prisão funciona em escala muito menor. Quando se está aqui há algum tempo, um dólar em sua mão é igual a vinte do lado de fora. Meu palpite é que, se Bogs foi "amassado", isso custou a alguém uma boa nota - quinze

dólares, eu diria, para o carcereiro, e dois ou três por cabeça para cada "justiceiro".

Não estou dizendo que tenha sido Andy Dufresne, mas eu sei que ele trouxe quinhentos dólares quando veio para cá, e ele era um banqueiro lá fora - um homem que entende melhor do que todos nós as maneiras pelas quais dinheiro se transforma em poder.

E isso eu sei: depois do espancamento - três costelas quebradas, hemorragia no olho, as costas torcidas e o quadril deslocado - Bogs Diamond deixou Andy em paz. Na verdade, ele deixou todo mundo em paz. Ele ficou como um vento forte de verão, muita fúria e nenhum frio. Pode-se dizer que ele se transformou numa "irmã frouxa".

Este foi o fim de Bogs Diamond, um homem que poderia ter matado Andy, se Andy não tivesse tomado medidas preventivas (se é que foi Andy quem tomou as medidas). Mas não foi o fim dos problemas de Andy com as irmãs. Houve um pequeno intervalo, e então começou tudo de novo, embora não fosse tão duro ou tão freqüente. Chacais gostam de presa fácil, e havia outras mais fáceis que Andy Dufresne.

Ele sempre lutou contra elas, isso é o que eu lembro. Acho que ele sabia que se se deixasse agarrar uma vez sem luta, iria tornar a próxima vez muito mais fácil. Assim Andy aparecia de vez em quando com equimoses no rosto, e houve um negócio de dois dedos quebrados seis ou oito meses depois do espancamento de Diamond. Ah, sim - uma vez, em fins de 1949, o homem pousou na enfermaria com o malar quebrado, que era provavelmente o resultado de alguém balançando um lindo pedaço de cano com a ponta embrulhada em flanela. Ele sempre lutou, e como conseqüência passou temporadas na solitária. Mas não acho que a solitária fosse para Andy a dureza que era para alguns homens. Ele se dava bem consigo mesmo.

As irmãs foram algo a que ele se adaptou - e então, em 1950, isso parou quase que totalmente. Esta é uma parte da minha história a que voltarei no devido tempo.

No outono de 1948, Andy me encontrou uma manhã no pátio de exercícios e me perguntou se eu poderia conseguir uma meia dúzia de cobertores de rocha.

- Que diabo é isso? - perguntei.

Ele me explicou que era como os caçadores de rochas os chamavam; eram panos de polimento do tamanho de panos de prato.

Eram pesadamente acolchoados, com um lado macio e um áspero - o lado macio como uma lixa muito fina, o áspero quase tão abrasivo quanto palha de aço industrial (Andy tinha uma caixa deles em sua cela, embora não os tivesse arranjado comigo - imagino que os tivesse afanado na lavanderia da prisão).

Respondi que achava que podia fazer negócio com os cobertores, e os obtive da mesma loja em que tinha conseguido o cinzel. Desta vez cobrei de Andy meus dez por cento normais e nem mais um centavo. Eu não vi nada letal ou mesmo perigoso em uma dúzia de panos acolchoados quadrados de 15 por 15. Cobertores de rocha, certamente.

Foi mais ou menos cinco meses depois que Andy me perguntou se eu poderia conseguir

Rita Hayworth para ele. A conversa foi no auditório durante um filme. Hoje em dia temos filmes uma ou duas vezes por semana, mas naquela época eram um acontecimento mensal. Normalmente os filmes a que assistíamos tinham uma mensagem moralmente edificante, e esse, The Lost Weekend, não fugia à regra. A moral era o perigo da bebida. Uma moral na qual podia-se obter algum alento.

Andy conseguiu ficar perto de mim, e na metade do filme ele se inclinou e perguntou se eu poderia conseguir a Rita Hayworth. Para dizer a verdade, isso me grilou. Ele normalmente era calmo, frio e senhor de si, mas naquela noite estava uma pilha de nervos, quase constrangido, como se estivesse me pedindo para arranjar um carregamento de camisinhas-de-vênus ou um daqueles negocinhos forrados de pele de ovelha que "intensificam seu prazer solitário", como anunciam as revistas. Parecia eletrizado, supercarregado, um cara a ponto de ferver seu radiador.

- Posso - disse eu. - Sem grilos, se acalme. Você quer a pequena ou a grande? - Naquele tempo, Rita era minha garota favorita (uns anos antes tinha sido Betty Grable), e ela vinha em dois tamanhos. Por um dólar você podia ter a pequena Rita. Por dois e cinqüenta, a grande Rita, um metro e trinta só de mulher.

- A grande - respondeu ele sem me olhar. Ele estava a mil naquela noite. Corava como um garoto tentando entrar num filme pornô com a carteira de seu irmão mais velho. - Você pode conseguir?

- Calma, cara, é claro que posso. - A platéia estava aplaudindo e gritando enquanto os insetos caíam das paredes para pegar Ray Milland, que estava em estado grave de delírium tremens.

- Quando?

- Uma semana. Talvez menos.

- Está bem. - Mas ele parecia decepcionado, como se esperasse que eu tivesse uma escondida nas minhas calças naquele instante. - Quanto?

Eu disse a ele o preço de custo. Podia me dar ao luxo de vender-lhe isso a preço de custo, era um bom cliente - haja vista o cinzel e os cobertores de rocha. Além disso, era um bom sujeito em mais de uma noite quando estava tendo problemas com Bogs, Rooster e o resto, eu pensava quanto tempo levaria para usar o cinzel para partir a cabeça de alguém.

Posters são uma fatia grande do meu negócio, logo abaixo de bebidas e cigarros, normalmente um pouquinho acima de baseados. Nos anos sessenta o negócio explodiu em todas as direções, com muita gente querendo posters incrementados de Jimi Hendrix, Bob Dylan e aquele do filme Sem Destino. Mas a maior parte é de garotas; uma rainha de pin-up após a outra.

Dias depois de Andy falar comigo, um motorista da lavanderia com quem eu tinha feito uns negócios anteriormente trouxe mais de sessenta postecs, a maioria de Rita Hayworth. Você talvez até se lembre da foto; eu me lembro. Rita está vestida - ou meio

vestida - com um maiô, uma mão atrás da cabeça, os olhos semicerrados, os lábios vermelhos e carnudos entreabertos. Chamavam essa foto de Rita Hayworth, mas bem que podiam tê-la chamado de "mulher no cio".

Se vocês estiverem pensando sobre o assunto, deixe-me dizer que a administração sabe sobre o mercado negro. E claro que eles sabem. Provavelmente sabem quase tanto sobre meu negócio quanto eu. Eles aceitam porque sabem que uma prisão é como uma grande panela de pressão, e tem que haver válvulas de escape para deixar sair algum vapor. Eles dão batidas ocasionais, e já fui para a solitária umas três vezes nesses anos, mas quando se trata de posters eles fazem vista grossa. Viva e deixe viver. E quando uma grande Rita Hayworth aparecia na parede de alguma cela, presumia-se que tivesse vindo pelo correio, mandada por algum amigo ou parente. E claro que todos os pacotes de amigos e parentes são abertos e o conteúdo é relacionado, mas quem vai examinar e verificar a relação de conteúdo para uma coisa tão insignificante quanto um poster de Rita Hayworth ou de Ava Gardner? Quando você está numa panela de pressão, aprende a viver e deixar viver, ou alguém te abre uma nova boca bem acima do pomo-de-adão. Você aprende a ser tolerante.

Foi Ernie novamente quem levou o poster da minha cela, a n° 6, para a cela de Andy, a n° 14. E foi Ernie quem trouxe o bilhete, escrito com a letra cuidadosa de Andy, de uma só palavra: "Obrigado."

Um pouco mais tarde, enquanto nos enfileirávamos para o rango da manhã, dei uma olhada em sua cela e pude ver Rita em cima de seu catre em toda a glória de seu maiô, a mão atrás da cabeça, os olhos semicerrados, aqueles macios e acetinados lábios entreabertos. Estava acima de seu catre de maneira que ele pudesse olhá-la à noite, depois das luzes apagadas, na luminescência das luzes de sódio do pátio de exercícios.

Mas à luz brilhante do sol da manhã, havia tarjas escuras em seu rosto - a sombra das grades de sua única janela estreita.

Agora vou contar o que aconteceu em meados de maio de 1950, que finalmente encerrou a série de três anos de conflitos entre Andy e as irmãs. Foi também esse incidente que fez com que ele saísse da lavanderia e fosse para a biblioteca, onde preencheu seu tempo até deixar nossa pequena família feliz no princípio deste ano.

Vocês já notaram que muito do que contei aqui foi na base do "ouvi dizer" - alguém viu alguma coisa, me contou e eu lhes contei. Bem, em alguns casos simplifiquei o negócio mais ainda e tenho repetido (ou repetirei) informações de quarta ou quinta mão. Aqui é assim. A rede de boatos é muito real, e você tem que usá-la se quiser estar sempre à frente. E também, é claro, você tem que saber separar o trigo da verdade do joio de mentiras, rumores e histórias do tipo "queria que tivesse sido assim".

Também deve ter passado pela cabeça de vocês que estou descrevendo alguém que é mais lenda do que homem, e eu teria que concordar que há alguma verdade nisso. Para nós, os "perpétuos", que conhecemos Andy durante anos, havia nele um elemento de fantasia, um sentido quase de mágica-mito, se vocês sabem o que quero dizer. A história que contei sobre Andy recusando-se a dar uma chupada em Bogs Diamond é parte do mito, e como ele continuou a lutar contra as irmãs é parte do mito, e como ele conseguiu

o trabalho na biblioteca também é... mas com uma diferença importante: eu estava lá e vi o que aconteceu, e juro pela minha mãe que é tudo verdade. O juramento de um assassino condenado pode não valer muito, mas acreditem: eu não minto.

Nessa época, Andy e eu conversávamos razoavelmente. O cara era fascinante. Recordando o episódio do poster, vejo que há uma coisa que deixei de contar, e talvez eu devesse. Cinco semanas depois que ele pendurou Rita na parede (eu já tinha esquecido completamente e estava fazendo outros negócios), Ernie passou uma pequena caixa branca pelas grades de minha cela.

- De Dufresne - disse ele em voz baixa, sem parar de varrer.

- Obrigado, Ernie - disse eu, e dei a ele meio maço de Camel.

Que diabo seria aquilo, eu pensava enquanto tirava a tampa da caixa. Havia um bocado de algodão, e embaixo do algodão...

Fiquei olhando por um bom tempo. Por alguns minutos foi como se eu não ousasse tocá-los, eram tão lindos... Há uma notória escassez de coisas bonitas no xadrez, e o pior disso é que muitos homens parecem não sentir falta delas.

Dentro da caixa havia dois pedaços de quartzo, ambos cuidadosamente polidos. Tinham sido lapidados na forma de troncos flutuantes dos rios. Viam-se pequeninas chispas de pirita amarela que pareciam salpicos de ouro. Se não fossem tão pesados, fariam um belo par de abotoaduras - eram quase um par perfeito.

Quanto trabalho tinha sido posto na criação daquelas duas peças? Horas e horas depois das luzes apagadas, eu sabia. Primeiro o desbastamento e a lapidação, e depois o interminável polimento e acabamento com aqueles cobertores de rocha. Olhando para eles, senti o entusiasmo que qualquer homem ou mulher sente quando vê alguma coisa bela, alguma coisa que foi trabalhada e feita acho que é isso realmente que nos diferencia dos animais - e senti outra coisa também. Um sentimento de temor pela feroz persistência do homem. Mas eu nunca percebi o quanto Andy Dufresne podia ser persistente até muito mais tarde.

Em maio de 1950, os poderes vigentes decidiram que o telhado da fábrica de placas de veículos tinha que ser recoberto com alcatrão. Queriam o serviço pronto antes que ficasse muito quente lá em cima, e pediram voluntários para o trabalho, que devia levar mais ou menos uma semana. Mais de setenta homens se ofereceram, porque era trabalho ao ar livre, e maio é um ótimo mês para serviços ao ar livre. Nove ou dez nomes foram sorteados num chapéu, e dois deles foram o meu e o de Andy.

Na semana seguinte, marchávamos para o pátio depois do café da manhã, com dois guardas à frente e mais dois atrás... e mais todos os guardas nas torres de sobreaviso na operação com seus binóculos, como precaução.

Quatro de nós carregávamos uma escada de extensão naquelas marchas matinais - sempre achei um barato o nome pelo qual Dickie Betts, que estava no serviço, chamava aquele tipo de escada: extensível - e a encostávamos naquele edifício baixo. Então

começávamos a passar baldes de alcatrão quente até o telhado. Derrame aquela merda em você e você vai dançando swing até a enfermaria.

Havia seis guardas no projeto, todos escolhidos na base de tempo de serviço. Era quase tão bom quanto uma semana de férias, porque ao invés de suar na lavanderia ou na oficina de placas, ou ficar com um bando de presos cortando polpa de frutos ou gravetos em algum lugar, eles estavam tendo um feriado ao sol de maio, recostados no parapeito baixo, jogando conversa fora.

Eles não precisavam nem dar uma olhadinha em nossa direção, porque o posto de sentinela do muro sul estava bastante próximo, de modo que os caras lá de cima poderiam cuspir em nós, se quisessem. Se qualquer um do nosso grupo de trabalho fizesse algum movimento estranho, seriam necessários apenas quatro segundos para ser cortado ao meio com uma rajada de metralhadora calibre .45. Desse modo, os seis guardas estavam simplesmente sentados lá, numa boa. Tudo o que eles queriam era uma dúzia de cervejas enterradas em gelo moído, e seriam os senhores de toda a criação.

Um deles era um sujeito chamado Byron Hadley e, em 1950, ele estava em Shawshank há mais tempo do que eu. Há mais tempo do que os dois últimos diretores juntos. O cara que comandava o espetáculo em 1950 era um ianque do leste com jeito de maricas chamado George Dunahy. Era formado em administração penal. Que eu saiba, ninguém gostava dele, exceto o pessoal que o tinha nomeado. Eu soube que ele só estava interessado em três coisas: em compilar estatísticas para um livro (que mais tarde foi publicado por uma pequena editora da Nova Inglaterra, chamada Light Side Press, onde ele certamente pagou para tê-lo publicado); saber qual o time que tinha ganho o campeonato regional de beisebol em setembro; e conseguir uma lei de pena de morte para o estado do Maine. Era um árduo defensor da pena de morte, esse George Dunahy. Foi demitido em 1953, quando se noticiou que estava administrando um serviço mecânico com desconto na garagem da prisão e dividindo o lucro com Byron Hadley e Greg Stammas. Hadley e Stammas saíram dessa sem um arranhão - eram macacos velhos o bastante para cobrirem os seus traseiros - mas Dunahy dançou. Ninguém ficou triste com a sua saída, mas também ninguém ficou feliz de ver Greg Stammas tomar seu lugar. Greg era baixo, tinha uma barriga dura e os olhos castanhos mais feios que já vi. Tinha sempre um sorriso forçado, contraído e doloroso em seu rosto, como se quisesse ir ao banheiro e não conseguisse Durante o período de Stammas como diretor houve muita brutalidade em Shawshank, e, apesar de não ter provas, creio que houve pelo menos uma meia dúzia de enterros noturnos na pequena floresta de moitas a leste da prisão. Dunahy era mau, mas Greg Stammas era um homem cruel, odioso, um coração de pedra.

Ele e Byron Hadléy eram bons amigos. Como diretor, George Dunahy era só uma figura decorativa; era Stammas, e através dele Hadley, quem realmente administrava a prisão.

Hadley era um homem alto e desajeitado com poucos cabelos ruivos. Queimava-se facilmente ao sol, falava alto, e se você não andasse depressa para agradá-lo, levava uma sarrafada. Naquele dia, que era o nosso terceiro no telhado, ele estava conversando com um outro guarda chamado Mert Entwhistle.

Hadley tinha recebido notícias excepcionalmente boas e estava resmungando a respeito.

Este era seu estilo - era um homem ingrato que não tinha uma palavra boa para ninguém, um homem convencido de que o mundo inteiro estava contra ele. O mundo o tinha lesado nos melhores anos de sua vida, e o mundo ficaria mais feliz em lesá-lo no resto. Já vi alguns guardas que eu pensava serem quase santos, e acho que sei por que isso acontece - eles são capazes de ver a diferença entre suas próprias vidas, pobres e difíceis que sejam, e as vidas dos homens que o estado lhes paga para vigiar.

Estes guardas são capazes de fazer uma comparação referente à desgraça. Outros não fazem ou não querem.

Para Byron Hadley não havia termos de comparação. Ele podia sentar lá, calmo e à vontade sob o morno sol de maio, e ter o desplante de lamentar sua boa sorte enquanto que a menos de dez metros um bando de homens trabalhava, suava e queimava as mãos em grandes baldes cheios de alcatrão fervendo, homens que tinham que trabalhar tão duro em seu dia-a-dia que isto parecia um alívio. Você deve se lembrar de uma velha pergunta, aquela que define sua concepção de vida quando você a responde. Para Byron Hadley, a resposta seria sempre "meio vazio, o copo está meio vazio". Para todo o sempre, amém. Se lhe dessem uma cidra gelada para beber, pensaria em vinagre. Se lhe dissessem que sua mulher sempre lhe tinha sido fiel, diria que era porque ela era feia como o diabo.

E lá estava ele sentado, conversando com Mert Entwhistle em voz alta, alta o bastante para todos nós ouvirmos, a sua larga testa branca já começando a ficar vermelha por causa do sol. Uma das mãos estava apoiada sobre o parapeito que cercava o telhado. A outra estava na coronha do seu .38.

Nós todos ouvimos a história junto com Mert. Parecia que o irmão mais velho de Hadley tinha ido embora para o Texas uns quatorze anos antes, e o resto da família não tinha tido notícias do filho da mãe esse tempo todo. Todos pensavam que ele estava morto, graças a Deus. Então, há uma semana e meia, um advogado tinha telefonado para eles de Austin. O negócio era que o irmão de Hadley tinha morrido há quatro meses, e morrido rico (- É foda como alguns imbecis podem ter tanta sorte - comentou esse exemplo de gratidão no telhado da oficina de placas). O dinheiro era resultante de petróleo e arrendamento de petróleo, e chegava a um milhão de dólares.

Não, Hadley não era um milionário - isso poderia tê-lo feito feliz, pelo menos por algum tempo - mas o irmão tinha feio um legado decente de trinta e cinco mil dólares para cada membro vivo da família que pudesse ser encontrado em Maine. Nada mal. É como ganhar o sweepstake.

Mas para Byron Hadley o copo estava sempre meio vazio. Ele passou mais da metade da manhã reclamando com Mert da dentada que o diabo do governo ia dar na sua herança:

- Eles vão me deixar apenas com o suficiente para comprar um carro novo - estimou, - e aí, o que acontece? Você tem que pagar taxas sobre o carro, consertos e manutenção, e as malditas crianças te aporrinhando para dar um passeio com a capota arriada...

- E para dirigir, se tiverem idade - disse Mert. O velho Mert Entwhistle sabia onde tinha

o nariz e não disse o que devia ser óbvio para ele e para todos nós: "Se esse dinheiro está te preocupando tanto, meu velho Byron, vou tirar tal peso de cima de você. Afinal de contas, para que servem os amigos?"

- É isso aí, querendo dirigir o carro, querendo aprender a dirigir nele, pelo amor de Deus - disse Byron, estremecendo. - E aí, o que é que acontece no final do ano? Se você calculou o imposto de renda errado e não tem uma reserva para pagar o que falta, tem que pagar do seu bolso, ou talvez até pegar emprestado num desses agiotas. E eles examinam a sua declaração. Não tem jeito. E quando você cai na malha fina eles sempre levam mais. Quem pode lutar contra o Tio Sam? Ele põe a mão dentro da sua camisa e aperta seu bico até ficar roxo, e você acaba entrando num rabo-de-foguete. Caramba!

Calou a boca de mau humor, pensando no azar de ter herdado aqueles trinta e cinco mil dólares. Andy Dufresne estava espalhando alcatrão com um pincel grande a menos de 4 metros de distância; então atirou o pincel dentro do balde e foi até onde Mert e Hadley estavam sentados.

Nós todos ficamos tensos e eu vi um outro guarda, Tim Youngblood, levar sua mão até o coldre da pistola. Um dos caras na torre bateu de leve no braço do companheiro e os dois se viraram também. Por um instante, pensei que Andy fosse levar um tiro, ou levar umas cacetadas, ou as duas coisas.

Então ele disse tranqüilamente para Hadley:

- Você confia na sua mulher?

Hadley encarou-o fixamente. Estava começando a ficar com o rosto vermelho e isso era um mau sinal, eu sabia disso. Em três segundos ia tirar o cassetete e acertar Andy no plexo solar, onde fica um grande feixe de nervos. Uma pancada violenta nesse local pode matar, mas eles sempre acertam aí. Se não te matar, vai te deixar paralítico por algum tempo, o bastante para você esquecer qualquer movimento engraçadinho que tivesse planejado.

- Rapaz - disse Hadley, - vou te dar só uma chance de apanhar aquele pincel. E então vai sair deste telhado de cabeça.

Andy só olhou para ele, quieto e bem calmo. Seus olhos pareciam de gelo. Era como se ele não tivesse escutado. E eu me surpreendi querendo lhe ensinar, dar a ele um curso intensivo. O curso intensivo consiste em nunca deixar que os guardas percebam que você está ouvindo a conversa deles, nunca se meter em suas conversas, a menos que te peçam (e então você sempre diz o que eles querem ouvir e cala a boca de novo) Branco, preto, vermelho, amarelo - na prisão não faz a menor diferença porque temos a nossa própria marca de igualdade. Na prisão todo preso é um "crioulo", e você tem que se acostumar com a idéia se pretende sobreviver a homens como Hadley e Greg Stammas, que realmente te matariam logo que olhassem para você. Quando você está no xadrez, pertence ao Estado e se se esquecer disso, coitado de você. Conheci uns homens que perderam olhos, homens que perderam dedos do pé e da mão; conheci um homem que perdeu a ponta do seu pênis e deu graças a Deus de ter sido só isso. Eu queria dizer a Andy que já era tarde demais. Ele poderia voltar e apanhar o pincel, mas ainda haveria

um monstro esperando por ele nos chuveiros aquela noite, pronto para quebrar suas pernas e deixá-lo se contorcendo no cimento. Pode-se comprar um imbecil desses com um maço de cigarros ou três barras de chocolate. Mas, acima de tudo, queria dizer-lhe para não fazer a coisa pior do que já estava.

O que fiz foi continuar a colocar o alcatrão no telhado como se nada estivesse acontecendo. Como todos os outros, tomo conta do meu rabo primeiro. E meu dever. Ele já está rachado, e em Shawshank tem sempre os Hadleys querendo continuar o serviço.

Andy continuou:

- Talvez eu tenha me expressado errado. Se o senhor confia ou não na sua mulher, é irrelevante. O problema é se acredita ou não que ela tentasse te passar para trás.

Hadley se levantou. Mert se levantou. Tim Youngblood se levantou. Hadley estava vermelho como um carro de bombeiros.

- Seu único problema - disse ele, - é saber quantos ossos inteiros você ainda tem. Poderá contar na enfermaria. Vamos, Mert. Vamos jogar esse babaca lá embaixo.

Tim Youngblood sacou seu revólver. O resto de nós continuou a passar alcatrão como maníacos furiosos. O sol queimava.

Eles não estavam brincando; Hadley e Mert iam arremessá-lo do telhado. Um acidente terrível. Dufresne, prisioneiro 81433-SHNK, levava uns baldes vazios para baixo quando escorregou da escada. Que azar.

Eles o seguraram, Mert pelo braço direito, Hadley pelo esquerdo. Andy não ofereceu resistência. Continuou olhando para o rosto vermelho e furioso de Hadley.

- Se o senhor a domina, Sr. Hadley - continuou na mesma voz calma e segura, - não há razão para não ter cada centavo desse dinheiro. Placar final: Sr. Byron Hadley trinta e cinco mil, Tio Sam zero.

Mert começou a arrastá-lo para a beira. Hadley ficou parado. Por um momento, Andy era como uma corda entre eles num cabo-de-guerra. Então Hadley disse:

- Espere um minuto, Mert. O que é que você quer dizer, rapaz?

- Quero dizer que, se é o senhor quem manda, pode dar o dinheiro a ela - disse Andy.

- E melhor que você comece a ser claro, rapaz, ou vai cair lá embaixo.

- O Imposto de Renda lhe permite uma única doação a seu cônjuge - continuou Andy. - Pode ser de até sessenta mil dólares.

Hadley agora olhava para Andy como se tivesse levado uma machadada.

- Não, isso está errado - disse. - Isento de imposto?

- Isento de imposto - respondeu Andy. - O Governo não pode tocar em nenhum centavo.

- Como é que você sabe disso?

Tim Youngblood disse:

- Ele era banqueiro, Byron. Pode ser que...

- Cale a boca, truta - disse Hadley, sem olhar para ele. Tim Youngblood corou e se calou. Alguns guardas o chamavam de truta por causa de seus lábios grossos e dos olhos esbugalhados. Hadley continuou olhando para Andy. - Você é o banqueiro esperto que atirou na mulher. Por que devo acreditar num banqueiro esperto como você? Para terminar meus dias aqui quebrando pedra em sua companhia? Você bem que gostaria disso, não é?

Calmamente, Andy continuou:

- Se o senhor fosse para a cadeia por sonegação de impostos, iria para uma penitenciária federal, e não para Shawshank. Mas não vai. A doação isenta de imposto para o cônjuge é uma saída perfeitamente legal. Já fiz dúzias..., não, centenas delas. Destina-se principalmente a pessoas com pequenos negócios para passar, para pessoas que recebem uma herança de uma só vez. Como o senhor.

- Acho que você está mentindo - disse Hadley, mas não achava - podia-se ver que ele não achava. Havia uma expressão de emoção em seu rosto, alguma coisa grotesca recobrindo aquela fisionomia longa e feia e aquela testa miúda e queimada. Uma emoção quase obscena quando vista nos traços de Byron Hadley. Era esperança.

- Não, não estou mentindo. Não há motivo para acreditar em mim também. Arranje um advogado...

- Filhos da puta, ladrões, caçadores de ambulância e de porta de cadeia! - gritou Hadley. Andy deu de ombros.

- Então vá ao Imposto de Renda. Eles lhe dirão a mesma coisa, de graça. Na verdade, o senhor não precisa de mim para lhe dizer isso. Deveria ter investigado o assunto sozinho.

- Seu fodido! Não preciso de nenhum banqueiro esperto assassino da mulher para me mostrar que dois e dois são quatro!

- O senhor vai precisar de um advogado especialista em impostos ou de um banqueiro para estabelecer a doação, e isso lhe custará alguma coisa - disse Andy. - Ou... se o senhor estiver interessado, eu teria prazer em fazer isso para o senhor, quase de graça. O preço seria três cervejas por cabeça para cada um de meus colaboradores...

- Colaboradores - disse Mert, e soltou uma gargalhada esganiçada. Ele deu uma

palmada no joelho. O velho Mert tinha mania de dar palmadas no joelho, e espero que tenha morrido de câncer intestinal em algum lugar do mundo onde não se tenha ouvido falar em morfina. - Colaboradores, não é, engraçadinho? Colaboradores? Você não tem...

- Cale esta maldita boca - rosnou Hadley, e Mert calou. Hadley olhou para Andy novamente. - O que é que você estava dizendo?

- Eu estava dizendo que pediria somente três cervejas por cabeça para meus colaboradores, se isso parecer justo - respondeu Andy. - Acho que um homem se sente mais homem quando está trabalhando ao ar livre na primavera se ele puder ter uma garrafa de cerveja. Desceria macio, e tenho certeza de que o senhor teria a gratidão deles.

Eu conversei com alguns dos homens que estavam lá em cima naquele dia - Rennie Martin, Logan St. Pierre e Paul Bonsaint eram três deles - e todos nós vimos a mesma coisa... sentimos a mesma coisa. De repente era Andy quem tinha vantagem. Era Hadley quem tinha o revólver na cintura e o cassetete na mão, era Hadley quem tinha seu amigo Greg Stammas o apoiando, e toda a administração da prisão apoiando Stammas, todo o poder do Estado apoiando isso tudo, mas de repente naquele sol dourado nada disso fez diferença, e eu senti meu coração dar um pulo dentro do peito como não acontecia desde que um caminhão trouxe a mim e a mais quatro pelo portão, em 1938, e eu pisei no pátio de exercícios.

Andy olhava para Hadley com aqueles olhos frios, claros e calmos, e não foram só os trinta e cinco mil então, nós concordamos nisso. Já repeti a cena várias vezes na minha cabeça, e sei que era homem contra homem. Andy simplesmente forçou-o, da maneira que um homem forte força o pulso de um homem mais fraco até a mesa numa queda de braço. Não havia razão, veja bem, para Hadley não ter dado o sinal a Mert naquele instante, jogado Andy lá de cima e ainda seguido seu conselho.

Nenhuma razão. Mas ele não fez isso.

- Eu podia arranjar umas cervejas para vocês, se quisesse disse Hadley. - Uma cerveja realmente pega bem quando você está trabalhando. - Aquele porra ainda conseguia parecer generoso.

- Só vou lhe dar um conselho que o Imposto de Renda não daria - disse Andy. Seus olhos estavam fixos em Hadley, sem pestanejar. - Só faça essa doação à sua esposa se o senhor tiver certeza. Se o senhor acha que existe uma única chance de que ela possa enganá-lo ou traí-lo, podemos planejar outra coisa...

- Trair? - perguntou Hadley, asperamente. - Trair? Seu Banqueiro Figurão, se ela engolisse uma caixa inteira de laxantes, não ousaria peidar sem meu consentimento!

Mert, Youngblood e os outros guardas sorriram respeitosamente. Andy não esboçou um sorriso hora nenhuma.

- Vou fazer uma lista dos formulários necessários- disse. -

Pode consegui-los no correio, e eu os preencho para que o senhor assine.

Isto deu um toque de importância, e o peito de Hadley estufou-se.

Então olhou em volta para nós e berrou:

- O que é que os idiotas estão olhando? Ao trabalho, droga! - De novo para Andy: - Você vem comigo, figurão. E escute bem: se estiver me passando para trás de algum modo, vai se ver procurando sua própria cabeça no chuveiro antes do final da semana!

- Entendido - disse Andy calmamente.

E entendeu. Do jeito que as coisas aconteceram, ele entendeu muito mais do que eu - muito mais do que qualquer um de nós.

E foi assim que, no antepenúltimo dia de serviço, a turma de presos que alcatroava o telhado da fábrica de placas em 1950 acabou sentada em fileira às 10 horas de uma manhã de primavera, bebendo cerveja Black Label fornecida pelo guarda mais durão que já entrou na Prisão Estadual de Shawshank. Aquela cerveja estava morna que nem xixi, mas foi a melhor que já tomei na vida. Nós sentamos e bebemos, e sentimos o sol em nossos ombros, e mesmo a expressão do rosto de Hadley, de divertimento e desprezo - como se ele estivesse vendo macacos beber cerveja - não conseguiu estragar nosso prazer. Durou vinte minutos aquele descanso para a cerveja, e naqueles vinte minutos nos sentimos homens livres. Parecia que estávamos tomando cerveja e alcatroando o telhado de nossas próprias casas.

Só Andy não bebeu. Já falei sobre seu hábito de beber. Ficou agachado na sombra, as mãos entre os joelhos, nos observando e sorrindo um pouco. É impressionante quantos homens se lembram dele daquele jeito, e impressionante também quantos homens estavam naquela turma de trabalho quando Andy Dufresne defrontouse com Byron Hadley. Eu pensava que eram só nove ou dez, mas em 1955 deve ter havido uns duzentos, talvez mais... se você acreditasse no que ouvia.

É isso: se vocês me pedissem para responder diretamente se estou tentando lhe contar sobre um homem ou uma lenda que se criou em torno dele, como uma pérola que se forma em torno de um grão, eu diria que a resposta está mais ou menos no meio. Tudo o que sei, com certeza, é que Andy Dufresne não era como eu ou como qualquer outra pessoa que já conheci desde que vim para cá. Ele trouxe quinhentos dólares enfiados no traseiro, mas de alguma forma aquele filho da mãe conseguiu trazer uma outra coisa também. Um senso de seu próprio valor, talvez, ou um sentimento de que, no fim, seria o vencedor... ou talvez até fosse um senso de liberdade, mesmo no interior desses malditos muros cinzentos. Era uma espécie de luz interior que carregava consigo. Eu só o vi perder essa luz uma única vez, e isso também é parte da minha história.

Na época do campeonato mundial de 1950 - foi o ano em que os Whiz Kids de Filadélfia perderam quatro seguidas, você se lembra - Andy não estava mais tendo problemas com as irmãs. Stammas e Hadley tinham dado o recado. Se Andy Dufresne viesse a qualquer um dos dois, ou a outro guarda que fizesse parte da turma, e mostrasse

uma gotinha que fosse de sangue na sua cueca, cada irmã de Shawshank iria para a cama à noite com dor de cabeça. Elas não insistiram mais. Como eu já disse, havia sempre um ladrão de automóveis de 18 anos de idade, um incendiário ou um cara que gostava de bolinar criancinhas. Depois daquele dia no telhado da fábrica de placas, Andy e as irmãs tomaram caminhos diferentes.

Nessa época, ele estava trabalhando na biblioteca sob as ordens de um velho detento duro de roer chamado Brooks Hatlen. Hatlen tinha conseguido esse trabalho em fins da década de 20 porque tinha formação universitária. Brooksie era formado em zootecnia, é verdade, mas é tão raro encontrar alguém com curso superior num lugar como este que parece aquele caso dos mendigos que não podem ser exigentes.

Brooksie, que tinha matado a esposa e a filha depois de uma maré de azar no pôquer na época em que Coolidge era presidente, ganhou liberdade condicional em 1952. Como sempre, o Estado, do alto de sua sabedoria, deixou-o sair muito depois da idade em que pudesse ser útil à sociedade. Tinha 68 anos e sofria de artrite quando saiu, trôpego, pelo portão principal, de terno polonês e sapato francês, seu documento de liberdade numa das mãos e uma passagem de ônibus da Greyhound na outra. Estava chorando quando partiu. Shawshank era seu mundo. O que ficava além de seus muros era tão terrível quanto os mares ocidentais para os marinheiros supersticiosos do século XV. Na prisão, Brooksie tinha sido uma pessoa de alguma importância. Era o bibliotecário, um sujeito formado. Se ele fosse à biblioteca de Kittery e pedisse um emprego, não lhe dariam nem mesmo uma carteirinha de sócio. Soube que ele morreu num asilo de indigentes no caminho para Freeport em 1953, e com isso durou uns seis meses a mais do que eu pensava que fosse durar. É, acho que o Estado teve sua restituição com Brooksie. Eles o treinaram para gostar dessa casa de merda e depois o botaram para fora.

Andy assumiu o trabalho de Brooksie e foi bibliotecário durante 23 anos. Para conseguir para a biblioteca o que ele queria, usava a mesma força de vontade que o vi usar com Byron Hadley. Aos poucos ele transformou um quartinho (que ainda cheirava a aguarrás, pois tinha sido um depósito de tintas até 1922 e nunca fora arejado devidamente), coberto de romances condensados do Reader's Digest e do National Geographics, na melhor biblioteca das prisões da Nova Inglaterra.

Fez isso passo a passo. Colocou na porta uma caixa de sugestões, e pacientemente eliminou todas as tentativas de humor do tipo "mais livro de sacanagem, por favor" e "Como fugir em 10 lição fácil". Conseguiu coisas que os prisioneiros pareciam encarar seriamente. Escreveu aos maiores clubes de livro de Nova Iorque e conseguiu que dois deles, o Grêmio Literário e o Clube do Livro do Mês, nos enviassem edições de todas as suas maiores seleções a um preço especial. Descobriu uma sede de informações sobre pequenos passatempos como entalhe em pedra-sabão, em madeira, prestidigitação e jogos de paciência. Conseguiu todos os livros que pôde sobre esses assuntos. E dois autores preferidos dos prisioneiros, ErieStanley Gardner e Louis L'Amour. Os presos nunca se fartam de tribunais ou de planícies abertas. E tinha também, é claro, uma caixa de livrinhos picantes debaixo da mesa, que emprestava com cuidado, certificando-se de que eram sempre devolvidos. Mesmo assim, cada nova aquisição deste gênero era lida rapidamente até ficar em frangalhos.

Em 1954, começou a escrever para o Senado Estadual em Augusta. Stammas era o

diretor nessa época, e costumava fazer de conta que Andy era uma espécie de mascote. Estava sempre na biblioteca conversando com Andy, e às vezes até colocava um braço paternal em seus ombros ou lhe dava um tapinha amigável. Ele não enganava ninguém. Andy Dufresne não era mascote de ninguém.

Stammas disse a Andy que talvez ele tivesse sido um banqueiro lá fora, mas que essa parte de sua vida estava rapidamente virando um passado longínquo, e ele tinha mais é que entender os fatos da vida na prisão. No que diz respeito àquele bando de rotarianos republicanos em Augusta, havia somente três gastos viáveis do dinheiro dos contribuintes no setor de prisões e correcionais. Número um era mais muros; número dois, mais grades; e número três, mais guardas. Para o Senado Estadual, explicou Stammas, o pessoal de Thomastan, Shawshank, Pittsfield e South Portland era a escória da terra. Eles estavam lá para cumprir duras penas, e por Deus e seu filhinho Jesus, iam ser duras as suas penas. E se existissem uns poucos carunchos no pão, isso não era ruim pra caralho?

Andy deu seu sorrisinho sereno e perguntou a Stammas o que aconteceria a um bloco de concreto se caísse sobre ele uma gota d'água por ano durante um milhão de anos. Stammas riu e bateu-lhe nas costas:

- Você não tem um milhão de anos, meu velho, mas se tivesse acredito que os passaria com o mesmo sorrisinho no rosto. Vá em frente e escreva suas cartas. Eu até coloco no correio para você, se pagar o selo.

E foi o que ele fez. E foi ele quem riu por último, embora Stammas e Hadley não estivessem aqui para ver. Os pedidos de Andy de verbas para a biblioteca foram sistematicamente recusados até 196O, quando recebeu um cheque de duzentos dólares o Senado provavelmente o enviou na esperança de que ficasse quieto e desaparecesse Esperança vã. Andy sentiu que tinha dado o primeiro passo, e redobrou seus esforços; duas cartas por semana em vez de uma. Em 1962 conseguiu quatrocentos dólares, e pelo resto da década a biblioteca recebeu setecentos dólares anuais regularmente. Por volta de 1971, tinha aumentado para mil dólares. Não é muito se comparado com o que uma biblioteca de uma cidadezinha média recebe, acho eu, mas mil dólares compram um bocado de livros de segunda mão do detetive Perry Mason e bangue-bangues de Jake Logan. Na época em que Andy saiu, podia-se entrar na biblioteca (ampliada do armário de tintas original para três cômodos) e achar quase tudo que se quisesse. E se não achasse, havia grandes possibilidades de Andy consegui-lo para você.

Agora você está se perguntando se tudo isso aconteceu só porque Andy disse a Byron Hadley como economizar o imposto sobre a herança. A resposta é sim... e não. Você pode imaginar o que aconteceu.

Correu o boato que Shawshank estava hospedando seu próprio gênio financeiro de estimação. No fim da primavera e no verão de 1950, Andy elaborou dois fundos de reserva para os guardas que queriam assegurar uma educação universitária para seus filhos, aconselhou outros que queriam começar pequenas carteiras de ações (e eles se deram muito bem no final das contas; um deles se deu tão bem que pôde se aposentar mais cedo dois anos depois) e que um raio me parta ao meio se ele não aconselhou o próprio diretor, o velho "lábios de limão", George Dunahy, a criar uma proteção contra

impostos. Isso foi antes de Dunahy levar o chute no traseiro, e acho que ele devia estar sonhando com todos os milhões que seu livro ia lhe render. Em abril de 1951, Andy estava fazendo as declarações de imposto de renda para metade dos guardas de Shawshank e em 1952, para quase todos eles. Ele era pago no que pode ser a moeda mais valiosa de uma prisão: simples boa vontade.

Mais tarde, depois que Greg Stammas assumiu o cargo de diretor, Andy ficou ainda mais importante - mas se eu tentasse contar os detalhes de como fez isso, estaria conjecturando. Há algumas coisas que eu sei, e outras que posso apenas conjecturar a respeito. Sei que existiam detentos que tinham todo tipo de regalias - rádio nas celas, privilégios extraordinários de visita, coisas assim - e havia gente do lado de fora que pagava para que eles tivessem esses privilégios. Essas pessoas eram chamadas de "anjos" pelos detentos Sem mais nem menos um cara era liberado de seu serviço na oficina de placas na manhã de sábado, e você sabia que aquele sujeito tinha um anjo lá fora que havia soltado um bolo de grana para garantir o privilégio. A maneira que normalmente funciona é que o anjo paga o suborno a um guarda de nível médio que espalha a "graxa" para cima e para baixo na escada administrativa.

Então houve o serviço mecânico com desconto que derrubou o Diretor Dunahy. O serviço submergiu por algum tempo e reapareceu mais forte do que nunca no final dos anos cinqüenta. E alguns dos empreiteiros que trabalhavam na prisão de vez em quando estavam dando comissões aos altos funcionários administrativos, tenho certeza disso, e isso se aplicava também às companhias que vendiam equipamentos para a lavanderia, para a oficina de placas de veículos e para o moinho de minérios, construído em 1963.

No final da década de sessenta houve um rápido crescimento no comércio de bolinhas, e o mesmo pessoal da administração estava ganhando uma nota com isso. Tudo concorria para formar um grande rio de renda ilícita. Não é como a pilha de grana clandestina que rola em prisões grandes como Attica ou San Quentin mas não era mixaria também. E dinheiro também vira um problema depois de um certo tempo. Você não pode enfiar na carteira e depois soltar um monte de notas de dez e vinte quando quiser construir uma piscina ou ampliar sua casa. Depois que se passa de um certo ponto, tem-se que explicar de onde veio o dinheiro... e se suas explicações não forem convincentes, você é capaz de acabar usando um número às costas também.

Desse modo, os serviços de Andy eram necessários. Isso o tirou da lavanderia e o instalou na biblioteca, mas se encararmos de outra maneira, ele nunca saiu da lavanderia. Simplesmente o puseram para trabalhar lavando dinheiro sujo no lugar de roupa suja. Ele canalizava isso em ações, títulos, obrigações, qualquer coisa.

Um dia, uns dez anos depois daquele episódio no telhado, ele me disse que seus sentimentos a respeito do que fazia eram muito claros, e que sua consciência não estava pesada. As fraudes aconteceriam com ele ou sem ele. Não pedira para ser mandado para Shawshank, continuou; era um homem inocente que tinha sido vítima de um azar colossal, e não um missionário ou um benfeitor da humanidade.

- Além disso, Red - continuou com o mesmo meio-sorriso, - o que estou. fazendo aqui não é muito diferente do que estava fazendo lá fora. Vou te expor um axioma bem cínico: a quantidade de consultoria financeira especializada que um indivíduo ou uma

firma necessita aumenta na proporção direta da quantidade de gente que aquele indivíduo ou aquela firma está lesando. Em sua maioria, as pessoas que administram este lugar são monstros brutais e estúpidos. As pessoas que mandam no mundo lá fora são brutais e monstruosas, mas não são estúpidas, porque o padrão de competência lá fora é um pouco mais alto. Não muito, mas um pouco.

- Mas as pílulas - disse eu. - Não quero te ensinar o teu negócio, mas isso me deixa nervoso. Excitantes, calmantes, Nembutal - e agora tem essas coisas que chamam de "fase quatro". Nunca vou entrar numa dessas. Nunca entrei.

- Não - disse Andy. - Também não gosto de bolinhas. Nunca gostei. Mas também não sou muito de cigarros e bebida. Mas não entro nessa de bolinhas. Não mando buscar nem vendo aqui quando tem. Quase sempre são os guardas que fazem isso.

- Mas...

- E, eu sei. Tem uma linha muito sutil ai. O negócio, Red, é que algumas pessoas se recusam a sujar as mãos. Isso se chama santidade e os pombos pousam em seus ombros e fazem cocô em sua camisa. O outro extremo é tomar um banho de sujeira e fazer alguma coisa que te dê algum lucro - armas, canivetes, heroína, o diabo. Algum detento já te ofereceu um contrato?

Sacudi a cabeça. Já acontecera muitas vezes nesses anos. Afinal das contas, você é o cara que arranja as coisas. E eles pensam que se você arranja pilhas para o rádio ou pacotes de cigarro ou seda para baseado, você também pode colocá-los em contato com alguém que tenha uma faca.

- É claro que sim - concordou Andy. - Mas você não faz isso. Porque caras como nós, Red, sabemos que há uma terceira opção. Uma alternativa entre permanecer autêntico ou se banhar na sujeira e na lama. E a alternativa que os adultos do mundo inteiro escolhem. Você se equilibra no meio do lamaçal lutando contra o que pode te derrubar. Você escolhe o menor dos dois males e tenta manter as boas intenções à sua frente. E acho que você julga se está indo bem se for capaz de dormir bem à noite... e ter bons sonhos.

- Boas intenções - disse eu, e ri. - Sei tudo sobre isso, Andy. Um camarada pode caminhar até o inferno nessa estrada.

- Não acredite nisso - disse ele, ficando grave. - Isso aqui é que é inferno. Aqui mesmo em Shank. Eles vendem bolinhas e eu ensino o que fazer com o dinheiro. Mas eu também tenho a biblioteca, e conheço mais de duas dúzias de caras que estudaram naqueles livros para passar no exame supletivo. Talvez quando saírem daqui sejam capazes de rastejar para fora da merda. Quando precisamos daquela segunda sala em 1957, eu consegui. Porque queriam me deixar feliz. Eu cobro barato. Esse é o troco.

- E você tem uma cela particular.

- Exatamente. É assim que eu gosto.

A população carcerária havia crescido lentamente durante os anos cinqüenta e quase explodiu nos anos sessenta, pois todos os garotos em idade de cursar uma universidade queriam experimentar drogas, e as penalidades eram completamente ridículas pelo uso de um pequeno baseado. Mas durante todo esse tempo, Andy nunca teve um companheiro de cela, a não ser um índio alto e calado chamado Normaden (como todos os índios em Shank, era chamado de Chefe), e Normaden foi embora logo. Muitos dos outros "perpétuos" achavam que Andy era maluco, mas Andy apenas sorria. Vivia sozinho e gostava que fosse assim... e, como ele mesmo dizia, gostavam de deixá-lo feliz. Cobrava barato.

O tempo na prisão passa lentamente, algumas vezes você jura que vai parar, mas passa. George Dunahy saiu de cena com os jornais berrando coisas como ESCÂNDALO e FAZENDO O PÉ-DEMEIA. Stammas sucedeu-o, e durante os seis anos seguintes Shawshank virou uma espécie de inferno na terra. Enquanto durou o reinado de Greg Stammas, as camas da enfermaria e as celas da ala das solitárias estavam sempre cheias.

Um dia, em 1958, me olhei num pequeno espelho de barbear que tinha em minha cela e vi um homem de quarenta anos. Um garoto tinha chegado aqui em 1938, um garoto de fartos cabelos ruivos como cenoura, meio atormentado de remorso, pensando em suicídio. Aquele garoto não existia mais. O cabelo ruivo estava ficando grisalho e começando a diminuir. Tinha pés-de-galinha em volta dos olhos. Naquele dia pude ver um velho dentro de mim esperando a hora de mostrar-se. Senti medo. Ninguém quer envelhecer na cadeia.

Stammas saiu no começo de 1959. Havia vários repórteres xeretando, e um deles até ficou quatro meses com um nome falso por causa de um crime fictício. Estavam só esperando para publicar ESCÂNDALO e FAZENDO O PÉ-DE-MEIA novamente, mas antes que pudessem acusá-lo, Stammas pulou fora. Posso entender isso, cara, e como. Se ele tivesse sido julgado e condenado, teria acabado aqui. Se isso tivesse acontecido, não duraria mais de cinco horas. Byron Hadley tinha ido embora dois anos antes. O canalha teve um enfarte e se aposentou mais cedo.

Andy nunca se envolveu no caso de Stammas. No início de 1959 foi nomeado um novo diretor, e um novo assistente do diretor e um novo chefe dos guardas. Nos oito meses seguintes mais ou menos, Andy voltou a ser apenas mais um presidiário. Foi nesse período que Normaden, o índio mestiço Passamaquoddy, dividiu a cela com Andy. Depois tudo voltou ao normal. Normaden foi transferido e Andy voltou a viver em seu esplendor solitário. Os nomes mudam, mas o jogo nunca.

Certa vez conversei com Normanden sobre Andy. - Bom sujeito - disse Normaden. Era difícil entender o que ele dizia, pois tinha lábio leporino e o palato aberto; as palavras saíam espirradas. - Gostava de lá. Ele nunca zombou de mim. Mas não queria que eu ficasse. Sentia isso. - Deu de ombros. - Fiquei feliz de ir embora, eu. Corrente de ar forte naquela cela. O tempo todo frio. Não deixa ninguém pegar nas coisas dele. Tudo bem. Bom sujeito, nunca zombou de mim Mas corrente de ar forte.

Rita Hayworth ficou pendurada na cela de Andy até 1955, se não me engano. Depois foi Marilyn Monroe, aquela foto do filme O pecado mora ao lado em que ela está de pé sobre uma grade do metrô e o ar quente está levantando sua saia. Marilyn ficou até

196O, e já estava bem dobrada nas pontas quando Andy substituiu-a por Jayne Mansfield. Jayne era, com perdão da palavra, uma peituda. Só depois de um ano ou mais foi substituída por uma atriz inglesa - deve ter sido Hazel Court, mas não tenho certeza. Em 1966, essa saiu e Raquel Welch subiu batendo o recorde de seis anos de permanência na cela de Andy. O último poster foi o de uma bonita cantora de rock country chamada Linda Ronstadt.

Perguntei-lhe certa vez o que os posters significavam para ele, e ele me lançou um olhar peculiar, surpreso.

- Ora bolas, significam o mesmo que para a maioria dos presidiários, eu acho - disse ele. - Liberdade. Você olha aquelas mulheres bonitas e acha que pode quase... não de verdade, mas quase... entrar lá e ficar ao lado delas. Ser livre. Acho que é por isso que sempre preferi a Raquel Welch. Não era só ela; era a praia em que estava. Parecia algum lugar no México. Um lugar calmo, onde um cara pode ouvir seus próprios pensamentos. Nunca sentiu isso em relação a uma fotografia, Red? Que podia quase entrar nela?

Disse que nunca tinha pensado nisso daquela forma.

- Talvez um dia você entenda o que eu quero dizer - disse ele, e estava certo. Anos depois entendi exatamente o que queria dizer... e quando entendi, a primeira coisa que pensei foi em Normaden dizendo que estava sempre frio na cela de Andy.

Aconteceu uma coisa horrível com Andy no final de março ou começo de abril de 1963. Já disse a vocês que ele tinha algo que a maioria dos outros prisioneiros, inclusive eu, parecia não ter. Chamo de serenidade, um sentimento de paz interior, talvez até uma fé constante e inalterável de que algum dia o longo pesadelo terminaria. Qualquer que seja o nome que se queria dar, Andy Dufresne parecia manter sempre seu autocontrole. Não havia nele aquele desespero sombrio que parece afligir a maioria dos condenados à prisão perpétua depois de um certo tempo; nunca sentia-se nele o menor vestígio de desesperança. Até o final daquele inverno de 1963.

Nessa época tínhamos outro diretor, um homem chamado Samuel Norton. Cotton Mather e seu pai Increase* se sentiriam completamente a vontade com Sam Norton. Que eu saiba, nunca o viram sequer esboçar um sorriso. Usava um broche que ganhou quando completou trinta anos junto à Igreja Batista Adventista de Eliot. Sua principal inovação como diretor de nossa feliz família foi entregar a cada novo prisioneiro um exemplar do Novo Testamento. Em sua mesa havia uma pequena placa com letras douradas incrustradas em teca onde se lia JESUS É MEU SALVADOR. Um quadro bordado por sua mulher, que ficava pendurado na parede, dizia: SEU JULGAMENTO CHEGARA E E ABSOLUTO. Para a maioria de nós essa última reflexão não fazia o menor efeito. Sentíamos que o julgamento já tinha ocorrido e podíamos testemunhar que a pedra não nos esconderia nem a árvore nos daria abrigo. Tinha uma citação da Bíblia para qualquer situação, o Sr. Sam Norton, e sempre que você encontrar um homem como esse, meu conselho é que dê um largo sorriso e cubra suas bolas com as duas mãos.

* Cotton e Increase Mather foram escritores e ministros da Igreja Anglicana. (N. da T.)

Havia menos casos na enfermaria do que na época de Greg Stammas, e que eu saiba os enterros sob o luar cessaram completamente, o que não quer dizer que Norton não acreditasse em castigo. As solitárias estavam sempre bem povoadas. Os homens não perdiam os dentes em brigas, mas sim com as dietas de pão e água. Começaram a ser chamadas de migalhas, como em "Estou no trem de migalhas de Sam Norton".

Aquele homem foi o maior sórdido hipócrita que já conheci ocupando uma posição superior. O jogo sobre o qual falei ainda há pouco continuou a florescer, mas Sam Norton acrescentou seus próprios métodos novos. Andy conhecia todos eles, e como naquela época já éramos bons amigos, me colocava a par de alguns deles. Quando Andy falava sobre isso, seu rosto adquiria uma expressão de espanto, nojo e admiração como se estivesse me falando de um percevejo feio e predador que, por sua feiúra e ganância, era mais cômico que horrível.

Foi o diretor Norton quem instituiu o programa "AO AR LIVRE-, sobre o qual você deve ter lido há dezesseis ou dezessete anos atrás; saiu até na Newsweek. Para a imprensa soou como um verdadeiro progresso em matéria de punição e reabilitação. Havia prisioneiros que cortavam madeira para fazer papel, outros que faziam consertos de pontes e barragens e outros que construíam armazéns de batatas. Norton deu a isso o nome de "AO AR LIVRE" e foi convidado para dar palestras em quase todas as drogas de clubes Rotary e Kiwani da Nova Inglaterra, principalmente depois que sua foto saiu na Newsweek, Os prisioneiros chamavam isso de "gangue de rua" mas, pelo que sei, ninguém foi jamais convidado a expor seu ponto de vista para os kiwanianos nem para os rotarianos.

Norton estava presente em todas as operações, com o broche dos trinta anos e tudo; desde cortar madeira até cavar escoadouros para tempestades, fazer novos encanamentos sob as estradas, lá estava Norton, examinando tudo superficialmente. Havia centenas de maneiras de fazer - homens, materiais, etc. Mas tinha outra maneira também. As firmas de construção da área tinham um medo mortal do programa "AO AR LIVRE" de Norton, porque o trabalho de prisioneiros é trabalho de escravos, e não se pode competir com ele. Assim, Sam Norton, o do Novo Testamento e do broche de trinta anos de Igreja, recebeu diversos envelopes grossos por baixo da mesa durante seus dezesseis anos de trabalho em Shawshank. E quando recebia um envelope, das três uma: ou fazia uma oferta maior pelo projeto, ou não fazia oferta nenhuma ou dizia que todos os prisioneiros já estavam comprometidos. Sempre me admirei que Norton nunca tenha sido encontrado na mala de um Thunderbird parado no acostamento de uma estrada em algum lugar de Massachusetts com as mãos amarradas para trás e meia dúzia de balas cravadas na cabeça.

De qualquer forma, como dizia a velha música de jazz, meu Deus, como rolou dinheiro. Norton deve ter aderido à opinião puritana de que a melhor maneira de descobrir quais as pessoas favorecidas por Deus é verificar suas contas bancárias.

Andy Dufresne foi sua mão direita em tudo isso, seu sócio silencioso. A biblioteca da prisão era o tesouro que Andy não podia perder. Norton sabia disso e se aproveitava. Andy me disse que um dos aforismos prediletos de Norton era "uma mão lava a outra '. Assim, Andy dava bons conselhos e sugestões úteis. Não posso dizer com certeza que ele tenha elaborado o programa "AO AR LIVRE" de Norton, mas tenho certeza de que

administrou o dinheiro daquele pregador filho da puta. Dava bons conselhos, sugestões úteis, o dinheiro rolava farto e... filho da puta! A biblioteca ganhava novas coleções de manuais de reparo de automóveis, enciclopédias Grolier e livros sobre como se preparar para exames de admissão nas faculdades. E, claro, mais livros de Erle Stanley Gardner e Louis L'Amour.

Estou convencido de que o que aconteceu aconteceu porque Norton não queria perder sua boa mão direita. Vou mais longe: aconteceu porque tinha medo do que poderia acontecer - e do que Andy podia falar dele se algum dia saísse da Prisão Estadual de Shawshank.

Ouvi uma parte da história aqui, outra ali, num período de sete anos, algumas de Andy - mas não todas. Ele nunca queria falar sobre aquela fase de sua vida, e não o culpo por isso. Ouvi partes da história de talvez meia dúzia de fontes diferentes. Já disse uma vez que prisioneiros não passam de escravos, e têm aquele hábito dos escravos de parecerem idiotas e estarem sempre de orelha em pé. Ouvi partes do final, do começo e do meio, mas vou contar do princípio ao fim, e talvez vocês entendam por que o cara passou cerca de dez meses num marasmo de depressão e tristeza. Acho que ele não sabia da verdade até 1963, quinze anos depois de vir para esse doce e pequeno buraco dos infernos. Até conhecer Tommy Williams, acho que não sabia a que ponto as coisas podiam chegar.

Tommy Williams juntou-se à nossa pequena e feliz família Shawshank em novembro de 1962. Tommy considerava-se natural de Massachusetts, mas não se orgulhava disso; com seus vinte e sete anos de idade tinha cumprido pena em toda a Nova Inglaterra. Era ladrão profissional, como vocês devem ter imaginado, mas minha opinião é que deveria ter escolhido uma outra profissão.

Era um homem casado, e sua mulher vinha visitá-lo toda semana religiosamente. Ela achava que as coisas poderiam melhorar para Tommy - e, consequentemente, para ela e o filho de três anos - se ele conseguisse um diploma de segundo grau Convenceu-o disso, e assim Tommy Williams passou a freqüentar a biblioteca regularmente.

Para Andy aquilo já era rotina. Providenciava para Tommy livros de testes simulados. Tommy relembrava as matérias que tinha passado na escola - não muitas - e depois fazia os testes. Andy também providenciou sua matrícula numa série de cursos por correspondência que cobriram as matérias que não tinha passado ou simplesmente repetido por falta.

Provavelmente não foi o melhor aluno que Andy já teve entre os ladrões, e não sei se algum dia conseguiu o diploma de segundo grau, mas isso não faz parte da minha história. O importante é que passou a gostar muito de Andy Dufresne, como acontecia com a maioria das pessoas depois de algum tempo.

Diversas vezes perguntou a Andy "o que um cara esperto como você está fazendo na gaiola?", uma pergunta que equivale mais ou menos àquela que diz "o que uma garota como você está fazendo num lugar desses?". Mas Andy não era do tipo que respondia; apenas sorria e mudava de assunto. Normalmente Tommy perguntava a outras pessoas, e quando finalmente obteve a resposta, acho que levou o maior choque de sua

juventude.

A pessoa a quem perguntou foi o companheiro que trabalhava com ele na máquina de passar e dobrar a vapor na lavanderia.

Os internos chamavam essa máquina de mutilador, porque é exata mente o que acontece se você não prestar atenção. Seu companheiro era Charlie Lathrop, que estava preso há cerca de doze anos por assassinato. Ficava muito feliz em reviver os detalhes do julgamento de Andy para Tommy; quebrava a monotonia de ficar tirando lençóis recém-passados da máquina e colocando-os na cesta. Estava quase chegando na parte em que os jurados estão esperando acabar o almoço para darem o veredicto de culpado quando uni alarme contra problemas soou e a máquina parou com um chiado. Estavam colocando os lençóis lavados da Casa de Saúde Eliot numa ponta; os lençóis saíam secos e bem passados do lado de Tommy e de Charlie a uma média de um a cada cinco segundos. O trabalho deles era pegá-los, dobrá-los e jogá-los no carrinho de mão, que já tinha sido forrado com papel pardo limpo.

Mas Tommy Williams estava de pé, os olhos fixos em Charlie Lathrop e a boca aberta de espanto. Estava pisando numa pilha de lençóis limpos que agora absorviam toda a sujeira úmida do chão - e no chão da lavanderia há bastante sujeira.

Assim, quando o carcereiro-chefe daquele dia, Homer Jessup, veio correndo balançando a cabeça, pronto para resolver qualquer problema, Tommy não percebeu sua presença. Falava com Charlie como se o velho Homer, que já quebrara tantas caras que tinha perdido a conta, não estivesse lá.

- Como era mesmo o nome do professor de golfe?

- Quentin - respondeu Charlie, a essa altura todo confuso e sem jeito. Mais tarde contou que o garoto estava branco como uma bandeira da paz. - Glenn Quentin, eu acho. Qualquer coisa assim, pelo menos...

- Ora, ora - rugiu Homer Jessup, o pescoço vermelho como uma crista de galo. - Ponham os lençóis na água fria! Rápido! Rápido, pelo amor de Deus, seus...

- Glenn Quentin, meu Deus! - exclamou Tommy Williams, e foi tudo que conseguiu dizer, porque Homer Jessup, o homem menos pacífico que já conheci, baixou o cacete no seu ouvido. Tommy caiu no chão com tanta força que perdeu três dentes da frente. Quando acordou, estava na solitária onde ficaria confinado uma semana, num vagão fechado do famoso trem de migalhas de Sam Norton. Mais uma nota vermelha no seu boletim.

Isso foi no começo de fevereiro de 1963, e Tommy Williams procurou seis ou sete outros perpétuos quando saiu da solitária e ouviu exatamente a mesma história. Sei disso; fui um deles. Mas quando lhe perguntei por que queria saber, simplesmente se recusou a falar.

Então, um dia foi até a biblioteca e soltou uma droga de uma história para Andy Dufresne. E pela primeira e última vez, pelo menos desde que me procurou querendo o

poster de Rita Hayworth como um garoto comprando sua primeira caixa de preservativos, Andy perdeu a calma... só que dessa vez explodiu literalmente.

Eu o vi mais tarde nesse mesmo dia e parecia um homem que pisou num ancinho e o cabo acertou sua testa em cheio. Suas mãos tremiam, e quando falei com ele, não respondeu. Antes do final da tarde já tinha alcançado Billy Hanlon, o carcereiro-chefe, e marcado um encontro com o Diretor Norton para o dia seguinte. Depois me contou que não pregou o olho durante aquela noite inteira, ficava ouvindo um vento gelado de inverno uivar lá fora, olhando as luzes dos holofotes rodando, deitando sombras compridas e regulares sobre os muros de cimento da gaiola que chamava de lar desde que Harry Truman era presidente e tentando entender tudo. Disse que era como se Tommy tivesse lhe dado uma chave que abria uma gaiola no fundo de sua cabeça, uma gaiola como a sua própria cela. Só que ao invés de conter um homem, a gaiola guardava um tigre e o nome desse tigre era Esperança. Williams tinha lhe dado a chave que abria a gaiola e o tigre tinha saído, forçadamente, para vagar em sua mente.

Quatro anos antes, Tommy Williams tinha sido preso em Rhode Island dirigindo um carro roubado cheio de mercadorias roubadas. Tommy foi considerado cúmplice, o promotor público foi comprado e Tommy recebeu uma sentença menor... dois a quatro, incluídos os anos cumpridos. Onze meses depois de ter começado a cumprir a pena, seu antigo companheiro de cela foi embora e Tommy teve um novo companheiro, um homem chamado Elwood Blatch. Blatch tinha sido condenado por assalto e ia cumprir de seis a doze anos

- Nunca vi um cara tão nervoso - contou-me Tommy. - Um homem como ele nunca deveria ser ladrão, principalmente usando armas. Ao menor barulho dava um pulo de dez metros... e provavelmente descia atirando. Uma noite quase me enforcou porque

um cara no corredor estava batendo nas grades da cela com uma caneca de lata. Passei sete meses com ele, até que me deixaram sair. Cumpri minha pena e fui embora. Não posso dizer que a gente conversava, porque ninguém conversava exatamente com El Blatch. Ele conversava com você. Falava o tempo todo. Nunca calava a boca. Se você tentasse dar uma palavra, ele levantava o braço para você e revirava os olhos. Eu ficava arrepiado quando ele fazia isso. Era um cara forte e alto, quase careca, os olhos verdes fundos dentro das órbitas. Meu Deus, espero nunca mais encontrar ele de novo.

Era como uma conversa de bêbado toda noite. Onde tinha vivido, os orfanatos de onde tinha fugido, os trabalhos que tinha feito, as mulheres que tinha comido, os jogos em que tinha roubado. Eu deixava ele falar. Não tenho a cara bonita, mas também não queria que fosse consertada.

Dizia que tinha roubado mais de duzentos lugares. Para mim era difícil acreditar, um cara como ele que pulava feito uma bombinha cada vez que alguém soltava um pum, mas ele jurava que era verdade. Agora... escute, Red. Sei que alguns caras fazem as pazes depois que sabem de alguma coisa, mas mesmo antes de saber sobre esse professor de golfe, Quentin, me lembro que eu pensava que se El Blatch algum dia assaltasse a minha casa e eu só descobrisse depois, ia me achar o cara mais sortudo da face da terra. Já imaginou ele no quarto de uma mulher remexendo na caixa de jóias dela e ela tosse ou se vira de repente? Me dá calafrios só de pensar uma coisa dessas,

juro pela minha mãe que dá.

Disse que tinha matado gente. Gente que fez merda. Pelo menos foi o que disse. E eu acreditei. Com certeza parecia um homem capaz de matar. Era nervoso como os diabos. Como uma pistola sem percutidor. Conheci um cara que tinha um Smith & Wesson Especial da Polícia sem o percutidor. Não servia para nada a não ser meter medo. O gatilho daquele revólver era tão macio que disparava se o cara, Johnny Callahan, era esse o nome dele, colocasse o revólver em cima de uma caixa de som e aumentasse todo o volume do toca-discos. El Blatch era assim. Não posso definir melhor. Nunca duvidei que tenha subornado algumas pessoas.

Então, um dia, só para dizer alguma coisa, perguntei: "Quem você matou?", sabe, como uma brincadeira. Aí ele riu e disse: "- Tem um cara preso em Maine por causa dessas duas pessoas que eu matei. Foi um cara e a mulher do idiota que está preso. Eu estava escondido na casa deles e o cara começou a me dar trabalho."

Não me lembro se ele alguma vez me disse o nome da mulher ou não - continuou Tommy. - Talvez tenha dito. Mas na Nova Inglaterra Dufresne é igual a Smith ou Jones no resto do país, tem tantos franceses aqui. Dufresne, Lavesque, Ouelette, Poulin, quantos nomes franceses você pode lembrar? Mas disse o nome do cara. Disse que o cara era Glenn Quentin e era um babaca, um rico babaca, um professor de golfe. Ele disse que achava que o cara devia ter dinheiro em casa, talvez quase cinco mil dólares. Era muito dinheiro naquela época, ele disse. Então eu continuei: "- Quando foi isso?" E ele disse: "- Depois da guerra, logo depois da guerra."

Então ele entrou, assaltou a casa, eles acordaram e o cara começou a criar problemas. Foi o que El disse. Talvez o cara só tenha começado a roncar, eu acho. De qualquer maneira, El disse que Quentin estava na cama com a mulher de um advogado importante e mandaram o advogado para a Prisão Estadual de Shawshank. Depois deu uma grande gargalhada. Santo Deus, nunca fiquei tão feliz com alguma coisa como no dia que consegui minha liberdade e saí daquele lugar.

Acho que vocês podem imaginar por que Andy ficou um tanto atordoado quando Tommy lhe contou a história e por que quis ver o diretor imediatamente. Elwood Blatch cumpria pena de seis a doze anos quando Tommy o conheceu quatro anos antes. Quando Andy soube de tudo isso, em 1963, devia estar na iminência de ir embora... ou quase. Assim, essas eram as duas hipóteses com as quais Andy se debatia - a idéia de que Blatch ainda pudesse estar preso, por um lado, e a possibilidade bem real de que já tivesse se mandado, por outro.

Havia discrepância na história de Tommy, mas também não existem sempre na vida real? Blatch disse a Tommy que o homem que foi preso era um advogado importante e Andy era banqueiro, mas essas duas profissões podem ser facilmente confundidas por pessoas com pouca instrução. E não se esqueçam de que tinham se passado doze anos entre o dia em que Blatch leu as notícias sobre o julgamento e o dia em que contou a história para Tommy Williams. Também disse a Tommy que levou mais de mil

dólares do cofre que Quentin tinha no armário, mas no julga mento de Andy a polícia disse que não havia sinais de roubo. Tenho algumas opiniões sobre isso. Primeiro, já

que o homem a quem pertencia o dinheiro estava morto, só se poderia saber se alguma coisa tinha sido roubada se houvesse alguém para dizer que havia dinheiro. Segundo, quem pode afirmar que Blatch não estava mentindo sobre essa parte? Talvez não quisesse admitir ter matado duas pessoas sem motivo. Terceiro, talvez houvesse sinais de roubo e os policiais ou não viram - às vezes são uns idiotas - ou propositadamente encobriram para não atrapalhar o caso do promotor público. O cara estava concorrendo a um cargo público, lembrem-se, e precisava de uma condenação para se eleger. Um assassinato com roubo não resolvido não seria nada bom.

Mas, das três, prefiro a segunda. Conheci vários Elwood Blatches em Shawshank - atiradores de olhar louco. Esses caras querem que você pense que roubaram o equivalente a uma montanha de ouro em cada assalto, mesmo que sejam presos com um Timex de dois dólares e um de nove pelo qual estão cumprindo pena.

E houve uma coisa na história de Tommy que convenceu Andy sem sombra de dúvidas. Blatch não tinha atacado Quentin aleatoriamente. Chamou Quentin de "rico babaca" e sabia que Quentin era professor de golfe. Bem, Andy e a mulher iam ao clube uma ou duas vezes por semana para tomar drinques e jantar havia uns dois anos, e Andy já tinha tomado muitos drinques ali quando descobriu o caso da mulher. Havia uma marina no clube, e durante algum tempo em 1947 trabalhou lá em meio expediente um empregado esperto que coincidia com a descrição de Tommy de Elwood Blatch. Um homem alto e forte, quase careca, de olhos verdes fundos. Um homem com um jeito desagradável de olhar para você, como se o estivesse estudando. Não ficou muito tempo, Andy contou. Ou se demitiu ou Briggs, o responsável pela marina, mandou-o embora. Mas não era um homem fácil de esquecer. Era marcante demais.

Assim, Andy foi conversar com o Diretor Norton num dia de chuva e vento com grandes nuvens cinzentas espalhadas pelo céu acima dos muros cinzentos, num dia em que os últimos vestígios de neve se derretiam deixando à mostra trechos de grama sem vida do ano anterior nos campos além da prisão.

O diretor tem um grande escritório na ala administrativa, e atrás de sua mesa há uma porta ligada à sala do diretor assistente. Ele não estava nesse dia, mas havia um prisioneiro de confiança em sua sala. Era um cara meio coxo cujo nome verdadeiro esqueci; todos os internos, inclusive eu, o chamávamos de Chester por causa do companheiro inseparável do Marechal Dillon. Chester tinha que regar as plantas e encerar o chão. Acho que naquele dia as plantas ficaram sedentas e Chester só encerou o buraco da fechadura daquela porta, onde ficou de ouvido colado.

Ouviu a porta do diretor abrir e fechar e depois Norton dizer:

- Bom dia, Dufresne. O que posso fazer por você?

- Diretor - começou Andy, e o velho Chester disse que quase não reconheceu a voz de Andy. - Diretor... tem uma coisa .. aconteceu uma coisa comigo que é... é tão... tão... nem sei por onde começar.

- Que tal começar do início? - disse o diretor, provavelmente com aquela voz doce de quem diz "passemos ao salmo vinte e três e leiamos a uma só voz".- Geralmente

funciona.

E foi o que Andy fez. Começou relembrando os detalhes do crime pelo qual fora preso. Depois contou a Norton exatamente o que Tommy Wilhams tinha lhe contado. Também deu o nome de Tommy, o que talvez você não ache tão inteligente à luz dos acontecimentos posteriores, mas eu pergunto, o que mais poderia ter feito se quisesse que sua história tivesse alguma credibilidade?

Quando terminou, Norton ficou em silêncio absoluto durante algum tempo. Posso imaginá-lo; provavelmente recostado em sua cadeira sob o retrato do Governador Reed na parede, os dedos entrelaçados, os lábios avermelhados e enrugados, a testa franzida como degraus de escada até o alto da cabeça, o broche de trinta anos reluzindo suavemente.

- E - disse finalmente. - E a história mais abominável que já ouvi. Mas vou lhe contar o que mais me surpreende, Dufresne.

- O que é?

- Que você tenha acreditado nela.

- O quê? Não estou entendendo o que o senhor quer dizer. - E Chester contou que Andy Dufresne, que tinha enfrentado

Byron Hadley treze anos antes, mal conseguia pronunciar as palavras.

- Bem - disse Norton. - Me parece óbvio que esse jovem Williams ficou impressionado com você. Na verdade, bem encantado. Ouviu falar de sua desgraça e é natural que queira... alegrá-lo, digamos assim. Bem natural. É jovem, não muito brilhante. Não é de se admirar que não tenha percebido o estado em que iria deixá-lo. Agora, o que sugiro é que...

- O senhor acha que não pensei nisso? - perguntou Andy. Mas nunca falei para Tommy sobre o homem que trabalhava na marina. Nunca falei para ninguém - nem passou pela minha cabeça. Mas a descrição do companheiro de cela de Tommy é idêntica à daquele homem.

- Ora, o senhor deve estar alimentando uma certa percepção seletiva - disse Norton com um risinho. Frases desse tipo, percepção seletiva, têm de ser usadas por pessoas envolvidas em administração carcerária e reabilitação de presos, e elas usam tanto quanto podem.

- Não é só isso, Sr. Norton.

- É o seu ponto de vista - disse Norton, - mas o meu é diferente- E não vamos nos esquecer de que somente o senhor disse que havia um homem com tais características trabalhando no Country Clube de Falmouth Hills naquela época.

- Não, senhor - interveio Andy novamente. - Não, não é verdade. Porque...

- De qualquer forma - Norton interrompeu-o, falando alto e efusivamente, - vamos olhar o outro lado da moeda, certo? Imagine - apenas imagine - que realmente houvesse um sujeito chamado Elwood Blotch.

- Blatch - disse Andy com firmeza.

- Blatch, sem dúvida. E digamos que ele fosse o companheiro de cela de Thomas Williams em Rhode Island. A possibilidade de que já tenha sido solto a essa altura é muito grande. Muito grande. Nem sabemos quanto tempo já tinha cumprido quando Williams foi embora. Sabemos apenas que cumpria pena de seis a doze anos.

- Não, não sabemos quanto tempo. Mas Tommy disse que era um homem perverso, um criminoso. Acho que é bem provável que ainda esteja preso. Mesmo que já tenha sido solto, na prisão deve haver uma ficha com seu último endereço, o nome de parentes...

- E é quase certo que seriam quase inúteis.

Andy ficou em silêncio por alguns instantes, mas explodiu:

- Afinal, é uma chance, não é?

- Sim, claro que é. Mas vamos supor, Dufresne, que Blatch exista e ainda esteja preso na Penitenciária Estadual de Rhode Island. Agora, o que vai dizer se lhe apresentarmos essa embrulhada? Vai cair de joelhos, revirar os olhos e dizer "Fui eu! Fui eu! Me condenem à prisão perpétua!"?

- Como o senhor pode ser tão obtuso? - disse Andy tão baixo que Chester mal ouviu. Mas ouvia claramente o diretor.

- O quê? De que o senhor me chamou?

- Obtuso! - gritou Andy. - É de propósito?

- Dufresne, você tomou cinco minutos do meu tempo não, sete - e hoje estou muito atarefado. Assim, daremos esse breve encontro por encerrado e...

- O clube tem todos os antigos cartões de ponto, não vê isso? - gritou Andy. - Eles têm os comprovantes de impostos, comprovantes de despesa de empregados, todos com o nome dele. Deve haver empregados agora que estavam lá naquela época, talvez o próprio Briggs! Faz quinze anos, e não uma eternidade! Devem lembrar dele! Eles vão lembrar de Blatch! Se Tommy testemunhar o que Blatch lhe disse e Briggs testemunhar que Blatch realmente trabalhava no Country Club, posso ter um novo julgamento! Posso...

- Guardas! Guardas! Levem este homem!

- O que há com o senhor? - disse Andy, e Chester me contou que ele estava quase gritando àquela altura. - É minha vida, minha chance de sair daqui, não vê isso? E não

vai dar nenhum telefonema interurbano para ao menos confirmar a história de Tommy? Olhe, eu pago o telefonema! Eu pago...

E houve muito barulho quando os guardas o seguraram e começaram a arrastá-lo.

- Solitária - disse Norton secamente. Provavelmente alisava o broche quando disse: - Pão e água.

E assim levaram Andy, totalmente fora de controle a essa altura, ainda gritando para o diretor; Chester disse que podia ouvi-lo mesmo depois que a porta fechou: - É minha vida! Minha vida! Não entende que é minha vida?

Vinte dias de migalhas para Andy na solitária. Foi a segunda vez que ficou na solitária e a discussão com Norton foi a primeira advertência que recebeu desde que se juntara à nossa pequena família feliz.

Vou lhes falar um pouco sobre a solitária de Shawshank enquanto estamos dentro do assunto. E como uma volta aos tempos duros de pioneirismo entre o começo e o meio do século XVIII no Maine. Naquela época ninguém perdia tempo com coisas como "reabilitação" e "percepção seletiva". Naquele tempo o tratamento dado aos presos era preto no branco. Ou se era culpado ou inocente, ou se era enforcado ou colocado na cadeia. E se você fosse condenado à cadeia, não ia para uma instituição. Não, você cavava sua própria cela com uma pá fornecida pela província do Maine. Você cavava um buraco o mais fundo e largo possível no período entre o nascer e o pôr-do-sol. Depois lhe davam alguns odres e um balde e você descia. Uma vez lá embaixo, o carcereiro colocava grades na boca do buraco, jogava algum cereal ou talvez um pedaço de carne bichada uma ou duas vezes por semana, e talvez uma concha cheia de sopa de cevada nos domingos à noite. Você urinava no balde e levantava o mesmo balde para receber água quando o carcereiro vinha por volta das seis da manhã. Quando chovia, o balde era usado para tirar a água da cela... a não ser que o cara quisesse morrer afogado como um rato num barril.

Ninguém passava muito tempo "no buraco", como era chamado; trinta meses era muito tempo e, que eu saiba, quem passou mais tempo e saiu vivo foi o chamado "Garoto Durham", um psicopata de quatorze anos que castrou um colega de escola com um pedaço de metal enferrujado. Ele ficou sete anos, mas é claro que era jovem e forte quando entrou.

Vocês devem lembrar que por crimes mais sérios que roubar animais, blasfemar ou esquecer de colocar um lenço no bolso quando saísse aos domingos, a pena era a forca. Por crimes menores como os mencionados acima ou outros semelhantes, o cara passaria três, seis ou nove meses no buraco e sairia branco como uma barriga de peixe, encolhido de medo dos espaços abertos, quase cego, os dentes sambando dentro dos alvéolos devido ao escorbuto, os pés formigando com fungos. Adorável velha província de Maine. Ho-ho-ho e uma garrafa de rum.

A ala das solitárias de Shawshank não era tão ruim como aquilo... imagino. Acho que as coisas acontecem em três níveis principais na experiência humana: bom, ruim e terrível. E à medida que se desce na crescente escuridão em direção ao terrível, fica cada vez

mais difícil fazer subdivisões.

Para se chegar à ala das solitárias, descia-se vinte e três degraus até um porão onde o único barulho era a água pingando. A pouca luz vinha de uma série de lâmpadas de sessenta watts penduradas. As celas tinham a forma de um barrilete, como aqueles cofres de parede que os ricos às vezes escondem atrás dos quadros. Como um cofre: as portas redondas tinham dobradiças e eram sólidas, sem grades. A ventilação vinha de cima, mas não havia luz, a não ser a sua própria lâmpada de 60 watts, que era apagada por uma chave geral exatamente às 20:00, uma hora antes que no resto da prisão. A lâmpada não ficava dentro de um aramado ou qualquer coisa parecida. A sensação era de que se você quisesse sobreviver ali dentro, era bem-vindo. Poucos conseguiam... mas depois das oito, não se tinha escolha, é claro. Havia um beliche preso na parede e uma lata, nada de vaso sanitário. Tinha-se três maneiras de passar o tempo: sentado, cagando ou dormindo. Grande escolha. Vinte dias podem parecer um ano. Trinta dias, dois anos; e quarenta, dez. As vezes ouviam-se ratos no sistema de ventilação. Numa situação dessas as subdivisões de "terrível" tendem a desaparecer.

Se há alguma coisa favorável a se dizer em relação às solitárias, é só que se tem tempo para pensar. Andy teve vinte dias de migalhas para pensar, e quando saiu requereu outro encontro com o diretor. Pedido negado. Tal encontro, disse-lhe o diretor, seria "contraproducente". Esta é outra expressão que se deve dominar quando se trabalha na área de prisões e reabilitação.

Pacientemente, Andy renovou o pedido. E renovou. E renovou. Tinha mudado, Andy Dufresne. De repente, quando a primavera de 1963 despontou, havia rugas em seu rosto e fios brancos em seus cabelos. Tinha perdido aquele leve sorriso que parecia constante em seus lábios. Seus olhos ficavam fixos no espaço com mais freqüência, e você aprende que quando um homem começa a fixar o olhar no nada está contando os anos que cumpriu, os meses, as semanas, os dias.

Renovou o pedido e renovou. Era paciente. Não tinha nada, a não ser tempo. Chegou o verão. Em Washington, o Presidente Kennedy prometia uma séria investida contra a pobreza e as desigualdades dos direitos civis, sem saber que tinha apenas meio ano de vida. Em Liverpool, um grupo musical chamado Os Beatles emergia como uma força a ser levada em conta dentro da música inglesa, mas acho que nos Estados Unidos ninguém ainda ouvira falar neles. Os Red Sox de Boston, quatro anos antes do que o povo da Nova Inglaterra chama de "o milagre de 67", aguardavam ansiosos no porão da Liga Americana. Todas essas coisas aconteciam num mundo maior, onde as pessoas caminhavam livres.

Norton encontrou-o quase no final de junho, e esta conversa ouvi do próprio Andy uns sete anos depois.

- Se é pelo aperto, não precisa se preocupar - disse Andy a Norton em voz baixa. - Acha que eu ia sair por aí falando? Ia prejudicar a mim mesmo. Seria tão indiciável quanto...

- Chega - interrompeu Norton. Seu rosto estava comprido e gelado como uma lápide de ardósia. Recostou-se na cadeira até sua cabeça quase encostar no bordado onde se lia SEU JULGAMENTO CHEGARÁ E É ABSOLUTO.

- Mas...

- Nunca mais mencione dinheiro comigo - disse Norton. Nem neste escritório, nem em lugar nenhum. A menos que queira ver aquela biblioteca transformada em depósito de tintas novamente. Entendeu?

- Só estava tentando deixar o senhor à vontade.

- Olhe aqui: quando eu precisar de um miserável filho da puta como você para me sentir à vontade, me aposento. Concordei com este encontro porque cansei de ser importunado. Dufresne. Quero que pare com isso. Se quer comprar essa briga, o problema é seu, não meu. Poderia escutar histórias malucas como a sua duas vezes por semana se quisesse. Todos os pecadores deste lugar viriam chorar nos meus ombros. Tive mais respeito por você. Mas esse é o fim. Chegamos a um acordo?

- Chegamos - disse Andy. - Mas vou contratar um advogado, se o senhor quer saber.

- Mas para quê, meu Deus?

- Acho que podemos chegar a uma conclusão - disse Andy. - Com Tommy Williams, o meu depoimento e as provas corroborativas de registros e de empregados do Country Club, acho que poderemos chegar a uma conclusão.

- Tommy Williams não está mais preso aqui.

- O quê?

- Foi transferido.

- Transferido para onde?

- Cashman.

Ao ouvir isso, Andy ficou em silêncio. Era um homem inteligente, mas só um homem extremamente burro não sentiria o cheiro de negociata naquilo. Cashman era uma prisão com segurança mínima, bem ao norte do condado de Aroostook. Os internos colhem muitas batatas e isso é trabalho duro, recebem um salário decente pelo trabalho e podem freqüentar as aulas de um instituto técnico-vocacional bem razoável, se assim desejarem. O mais importante para um cara como Tommy, um cara com uma mulher jovem e um filho, era que Cashman tinha um programa de licença... o que significava uma chance de viver como um homem comum, pelo menos nos fins de semana. Uma chance de montar um aviãozinho com seu filho, de fazer amor com a mulher, talvez fazer um piquenique.

Era quase certo que Norton tinha oferecido tudo isso a Tommy com uma única condição: nem mais uma palavra sobre Elwood Blatch, nem agora, nem nunca mais. Ou vai acabar passando maus pedaços em Thomaston na pitoresca Rota 1 com caras realmente violentos, e ao invés de fazer amor com a mulher, vai fazer com uma bicha

velha qualquer.

- Mas por quê? - disse Andy. - Por que...

- E melhor para você - disse Norton calmamente. - Entrei em contato com Rhode Island. Realmente tiveram um presidiário chamado Elwood Blatch. Recebeu o que chamam de liberdade condicional provisória, um desses programas liberais malucos para colocar criminosos na rua. Desapareceu desde então.

Andy disse:

- O diretor de lá... é seu amigo?

Sam Norton deu um sorriso para Andy tão frio quanto uma geladeira.

- Nós nos conhecemos - disse ele.

- Por quê? - repetiu Andy. - Pode me dizer por que fez isso? Sabia que eu não falaria nada sobre... sobre qualquer coisa que estivesse acontecendo. Sabia disso. Então, por quê?

- Porque pessoas como você me aborrecem - disse Norton ponderadamente. - Quero que fique aqui, Sr. Dufresne, e enquanto eu for o diretor de Shawshank, vai ficar aqui. Sabe, você costumava achar que era melhor que os outros. Vejo isso facilmente no rosto de um homem. Reparei isso em você da primeira vez que entrei na biblioteca. Estava escrito em letras maiúsculas em sua testa. Essa expressão já não existe mais e isso me agrada. Não que não seja mais útil, nunca pense isso. Simplesmente homens como você precisam aprender a ter humildade. Andava por aquele pátio de exercícios como se fosse uma sala de estar e estivesse num coquetel dando voltas, cobiçando as mulheres e maridos dos outros e se embebedando. Mas não anda mais desse jeito. E vou ficar reparando se volta a caminhar dessa maneira. Durante alguns anos prestarei atenção em você com muito prazer. Agora dê o fora daqui.

- Está bem. Mas todas as atividades extracurriculares terminam aqui, Norton. As consultas de investimentos, as trapaças, as dicas para não pagar impostos. Tudo acabado. Compre um manual para aprender a declarar seu imposto de renda.

O rosto do Diretor Norton a princípio ficou vermelho como um tijolo... depois perdeu toda a cor.

- Vai voltar para a solitária por causa disso. Trinta dias. Pão e água. E enquanto estiver lá, pense nisso: se alguma coisa acabar agora, a biblioteca acaba. Vou pessoalmente providenciar para que volte a ser o que era antes de você chegar. E vou tornar sua vida... muito dura. Muito difícil. Vai ter os piores dias possíveis. Vai perder aquela cela individual confortável no bloco 5, para começar, e aquelas pedras que ficam no peitoril da janela, e qualquer proteção que os guardas venham lhe dando contra os sodomitas. Vai... perder tudo. Entendido?

Acho que estava bem entendido.

O tempo continuava a passar - o mais velho artifício do mundo, e talvez o único que seja realmente mágico. Mas Andy Dufresne tinha mudado. Tinha se tornado menos sensível. E a única definição que encontro. Continuou fazendo o trabalho sujo para o Diretor Norton e comandando a biblioteca, de maneira que aparentemente as coisas continuaram na mesma. Continuava a tomar drinques no seu aniversário e nas festas de fim de ano; continuava a dividir o resto de cada garrafa. Ocasionalmente eu conseguia para ele panos novos para polir pedras, e em 1967 consegui um novo cinzel - aquele que tinha conseguido há dezenove anos atrás já estava, como já disse, completamente gasto. Dezenove anos! Quando se fala isso assim, de repente, essas duas palavras soam como o golpe surdo de um túmulo se fechando. O cinzel, que tinha custado dez dólares naquela época, estava por vinte e dois em 1967. Eu e ele demos um sorrisinho triste por causa daquilo.

Andy continuava a lapidar e polir as pedras que encontrava no pátio de exercícios, que já era menor nessa época; metade do que havia em 1950 tinha sido asfaltada em 1962. Ainda assim, acho que encontrava o suficiente para manter-se ocupado. Quando acabava uma pedra colocava-a no peitoril da janela, que dava para leste. Disse que gostava de vê-las ao sol, pedaços do planeta que tirara do chão e dera forma. Xistos, quartzos, granitos. Pequenas esculturas engraçadas em mica, unidas com cola de avião. Vários conglomerados de sedimentos polidos e cortados de maneira tal que podia-se ver por que Andy os chamava de "sanduíches milenares" - camadas de diferentes materiais sobrepostos durante décadas e séculos.

De vez em quando Andy dava de presente suas pedras e esculturas a fim de obter espaço para as novas. Acho que me deu a maior parte - com as pedras que pareciam abotoaduras, tinha cinco. Havia uma escultura em mica, sobre a qual lhes falei, que fora cuidadosamente trabalhada para parecer um homem lançando um dardo, e dois conglomerados de sedimentos em que todos os níveis mostravam um corte transversal suavemente polido. Ainda as tenho, e freqüentemente as pego e penso no que um homem é capaz de fazer se tem tempo suficiente e vontade de usá-lo - de gota em gota.

Assim, ao menos aparentemente as coisas continuavam mais ou menos iguais. Se Norton quisesse prejudicar Andy tanto quanto tinha prometido, teria que olhar mais profundamente para ver a mudança. Mas se tivesse visto como Andy estava diferente, acho que Norton teria ficado bastante satisfeito com os quatro anos que se seguiram ao conflito.

Ele tinha dito a Andy que este dava voltas pelo pátio de exercícios como se estivesse num coquetel. Eu não colocaria dessa maneira, mas seio que quis dizer. E como o que eu tinha dito sobre ele, que usava sua liberdade como um casaco invisível, que nunca desenvolveu uma mentalidade de prisioneiro. Seus olhos nunca tinham aquela expressão monótona. Nunca caminhou como os outros homens que voltam às suas celas no final do dia para mais uma noite interminável - um andar arrastado, com os ombros caídos. Andy caminhava de ombros erguidos, com passos leves, como se estivesse indo para casa encontrar uma mulher amorosa e comer uma refeição caseira, e não aquela gororoba de vegetais mal cozidos e sem gosto, purê de batatas encaroçado e uma ou duas fatias daquela coisa gordurosa e cheia de cartilagem que a maioria dos presos chamava de carne misteriosa... isso e uma foto de Raquel Welch na parede.

Mas naqueles quatro anos, embora nunca tivesse ficado exatamente como os outros, tornou-se silencioso, introspectivo e taciturno. Quem poderia culpá-lo? Assim, talvez fosse o Diretor Norton quem estava satisfeito... pelo menos por enquanto.

Seu humor sombrio desapareceu mais ou menos na época do Campeonato Mundial de 1967. Aquele foi um ano de sonhos, o ano em que os Red Sox ganharam a flâmula e não ficaram em nono lugar, como os bookmakers de Las Vegas haviam previsto. Quando isso aconteceu - quando ganharam a flâmula da Liga Americana - uma espécie de euforia tomou conta da prisão inteira. Havia uma crença um tanto quanto tola de que se o Dead Sox podia se recuperar, qualquer um podia... Não posso explicar esse sentimento agora, tanto quanto um ex-beatlemaníaco não pode explicar aquela loucura, imagino. Mas era real. Todos os rádios da prisão ficavam sintonizados nos jogos enquanto o Red Sox alegrava nossas vidas. Houve um desânimo quando o Sox perdeu duas em Cleveland quase no final, e uma alegria quase histérica quando Rico Petrocelli rebateu uma bola decisiva. E depois houve tristeza quando Lonborg foi derrotado no último jogo do campeonato, pondo fim a um sonho que não pôde ser gozado completamente. Provavelmente Norton ficou feliz, o filho da puta. Gostava dever a prisão com ar fúnebre e pesado.

Para Andy, no entanto, não foi mais um motivo de tristeza. Não era mesmo um aficionado em beisebol, talvez tenha sido por isso. Entretanto, parecia ter sido contagiado pela onda de otimismo, que para ele não se esvaneceu mesmo com o último jogo do campeonato. Tinha tirado aquele casaco invisível do armário e vestido novamente.

Lembro de um dia de sol radiante de outono, quase no final de outubro, algumas semanas depois do término do Campeonato Mundial. Acho que era um domingo, porque o pátio de exercícios estava cheio de homens "dando uma volta" - arremessando disco, jogando futebol, trocando o que tinham para trocar. Outros ficavam sentados na longa mesa da sala de visitas, sob o olhar fixo dos vigias, conversando com parentes, fumando, contando mentiras sinceras, recebendo seus pacotes previamente examinados.

Andy estava acocorado como um índio encostado à parede, com duas pedrinhas na mão batendo ritmicamente uma na outra, o rosto virado para o sol. Estava surpreendentemente quente aquele sol para um dia já tão próximo do final do ano.

- Ei, Red - gritou. - Vem cá, senta aqui um pouco.

Fui.

- Quer isso? - perguntou, e me mostrou um dos "sanduíches milenares" cuidadosamente polidos sobre os quais lhes falei há pouco.

- Claro - disse eu. - E muito bonito. Obrigado.

Deu de ombros e mudou de assunto.

- Aniversário importante ano que vem para você.

Concordei. No próximo ano me tornaria um homem de trinta anos de cadeia. Sessenta por cento de minha vida passada na Prisão Estadual de Shawshank.

- Acha que algum dia vai sair?

- Claro. Quando tiver uma longa barba branca e estiver meio gagá.

Ele sorriu um pouco e virou o rosto para o sol novamente, de olhos fechados.

- Está agradável.

- Acho que sempre é agradável quando a gente sabe que a merda do inverno está chegando.

Ele concordou, e ficamos em silêncio por um tempo.

- Quando eu sair daqui - disse Andy finalmente, - vou para um lugar que seja quente o ano inteiro. - Falou com uma certeza tão tranqüila que você acharia que só tinha mais um mês de cadeia pela frente. - Sabe para onde vou, Red?

- Não.

- Zihuatanejo - disse ele, rolando a palavra docemente em sua boca como uma música. - Lá no México. É um lugar pequeno, talvez a trinta quilômetros de Playa Azul e da Auto-estrada 37. Fica a cento e sessenta quilômetros a nordeste de Acapulco no Oceano Pacífico. Sabe o que os mexicanos dizem do Pacífico?

Disse que não.

- Dizem que não tem memória. E é lá que quero passar o resto da minha vida, Red. Num lugar quente e sem memória.

Andy tinha pego um punhado de pedras enquanto falava; jogava-as para cima, uma por uma, e as olhava girar e rolar pelo centro imundo do campo de beisebol, que em breve estaria coberto por um palmo e meio de neve.

- Zihuatanejo. Vou ter um pequeno hotel lá. Seis chalés ao longo da praia e seis mais para trás, próximos ao comércio da estrada. Vou ter um garoto para levar meus hóspedes para pescar num barco de aluguel. Haverá um troféu para aquele que pescar o maior peixe-vela da temporada, e colocarei seu retrato no saguão. Não será um lugar familiar. Será um lugar para pessoas em lua-de-mel... primeira ou segunda.

- E onde vai conseguir dinheiro para comprar esse lugar fabuloso? - perguntei. - Com suas ações?

Andy olhou para mim e sorriu.

- Não está muito longe - disse ele. - As vezes você me surpreende, Red.

- O que quer dizer com isso?

- Na verdade, só existem dois tipos de homens no mundo que enfrentam problemas - disse Andy, colocando as mãos em volta de um fósforo e acendendo um cigarro. - Imagine se houvesse uma casa cheia de quadros raros, esculturas e antigüidades de alto valor, Red. E imagine se o dono da casa ouvisse dizer que um tremendo furacão se aproximava. Um desses dois tipos de homem espera o melhor. O furacão vai mudar de direção, diz para si mesmo. Nem pensar que o furacão ousaria varrer todos esses Rembrandts, meus dois cavalos de Degas, meus Grant Woods e meus Bentons. Além do mais, Deus não permitiria. E se o pior tiver que acontecer, eles estão no seguro. Esse é um tipo de homem. O outro tipo simplesmente acha que o furacão vai entrar pelo meio da casa e destruí-la. Se o serviço de meteorologia informar que o furacão acabou de mudar de direção, esse cara vai achar que vai mudar de novo e arrasar sua casa. Esse segundo tipo de cara sabe que não há mal em esperar o melhor, desde que esteja preparado para o pior.

Acendi um cigarro.

- Está dizendo que está preparado para essa eventualidade?

- Sim, estava preparado para o furacão. Sabia que era difícil. Não tinha muito tempo, mas agi com o tempo que tinha. Tinha um amigo - praticamente a única pessoa em quem podia confiar que trabalhava numa firma de investimentos em Portland. Morreu há uns seis anos atrás.

- Sinto muito.

- É. - Andy jogou a guimba fora. - Eu e Linda tínhamos cerca de quatorze mil dólares. Não é muito, mas poxa, éramos jovens. Tínhamos a vida inteira pela frente. - Contraiu um pouco o rosto, depois riu. - Quando as coisas pioraram, comecei a tirar meus Rembrandts da rota do furacão. Vendi minhas ações e paguei os impostos sobre o lucro como um bom menino. Declarei tudo. Não escondi nada.

- Não confiscaram seus bens?

- Fui incriminado por assassinato, Red, e não morto! Não se pode confiscar os bens de um homem inocente - graças a Deus. E foi antes de terem a coragem de me condenar pelo crime. Jim meu amigo - e eu tínhamos algum tempo. Me dei mal, perdi um bocado. Fiquei esfolado. Mas naquela época tinha coisas piores com que me preocupar do que uma perda na bolsa.

- É, imagino que sim.

- Mas quando vim para Shawshank estava tudo seguro. Ainda está. Do outro lado destes muros, Red, existe um homem que ninguém jamais viu. Tem cartão de seguro social e carteira de motorista do Maine. Tem certidão de nascimento. Chama-se Peter Stevens. Um simpático nome comum, heim?

- Quem é ele? - perguntei. Achava que sabia o que ia responder, mas não podia acreditar.

- Eu.

- Não vai me dizer que teve tempo de conseguir uma identidade falsa com os vigias andando atrás de você - disse eu, ou que terminou o trabalho enquanto estava sendo julgado...

- Não, não vou lhe dizer isso. Foi meu amigo Jim quem conseguiu a identidade falsa. Ele começou a se mexer depois que meu recurso foi recusado, e os principais documentos de identificação estavam em suas mãos por volta da primavera de 1950.

- Deve ter sido um grande amigo - disse eu. Não sabia o quanto acreditava naquilo - pouco, muito ou nada. Mas o dia estava quente e o sol brilhava, e a história era incrivelmente interessante. - Tudo isso é cem por cento ilegal, conseguir uma identidade falsa assim.

- Era um grande amigo - disse Andy. - Estivemos juntos na guerra. França, Alemanha, a ocupação. Era um bom amigo. Sabia que era ilegal, mas também sabia que conseguir uma identidade falsa neste país é muito fácil, e muito seguro. Pegou meu dinheiro - todo o dinheiro com os impostos pagos para que o Imposto de Renda não se interessasse muito - e investiu-o para Peter Stevens. Fez isso em 1950 e 1951. Hoje chega a trezentos e setenta mil dólares e mais alguns trocados.

Acho que meu queixo fez um barulho quando caiu até o peito, porque ele riu.

- Imagine se todas as pessoas tivessem investido desde 1950, por aí. quantas não estariam na situação de Peter Stevens. Se eu não tivesse vindo parar aqui, provavelmente teria agora uns sete ou oito milhões de dólares. Teria um Rolls Royce... e provavelmente uma úlcera do tamanho de um rádio portátil.

Colocou as mãos na terra e começou a peneirar os seixos. Moviam-se rápido, com graça.

- Torcia pelo melhor e esperava o pior - nada além disso. O nome falso foi só para manter meu pequeno capital intacto. Tirei as pinturas do caminho do furacão. Mas não imaginava que o furacão... que fosse tão longe como foi.

Eu fiquei calado por um tempo. Acho que estava tentando absorver a idéia de que aquele homem pequeno e magro em trajes cinza da prisão pudesse ter mais dinheiro que o Diretor Norton conseguiria juntar até o final de sua vida miserável, mesmo com todas as trapaças.

- Quando você disse que podia contratar um advogado, não estava brincando mesmo - eu disse por fim. - Com essa grana poderia contratar Clarence Darrow ou quem quer que esteja em seu lugar hoje em dia. Por que não fez isso, Andy? Meu Deus, você poderia ter saído daqui como um foguete.

Ele sorriu. Era o mesmo sorriso que tinha no rosto quando me disse que ele e a mulher tinham a vida inteira pela frente.

- Não - disse ele.

- Um bom advogado teria tirado o tal do Williams de Cashman, quisesse ele ou não - disse eu. Estava começando a me empolgar. - Poderia ter conseguido um novo julgamento, contratado detetives particulares para investigar sobre Blatch e de sobra deixado Norton em maus lençóis. Por que não, Andy?

- Porque fui esperto. Se algum dia tentar colocar as mãos no dinheiro de Peter Stevens daqui de dentro vou perder até o último centavo. Meu amigo Jim poderia ter feito isso, mas Jim está morto. Entende o problema?

Entendia. Apesar de todos os benefícios que traria para Andy, aquele dinheiro também poderia pertencer a outra pessoa. De certa forma pertencia. Se de repente o negócio em que tinha investido começasse a cair, tudo que Andy poderia fazer seria ficar olhando o naufrágio, acompanhando dia após dia nas páginas de mercado do Press Herald. E uma coisa dura, imagino.

- Vou lhe contar como é, Red. Há um grande campo de feno na cidade de Buxton. Sabe onde fica Buxton, não sabe?

Disse que sim. E pertinho de Scarborough.

- Exatamente. E do lado norte desse campo há um muro de pedra, saído de um poema de Robert Frost. E em algum lugar ao longo da base desse muro há uma pedra que não tem similar num campo de feno no Maine. E um pedaço de vidro vulcânico e até 1947 era usado como peso de papel na mesa do meu escritório. Meu amigo Jim colocou-a nesse muro. Há uma chave debaixo dela. A chave abre um cofre da agência de Portland do Banco Casco.

- Acho que você está numa fria - disse eu. - Quando seu amigo Jim morreu, o Serviço de Receita Pública deve ter aberto todos os seus cofres. Juntamente com o testamenteiro, é claro.

Andy sorriu e deu um tapinha do lado da minha cabeça.

- Nada mau. Há mais coisas a í dentro além de marshmal lows.

Mas pensamos na possibilidade de Jim morrer enquanto eu estivesse na cadeia. O cofre está no nome de Peter Stevens e uma vez por ano a firma que fez o testamento de Jim envia um cheque ao Casco para cobrir o aluguel do cofre de Stevens.

Peter Stevens está dentro desse cofre, só esperando para sair.

Sua certidão de nascimento, a carteira do Seguro Social e a carteira de motorista. A carteira está expirada há seis anos porque Jim morreu há seis anos, é verdade, mas ainda pode ser perfeitamente renovada por cinco dólares. Os certificados das ações estão lá, os

títulos sem impostos e cerca de dezoito ações ao portador no valor de dez mil dólares cada.

Assoviei.

- Peter Stevens está trancado num cofre do Banco Casco de Portland e Andy Dufresne trancado num cofre em Shawshank disse ele. Pão-pão, queijo-queijo. E a chave que abre o cofre, o dinheiro e a vida nova estão debaixo de uma pedra de vidro preto num campo de feno de Buxton. Já lhe disse tudo isso, e vou dizer mais, Red - nos últimos vinte anos, sem tirar nem pôr, venho acompanhando os jornais com uma atenção redobrada procurando notícias sobre algum projeto de construção em Buxton. Fico achando que qualquer dia vou ler que vão construir uma estrada passando por lá, ou um hospital comunitário, ou um shopping center. Seria enterrar minha nova vida debaixo de dez metros de concreto ou cuspi-la dentro de algum pântano e aterrá-la.

Falei sem pensar:

- Meu Deus, Andy, se tudo isso é verdade, como ainda não ficou louco?

Ele sorriu.

- Por enquanto, tudo tranqüilo no front.

- Mas pode levar anos...

- Vai levar. Talvez não tanto quanto o Estado e o Diretor Norton imaginem. Não posso esperar tanto. Fico pensando em Zihuatanejo e naquele pequeno hotel. É tudo o que quero na vida, Red, e acho que não quero demais. Não matei Glenn Quentin e não matei minha mulher; e aquele hotel... não estou querendo demais. Nadar, me bronzear e dormir num quarto com as janelas abertas e espaço... não é querer demais.

Jogou as pedras fora.

- Sabe, Red - disse sem pensar. - Num lugar como aquele teria que ter um homem que soubesse como conseguir as coisas.

Pensei naquilo por um longo tempo. E o maior inconveniente para mim não era nem que estivéssemos falando sobre sonhos num patiozinho de exercícios de merda numa prisão com guardas armados nos olhando do alto de suas guaritas.

- Eu não poderia - disse eu. - Não conseguiria ser bem-sucedido lá fora. Agora sou o que eles chamam de um homem institucional. Aqui sou o homem que pode conseguir as coisas, tá legal. Mas lá fora qualquer um pode conseguir. Lá fora, se quiser posters, cinzéis, um determinado disco ou um kit de barco para montar, pode usar a merda das Páginas Amarelas. Aqui, eu sou a merda das Páginas Amarelas. Não saberia como começar. Nem por onde.

- Você se subestima - disse ele. - Você é um autodidata, um homem que venceu com o próprio esforço. Um homem notável, para mim.

- Porra, não tenho nem diploma de segundo grau.

- Eu sei disso - disse ele. - Mas não é só um pedaço de papel que faz um homem. E também não é só a prisão que o estraga.

- Eu não poderia ser um profissional lá fora, Andy. Sei disso.

Andy levantou-se.

- Pense nisso - disse ele displicentemente quando o sinal lá dentro tocou. E foi-se embora, caminhando como um homem livre que acabara de fazer uma proposta a outro homem livre. E por algum tempo aquilo foi o suficiente para que me sentisse livre. Andy tinha essa capacidade. Conseguia me fazer esquecer por alguns instantes que nós dois éramos condenados à prisão perpétua, à mercê de um conselho de liberdade condicional composto por canalhas e de um diretor pregador de salmos que queria Andy exatamente ali onde estava. Afinal de contas, Andy era um cãozinho de estimação que sabia como reaver o dinheiro dos impostos. Que animalzinho formidável!

Mas naquela noite em minha cela senti-me um prisioneiro de novo. A idéia parecia absurda e a imagem mental de águas azuis e praias de areias brancas pareciam mais dolorosas que tolas fisgava minha mente como um anzol. Simplesmente não conseguia usar aquele casaco invisível como Andy. Adormeci e sonhei com uma pedra enorme de vidro preto no meio de um campo de feno; uma pedra com a forma de uma enorme bigorna de ferreiro. Tentava levantar a pedra para poder pegar a chave que estava embaixo. Nem se movia, era grande demais.

E ao fundo, cada vez mais próximo, ouvia o latido de cães de caça.

O que nos leva, suponho, ao tema de fugas.

Claro, acontecem de vez em quando em nossa pequena família feliz. No entanto, não se pula o muro, não em Shawshank, não se o cara for esperto. As luzes de busca ficam acesas a noite inteira, lançando longos dedos brancos por sobre os campos abertos que circundam três lados da prisão e o pântano fedorento do quarto lado. Os prisioneiros algumas vezes pulam os muros, e as luzes de busca quase sempre os pegam. Se não, são capturados tentando pegar carona na Auto-estrada 6 ou na 99. Se tentam atravessar os campos, algum fazendeiro os vê e telefona logo para a prisão dando sua localização. Os prisioneiros que pulam os muros são burros. Shawshank não é nenhuma Canon City, mas numa área rural um homem tentando atravessar o campo de pijama cinza fica tão evidente quanto uma barata num bolo de casamento.

Durante esses anos, os caras que tiveram êxito - talvez fantasticamente, talvez nem tanto - foram os caras que fizeram isso impulsivamente. Alguns saíram dentro de uma carreta cheia de lençóis; um sanduíche de réu na pureza do branco dos lençóis, pode-se dizer. Isso acontecia muito logo que cheguei aqui, mas com o passar dos anos eles mais ou menos fecharam essa saída.

O famoso programa "AO AR LIVRE" do Diretor Norton também produziu sua cota de

fugas. Eram os caras que decidiram levar o nome do programa ao pé da letra. E, novamente, na maioria dos casos, era uma coisa bem espontânea. Jogar o ancinho no chão e entrar debaixo de um arbusto enquanto os vigias tomam um copo d'água no caminhão ou quando uma dupla deles se envolve numa discussão.

Em 1969, os integrantes do programa "AO AR LIVRE" colhiam batatas aos domingos. Era dia três de novembro e o trabalho estava quase no fim. Havia um guarda chamado Henry Pugh - e, acreditem, não é mais membro da nossa pequena família feliz -- sentado no pára-lama traseiro de um dos caminhões de batatas, almoçando com sua carabina atravessada em cima dos joelhos, quando uma linda mulher (assim me contaram, mas às vezes exageram) surgiu do meio da bruma do começo da tarde. Pugh foi atrás dela imaginando como ficaria aquele troféu exposto em sua galeria de recordes, e enquanto fazia isso três dos presos simplesmente foram embora. Dois foram recapturados numa sala de jogos eletrônicos em Lisboa. O terceiro não foi encontrado até hoje.

Acho que o caso mais famoso foi o de Sid Nedeau. Isso foi em 1958 e acho que nunca vai ser apurado. Sid estava do lado de fora marcando as linhas do campo para um campeonato interno de beisebol no sábado, quando o sinal das três horas soou anunciando a troca de guardas. O estacionamento fica depois do pátio de exercícios, do outro lado do portão principal eletrônico. As três horas o portão se abre e os guardas que chegam e os que saem se misturam. Há muitas brincadeiras, insultos, comparações de times e as costumeiras piadinhas étnicas cansativas.

Sid simplesmente saiu empurrando a máquina portão afora deixando atrás de si uma linha de oito centímetros de espessura que ia desde o lugar do batedor no pátio de exercícios até uma vala do outro lado da Rodovia 6, onde encontraram a máquina virada numa pilha de cal. Não me perguntem como conseguiu. Estava vestido com seu uniforme de presidiário, tinha um metro e noventa de altura e formava nuvens de poeira de cal atrás de si. Tudo o que posso imaginar é que, sendo uma sexta-feira à tarde e tudo, os guardas que iam embora estavam tão felizes e os que entravam, tão deprimidos, que os membros do primeiro grupo continuaram com a cabeça nas nuvens e os do segundo não tiraram os olhos da ponta dos sapatos... e o velho Sid Nedeau simplesmente escapuliu no meio deles.

Pelo que eu saiba, Sid ainda está solto. Durante esses anos Andy Dufresne e eu demos boas risadas com a grande fuga de Sid Nedeau, e quando ouvimos falar daquele seqüestro de avião em que o cara pulou de pára-quedas da porta traseira do avião, Andy jurou de pés juntos que o verdadeiro nome de D. B. Cooper era Sid Nedeau.

- E provavelmente tinha o bolso cheio de cal para dar sorte - disse Andy. -- Aquele sortudo filho da mãe.

Mas vocês devem entender que casos como o de Sid Nedeau ou o do cara que fugiu habilmente do campo de batatas num domingo são como se esses caras tivessem ganho o sweepstake irlandês. Puramente um caso de seis tipos de sorte diferentes que se consolidam todas ao mesmo tempo. Um cara formal como Andy podia esperar noventa anos e nunca conseguir uma chance dessas.

Talvez vocês se lembrem que um pouco atrás mencionei um cara chamado Henley Backus, que tomava conta do banheiro da lavanderia. Ele veio para Shawshank em 1922 e morreu na enfermaria da prisão trinta e um anos depois. Fugas e tentativas de fuga eram seu passatempo, talvez porque nunca tenha ousado correr o risco. Podia lhe dizer cem planos diferentes, todos malucos, e todos já tinham sido tentados em Shank alguma vez. Minha história predileta era a de Beaver Morrison, que tentou construir sozinho um planador no porão da fábrica de placas. O projeto em que se baseava estava num livro escrito por volta de 1900 chamado Guia de Diversões e Aventuras do Rapaz Moderno. Beaver construiu o planador sem ser descoberto, assim diz a história, para descobrir depois que não havia no porão uma porta suficientemente grande para passar o troço. Quando Henley contava essa história todos choravam de rir, e ele sabia uma dúzia - uma não, duas dúzias de histórias - quase tão engraçadas quanto essa.

Os detalhes dos fracassos ocorridos em Shawshank, Henley contava com minúcias. Contou uma vez que no seu tempo tinha havido mais de quatrocentas tentativas de fuga, que ele soubesse. Pense mesmo nisso antes de balançar a cabeça e continuar lendo. Quatrocentas tentativas de fuga! Isso significa 12,9 tentativas de fuga para cada ano que Henley Backus passou em Shawshank e as acompanhou. Era o Clube da Tentativa de Fuga do Mês. Claro que a maioria das tentativas eram frustradas, que acabavam com um guarda arrastando o idiota pelo braço e grunhindo: "Onde pensa que vai, seu corno feliz?"

Henley disse que classificaria talvez umas sessenta como tentativas mais sérias, e incluiu a "fuga da prisão" de 1937, um ano antes de eu chegar a Shank. A nova ala administrativa estava em construção naquela época e quatorze presos fugiram usando o material da construção guardado num barraco mal fechado. A população inteira do sul do Maine ficou em pânico com os quatorze "criminosos perigosos", a maioria dos quais estava morta de medo e não tinha a menor idéia para onde ir, como coelhos ofuscados pelos faróis de um caminhão. Nenhum dos quatorze escapou. Dois deles morreram a tiros - dados por civis e não por policiais ou guardas da penitenciária - mas nenhum escapou.

Quantos já tinham fugido entre 1938, quando cheguei aqui, e aquele dia de outubro em que Andy me falou sobre Zihuatanejo pela primeira vez? Juntando as minhas informações e as de Henley, diria dez. Dez escaparam ilesos. E embora não se possa ter certeza, acho que pelo menos metade deles está cumprindo pena em algum estabelecimento primário como Shank. Porque o cara fica realmente doutrinado. Quando se tira a liberdade de um homem e se ensina a viver dentro de uma cela, ele parece perder a capacidade de pensar em dimensões. É como aquele coelho que falei, apavorado com os faróis do caminhão prestes a matá-lo. Freqüentemente o prisioneiro que acaba de fugir vai fazer alguma coisa idiota que não tem a menor chance de dar certo... e por quê? Porque isso vai trazê-lo de volta. De volta para onde compreende como as coisas funcionam.

Andy não era assim, mas' eu era. A idéia de ver o Pacífico soava excelente, mas tinha medo de vê-lo de perto e ficar apavorado pela sua grandeza.

De qualquer forma, no dia da conversa sobre o México e sobre Peter Stevens... foi naquele dia que comecei a acreditar que Andy tinha idéia de realizar um ato de sumiço.

Torcia para que fosse cuidadoso, e mesmo assim não apostaria em suas chances de ser bem sucedido. O Diretor Norton, observem, acompanhava Andy de perto. Andy não era mais um mortal com um número para Norton; tinham uma relação de trabalho, pode-se dizer assim. Além do mais, Andy tinha cabeça e coração. Norton estava disposto a usar uma e esmagar o outro.

Da mesma forma que existem políticos honestos do lado de fora - os que continuam sem criatividade - existem guardas honestos, e se você for um bom observador de personalidades e tiver bastante dinheiro para gastar, acho que é possível dar um jeitinho para fugir. Não sou eu quem vai dizer que isso nunca aconteceu, mas Andy Dufresne não podia fazer isso. Porque, como disse, Norton não saía dos seus calcanhares. Andy sabia disso, e os guardas também.

Ninguém designaria Andy para o programa "AO AR LIVRE", não enquanto fosse o Diretor Norton quem julgasse as nomeações. E Andy não era o tipo de homem que improvisasse uma fuga como a de Sid Nedeau.

Se eu estivesse no lugar dele, a lembrança daquela chave teria me atormentado constantemente. Teria sorte de conseguir dormir de verdade duas horas por noite. Buxton ficava a menos de dez quilômetros de Shawshank.

Eu ainda achava que sua melhor chance era contratar um advogado e tentar um novo julgamento. Qualquer coisa para se livrar das garras de Norton. Talvez Tommy Williams calasse a boca com um simples programa de licença, mas não tinha muita certeza. Talvez um bom advogado durão do Mississipi pudesse dobrá-lo... e talvez esse advogado não precisasse se empenhar tanto. Williams tinha gostado de Andy de verdade. A toda hora eu mostrava esses pontos a Andy, que apenas sorria com o olhar distante e dizia que estava pensando naquilo.

Aparentemente estava pensando numa série de outras coisas também.

Em 1975, Andy Dufresne fugiu de Shawshank. Não foi recapturado e acho que nunca vai ser. Na verdade, acho que Andy Dufresne nem existe mais. Mas acho que há um homem em Zihuatanejo, México, chamado Peter Stevens. Provavelmente dono de um pequeno hotel novo neste ano de Jesus de 1976.

Vou lhes contar o que sei e o que acho; é quase tudo que posso fazer, não é?

No dia 12 de março de 1975, as portas das celas do bloco 5 abriram-se às 6:30, como acontece todos os dias por aqui, exceto aos domingos. E como sempre, exceto aos domingos, os presos dessas celas saíram para o corredor e formaram duas filas, ouvindo as portas fecharem-se com um estrondo atrás de si. Caminharam até o portão principal do bloco onde eram contados pelos guardas antes de desceram para o refeitório para o café da manhã com mingau de aveia, ovos mexidos e bacon gorduroso.

Tudo isso aconteceu como de costume até a contagem no portão do bloco de celas. Deveria haver vinte e sete homens. No entanto, havia vinte e seis. Após chamarem o chefe dos guardas, permitiram que o bloco 5 fosse tomar café.

O chefe dos guardas, um sujeito não muito mau chamado Richard Gonyar, e seu assistente, um mau-caráter metido a engraçadinho chamado Dave Burkes, desceram imediatamente até o bloco 5. Gonyar reabriu as portas das celas e ele e Burkes desceram o corredor juntos, passando seus cassetetes pelas grades, os revólveres a postos. Num caso desses o que geralmente acontece é alguém ter ficado doente, tão doente que nem consegue sair da cela de manhã. Mais raramente alguém morreu... ou se suicidou.

Mas desta vez encontraram um mistério ao invés de um homem doente ou um homem morto. Não encontraram homem nenhum. Havia quatorze celas no bloco 5, sete de cada lado, todas bem arrumadas - em Shawshank, a punição para uma cela bagunçada é a restrição de visitas - e vazias.

A primeira hipótese levantada por Gonyar foi que tivesse havido erro na contagem ou uma piadinha eficaz. Assim, ao invés de irem trabalhar após o café, os internos do bloco 5 foram mandados de volta para suas celas, brincando felizes. Qualquer quebra na rotina era sempre bem-vinda.

As portas das celas se abriram, os detentos entraram; as portas se fecharam. Algum palhaço gritou:

- Quero meu advogado! Quero meu advogado! Vocês dirigem esta prisão como se fosse um puteiro!

Burkes: - Cala a boca aí ou eu te arrebento!

O palhaço: - Tirei um sarro com a tua mulher, Burkie.

Gonyar: - Calem a boca, todos vocês, ou vão passar o dia aí!

Ele e Burkes revistaram as celas novamente, contando os presos. Não precisaram ir longe.

- De quem é esta cela? - perguntou Gonyar ao guarda noturno à sua direita.

- Andrew Dufresne - respondeu o guarda, e isso foi o suficiente. Tudo saiu da rotina a partir daquela hora. A confusão começou.

Em todos os filmes sobre prisão que vi as sirenes disparam quando há uma fuga. Em Shawshank isso nunca acontece. A primeira coisa que Gonyar fez foi entrar em contato com o diretor. A segunda foi providenciar uma busca na prisão. A terceira foi alertar a polícia estadual de Scarborough sobre uma possível rebelião.

Essa era a rotina Não exigiram que se examinasse a cela do fugitivo suspeito, e ninguém fez isso. Não naquela hora. Para quê? Estava tudo ali na cara. Era uma pequena cela quadrada, grades na janela e na porta de correr. Havia um banheiro e um catre vazio. Algumas lindas pedras no peitoril da janela.

E o poster, claro. Era Linda Ronstadt naquela época. O poster ficava bem em cima do catre. Havia poster ali, naquele mesmo lugar, há vinte e seis anos. E quando alguém -

foi o próprio Diretor Norton, como se verificou, com imaginação, se é que houve - olhasse atrás dele, levaria um tremendo choque.

Mas isso só aconteceu às seis e meia da tarde, quase doze horas depois de Andy ter sido dado como desaparecido, provavelmente vinte horas depois de ter escapado.

Norton subiu pelas paredes.

Soube de fonte limpa - Chester, o prisioneiro de confiança que encerava o chão do corredor da ala administrativa. Não precisou polir o buraco da fechadura com a orelha naquele dia; ele disse que podia ouvir claramente o diretor procurando registros e arquivos e xingando Rich Gonyar.

- O que está querendo dizer, está "convencido de ele não estar dentro da prisão"? O que significa isso? Significa que você não o encontrou! E melhor encontrá-lo! E melhor que isso aconteça! Porque eu quero ele de volta! Está entendendo? Quero ele de volta!

Gonyar falou alguma coisa.

- Não aconteceu no seu turno? É o que você diz. Pelo que eu saiba, ninguém sabe quando aconteceu. Nem como. Nem se aconteceu. Agora, quero ele na minha sala até às três horas da tarde de hoje, ou algumas cabeças vão rolar. Prometo isso a você, e sempre cumpro minhas promessas!

Gonyar disse alguma coisa que pareceu aumentar ainda mais a ira de Norton.

- Não? Então olhe isso aqui! Olhe isso aqui! Reconhece? Os registros de contagem do bloco 5 de ontem à noite. Todos os prisioneiros registrados. Dufresne foi trancado ontem às nove horas da noite e é impossível ter fugido agora! Impossível! Agora, vá encontrá-lo!

Mas às três horas daquela tarde Andy ainda estava desaparecido. O próprio Norton desceu enfurecido até o bloco 5 algumas horas depois, onde todos nós tínhamos ficado trancados o dia inteiro. Se fomos interrogados? Passamos a maior parte daquele longo dia sendo interrogados por guardas desesperados que sentiam o dragão bufar em suas nucas. Todos dissemos a mesma coisa. Não vimos nada, não ouvimos nada. E pelo que eu saiba, estávamos dizendo a verdade. Eu, pelo menos, estava. Tudo que podíamos dizer era que Andy realmente estava em sua cela na hora em que foi trancado e quando as luzes se apagaram, uma hora depois.

Uma testemunha sugeriu que Andy tinha escorrido pelo buraco da fechadura. A sugestão lhe valeu quatro dias na solitária. Eles estavam nervosos.

Assim, Norton desceu resoluto olhando para nós com seus olhos azuis quase fervendo a ponto de arrancar faíscas das grades de aço temperado de nossas gaiolas. Olhava para nós como se acreditasse que estávamos todos envolvidos. Provavelmente acreditava mesmo.

Entrou na cela de Andy e olhou em volta. Estava como Andy a tinha deixado, os lençóis

revirados no catre mas sem parecerem usados. Pedras no peitoril da janela... mas não todas. As que mais gostava levou consigo.

- Pedras - sussurrou Norton, e varreu-as do peitoril com estardalhaço. Gonyar, cujo turno já havia terminado, estremeceu mas não disse nada.

Os olhos de Norton pousaram no poster de Linda Ronstadt. Linda olhava por sobre os ombros, as mãos enfiadas nos bolsos de trás da calça comprida castanho-clara, bem justa. Usava uma frente única e tinha um forte bronzeado californiano. Deve ter ofendido profundamente a sensibilidade batista de Norton, aquele poster. Vendo-o olhar para o poster, lembrei-me de Andy me dizendo certa vez que tinha a sensação de que podia quase entrar na fotografia e ficar com a garota.

De uma maneira bem real, foi exatamente o que fez - como Norton descobriria alguns segundos depois.

- Que coisa horrorosa! - grunhiu, e arrancou o poster da parede com um puxão.

E expôs o buraco aberto no concreto atrás do poster.

Gonyar não queria entrar.

Norton ordenou-o - meu Deus, a prisão inteira deve ter ouvido Norton mandá-lo entrar - e Gonyar simplesmente negou-se, categoricamente.

- Isso vai custar o seu emprego! - gritou Norton. Estava tão histérico quanto uma mulher com as ondas de calor da menopausa. Tinha perdido o controle completamente. Seu pescoço ficou vermelho como brasa e duas veias saltaram latejantes em sua testa. Pode contar com isso, seu, seu... seu francezinho! Vou botar você na rua e cuidar para que nunca mais consiga emprego em nenhuma penitenciária da Nova Inglaterra!

Gonyar passou silenciosamente sua pistola a Norton, o cabo primeiro. Estava farto. Passavam duas horas de seu expediente, quase três, e ele estava farto. Foi como se a deserção de Andy de nossa pequena família feliz tivesse levado Norton ao limite máximo de uma irracionalidade íntima que existia há muito tempo... realmente estava louco naquela noite.

Não sei o que seria aquela irracionalidade íntima, é claro. Mas sei que havia vinte e seis presos ouvindo a breve discussão entre Norton e Rich Gonyar naquela noite enquanto a claridade de final do dia se esvanecia do céu monótono do alto inverno, todos nós desgraçados e azarados, que tínhamos visto os administradores entrarem e saírem, os canalhas e os bonzinhos também, e todos sabíamos que o Diretor Samuel Norton tinha acabado de passar o que os engenheiros gostam de chamar de "limite de tensão".

E, juro por Deus, tinha quase a sensação de que em algum lugar podia ouvir Andy Dufresne rindo.

Norton finalmente conseguiu um fiapo de gente do turno da noite para entrar no buraco que havia atrás do poster de Linda Ronstadt de Andy. O nome do guarda esquelético era

Rory Tremont, e não era exatamente brilhante mentalmente. Talvez achasse que iria ganhar uma estrela de bronze ou algo parecido. Enfim, felizmente Norton conseguiu alguém de altura e tamanho aproximados de Andy para entrar lá; se tivessem mandado um sujeito grandão - como a maioria dos guardas - é certo que o cara teria ficado preso, tão certo como dois e dois são quatro... e ainda poderia estar lá.

Tremont entrou com um pedaço de corda de nylon, que alguém tinha encontrado na mala de seu carro, amarrada na cintura e uma grande lanterna de seis pilhas na mão. A essa altura Gonyar, que tinha mudado de idéia sobre largar o trabalho e parecia ser o único ainda capaz de pensar com clareza, tinha desencavado uma série de cópias de plantas. Sei exatamente o que mostravam - uma parede que tinha três metros de espessura. As seções interna e externa tinham cerca de um metro e vinte cada uma. No centro havia 60 centímetros de vão para a tubulação, e você desejaria acreditar que isso era tudo... por mais de um motivo.

A voz de Tremont soou de dentro do buraco, fraca e abafada:

- Alguma coisa está cheirando muito mal aqui, chefe.

- Não tem problema! Continue!

As canelas de Tremont desapareceram no buraco. Um instante depois seus pés sumiram também. A luz da lanterna ia para frente e para trás.

- Chefe, está cheirando terrivelmente mal aqui.

- Não tem problema, já disse! - gritou Norton.

Dolorosamente, a voz de Tremont fez-se ouvir outra vez:

- Cheira a merda. Meu Deus, é isso, é merda, ai meu Deus, deixa eu sair daqui, vou vomitar tudo, merda, é merda, ai meu Deeeeeeeeus... - e ouviu-se o barulho inconfundível de Tremont perdendo suas duas últimas refeições.

Bem, para mim aquilo foi a gota d'água. Não pude me conter. O dia inteiro - não, droga, os últimos trinta anos - vieram à tona de uma vez e eu comecei a rir sem parar, rir como não ria desde que era um homem livre, o tipo de riso que nunca esperaria ter dentro dessas paredes cinzentas. E como foi bom, meu Deus!

- Tirem esse homem daí! - gritou o Diretor Norton, e eu estava rindo tanto que não sabia se ele se referia a mim ou a Tremont. Continuava rindo, batendo os pés no chão e segurando a barriga. Não teria parado se Norton não tivesse ameaçado me dar um tiro certeiro. - Levem ele daqui!

Bem, amigos e vizinhos, fui eu que entrei bem. Direto para a solitária onde fiquei quinze dias. Azar. Mas a toda hora me lembrava do coitado do não-muito-brilhante Rory Tremont gritando "ai, meu Deus, é merda, é merda", e depois pensava em Andy Dufresne indo para o sul em seu próprio carro, vestido num elegante terno, e só podia rir. Passei aqueles quinze dias na solitária praticamente com os pés nas costas. Talvez

porque metade de mim estivesse com Andy Dufresne, Andy Dufresne que tinha passado pela merda e saído limpo do outro lado, Andy Dufresne, em direção ao Pacífico.

Ouvi o resto do que se passou naquela noite de meia dúzia de fontes diferentes. Não havia muito, entretanto. Acho que Rory

Tremont chegou à conclusão que não tinha muito mais a perder depois de ter perdido o almoço e o jantar, porque continuou sua tarefa. Não havia perigo de cair no vão da tubulação entre os segmentos interno e externo da parede do bloco de celas; era tão estreito que Tremont teve que se apertar para entrar. Disse depois que só podia respirar pela metade e sabia como era ser enterrado vivo.

O que encontrou no final do vão foi um cano de esgoto principal que servia os quatorze banheiros do bloco 5, um tubo de porcelana instalado há trinta e três anos atrás. Tinha sido quebrado. Ao lado do buraco irregular no cano, Tremont encontrou o cinzel de Andy.

Andy tinha conseguido sua liberdade, mas não tinha sido fácil.

O cano era ainda mais estreito que o vão pelo qual Tremont tinha descido. Rory Tremont não entrou, e, pelo que eu saiba, ninguém entrou também. Devia ser quase indescritível. Um rato pulou do cano quando Tremont examinava o buraco e o cinzel, e ele jurou depois que era quase tão grande quanto um filhote de cocker spaniel. Subiu de volta de gatinhas para a cela de Andy como um macaco subindo num galho.

E Andy tinha entrado naquele cano. Talvez soubesse que terminava num córrego a 450 metros da prisão no pântano do lado oeste. Acho que sabia. As plantas da prisão estavam por perto e Andy teria achado um jeito de estudá-las. Era um companheiro metódico. Devia saber ou ter descoberto que o cano de esgoto que saía do bloco 5 era o último em Shawshank que não estava ligado à máquina de tratamento de despejos, e devia saber que tinha de agir até meados de 1975 ou nunca mais, pois em agosto mudariam para a máquina de tratamento.

Quatrocentos e cinqüenta metros. O comprimento de cinco campos de futebol. Quase meio quilômetro. Arrastou-se aquela distância, talvez com uma pequena lanterna na mão, talvez com nada além de algumas caixas de fósforos. Arrastou-se naquela sujeira que não consigo ou não quero imaginar. Talvez os ratos se dispersam à sua frente, ou talvez o atacassem como às vezes fazem quando têm uma chance de atacar no escuro. Devia ter a largura certa de ombros para continuar se movendo, e provavelmente teve que fazer força para passar pelas junções dos canos. Se fosse eu, a claustrofobia teria me enlouquecido diversas vezes. Mas ele conseguiu.

No final do cano encontraram pegadas enlameadas saindo do córrego parado e poluído no qual o cano desembocava. A três quilômetros dali um grupo de busca encontrou seu uniforme de prisioneiro - isso foi um dia depois.

A história explodiu nos jornais, como vocês devem imaginar, mas ninguém, num raio de vinte e quatro quilômetros da prisão, apareceu para denunciar um carro roubado, roupas roubadas ou um homem nu sob o luar. Não havia mais que um cão latindo num terreiro

de fazenda. Saiu do cano do esgoto e desapareceu como fumaça.

Mas aposto que desapareceu na direção de Buxton.

Três meses depois daquele dia memorável, o Diretor Norton pediu demissão. Era um homem derrotado, tenho o prazer de relatar. A primavera se acabara para ele. No último dia se arrastou cabisbaixo como um velho prisioneiro se arrastando cabisbaixo na enfermaria atrás de suas pílulas de codeína. Foi Gonyar quem assumiu, e para Norton deve ter sido o pior golpe de todos. Pelo que eu saiba, Sam Norton está em Eliot agora, comparecendo todos os domingos aos serviços da Igreja Batista e imaginando como Andy Dufresne conseguiu levar a melhor.

Eu poderia ter-lhe respondido; a resposta a essa questão é a própria simplicidade. Alguns a têm, Sam. Outros não têm, e nunca terão.

Isso é o que sei, agora vou contar o que acho. Posso errarem alguns detalhes, mas aposto meu relógio que em linhas gerais estou certo. Porque sendo Andy o tipo de homem que era, pode ter acontecido apenas de duas maneiras. E a toda hora, quando penso nisso, penso em Normaden, aquele índio meio maluco. "Bom sujeito", tinha dito Normaden após conviver com Andy por oito meses. "Fiquei feliz em ir embora, eu. Corrente de ar forte naquela cela. O tempo todo frio. Não deixava ninguém pegar nas coisas dele. Tudo bem. Bom sujeito, nunca zombou de mim. Mas corrente de ar forte." Pobre Normaden maluco. Sabia mais que todos nos, e soube antes. Foram oito longos meses até Andy conseguir que ele fosse embora e ter a cela só para si novamente. Se não fossem os oito meses que Normaden passou com ele logo que o Diretor Norton assumiu, acredito realmente que Andy tivesse ficado livre antes de Nixon renunciar.

Agora acredito que ele começou em 1949, naquela época não com o cinzel, mas com o poster de Ríta Hayworth. Contei a vocês como ele parecia nervoso quando o pediu, nervoso e com uma excitação disfarçada. Na época achei que fosse apenas constrangimento, que Andy fosse o tipo do cara que não queria que ninguém soubesse que era de carne e osso e desejava uma mulher... ainda por cima uma mulher de fantasia. Mas agora acho que estava errado. Acho agora que a excitação de Andy tinha outros motivos.

O que foi responsável pelo buraco que o Diretor Norton posteriormente descobriu atrás do poster de uma garota que ainda nem era nascida quando aquela foto de Rita Hayworth foi tirada? A perseverança e o trabalho duro de Andy Dufresne, sim - não deixo de levar isso em conta. Mas houve mais dois elementos na equação: um bocado de sorte e o concreto da WPA.

Não é necessário que eu explique a sorte, acho. O concreto da WPA investiguei sozinho. Investi algum tempo e dois selos e escrevi primeiro para o Departamento de História da Universidade de Maine e depois para um sujeito cujo endereço eles puderam me dar. Esse sujeito foi o mestre de obras do projeto da WPA que construiu a Ala de Segurança Máxima de Shawshank.

A ala onde ficam os blocos 3, 4 e 5 foi construída entre os anos de 1934 e 1937. Hoje em dia ninguém considera o cimento e o concreto "desenvolvimentos tecnológicos"

como consideramos os carros, os fornos a óleo e os navios lança-chamas, mas na realidade são. Não havia cimento moderno até por volta de 187O nem concreto moderno até depois da virada do século. Misturar o concreto é uma arte tão delicada como fazer pão. Pode ficar molhado demais ou então pouco molhado. A mistura de areia pode ficar muito grossa ou muito rala e o mesmo acontece com a mistura de cascalhos. E no ano de 1934 a ciência de misturar o negócio era bem menos sofisticada do que hoje em dia.

As paredes do bloco 5 eram bastante sólidas, mas não eram bem secas e cozidas. Na verdade, eram e são bem úmidas. Após um longo período de chuvas ficavam ensopadas e até gotejavam. As rachaduras apareciam, algumas com até dois centímetros e meio. Eram sempre rebocadas com argamassa.

E então chega Andy Dufresne no bloco 5. Era formado em administração de empresas pela Universidade de Maine, mas também tinha feito duas ou três cadeiras de geologia durante o período universitário. Na verdade, a geologia tornara-se seu passatempo principal. Acho que atraía sua natureza paciente e meticulosa. Uma era glacial de dez mil anos aqui; um milhão de anos para a formação de uma montanha ali, camadas de rocha se sedimentando no fundo da camada externa da terra durante milênios. Pressão. Andy me disse certa vez que toda a geologia é o estudo da pressão.

E tempo, é claro.

Teve tempo de estudar aquelas paredes. Muito tempo. Quando a porta da cela bate e as luzes se apagam, não há mais nada para olhar.

Os novatos geralmente têm dificuldade em se adaptar ao confinamento da vida na cadeia. Ficam transtornados. Algumas vezes têm que ser arrastados para a enfermaria e sedados algumas vezes até entrarem no esquema. É comum ouvir algum novo membro de nossa pequena família feliz batendo nas grades da cela e gritando para sair... e depois de muitos gritos, a cantiga começa a ser ouvida ao longo do bloco de celas: "Peixe fora d'água, ei peixinho, peixe fresco, peixe fresco, hoje tem peixe fresco!"

Andy não perdeu a cabeça dessa maneira quando veio para Shank em 1948, mas isso não quer dizer que não tenha sentido muitas dessas coisas. Pode ter chegado quase à loucura: alguns chegam, outros ficam à beira dela. A antiga vida soprada para longe num piscar de olhos, pesadelos indefinidos estendendo-se à sua frente, uma longa temporada no inferno.

Então o que ele fez, lhes pergunto? Procurou quase desesperadamente algo que pudesse divertir sua mente inquieta. Ora, existem mil maneiras de se divertir, mesmo na prisão; parece que a mente humana é cheia de infinitos recursos em relação à diversão. Contei-lhes sobre o escultor e sua Três Idades de Jesus. Havia colecionadores de moedas que sempre perdiam suas coleções para os ladrões, colecionadores de selos, um sujeito que tinha cartões postais de trinta e cinco países diferentes - e poderia matar se encontrasse alguém remexendo neles.

Andy interessou-se por pedras. E pelas paredes de sua cela.

Acho que sua intenção inicial deve ter sido apenas gravar suas iniciais na parede no lugar onde em breve o poster seria pendurado. As iniciais ou talvez alguns versos de algum poema. No entanto, o que encontrou de interessante foi o concreto mole. Talvez tenha começado a gravar as iniciais e um grande pedaço de parede caiu. Posso vê-lo deitado no catre, olhando o pedaço de concreto, revirando-o nas mãos. Não importa a ruína de sua vida inteira, não importa que tenha vindo pela estrada de ferro para este lugar num trem de azar. Esqueçamos tudo isso e olhemos este pedaço de concreto.

Alguns meses depois deve ter achado que seria engraçado ver quanto poderia tirar daquela parede. Mas não se pode simplesmente começar a cavar a parede e depois, quando a inspeção semanal chegar (ou as inspeções inesperadas que estão sempre descobrindo esconderijos interessantes de biritas, drogas, fotografias obscenas e armas), dizer ao guarda: "Isso? Só estou fazendo um buraquinho na parede da minha cela. Não se preocupe, amigo."

Não, não podia ser assim. Então chegou para mim e perguntou se poderia lhe conseguir um poster da Rita Hayworth. Não um pequeno, mas um grande.

E, claro, tinha o cinzel. Lembro-me de ter pensado, quando lhe consegui o instrumento em 1948, que um homem levaria seiscentos anos para escavar a parede com ele. É bem verdade. Mas Andy só teve meia parede para cavar - e mesmo com o concreto mole, precisou de dois cinzéis e vinte e sete anos.

Claro que perdeu mais da metade de um ano com Normaden, e só podia trabalhar à noite, de preferência tarde da noite, quando quase todos estão dormindo -- inclusive os guardas do turno da noite. Mas suspeito que o que mais o atrasou foi se livrar dos pedaços de parede à medida que os tirava. Podia abafar o barulho do trabalho enrolando a cabeça do cinzel com panos de polir pedra, mas o que fazer com a poeira de concreto e os pedaços que ocasionalmente saíam inteiros?

Acho que deve ter quebrado os pedaços em pequenos cascalhos e...

Lembrei do domingo depois que lhe consegui o cinzel. Lembro de tê-lo visto atravessar o pátio de exercícios, o rosto inchado do último encontro com as irmãs. Vi quando se agachou, pegou uma pedra... e ela desapareceu dentro de sua manga. Aquele bolso dentro da manga é um velho truque de prisão. Dentro da manga ou na bainha da calça. E tenho outra lembrança, muito forte mas pouco clara, talvez algo que tenha visto mais de uma vez. É a lembrança de Andy Dufresne atravessando o pátio de exercícios num dia quente de verão quando o ar está completamente parado. Parado, sim... a não ser pela breve brisa que levantava poeira em torno dos pés de Andy.

Talvez tivesse mais de um bolso falso nas calças abaixo dos joelhos. O negócio era encher os bolsos falsos e sair andando com as mãos nos bolsos, e quando se sentisse seguro e não estivesse sendo observado, dar um pequeno puxão nos bolsos. Os bolsos, claro, são presos com barbante ou uma corda forte aos bolsos falsos. O conteúdo vai escorrendo pela perna da calça à medida que anda. Os prisioneiros de guerra na Segunda Guerra Mundial que tentavam fugir por túneis usavam esse truque.

Os anos se passaram e Andy trouxe sua parede para o pátio de exercícios aos punhados.

Jogava o jogo com cada diretor e eles pensavam que era porque queria que a biblioteca continuasse crescendo. Não duvido que isso também fizesse parte, mas o mais importante para Andy era ocupar sozinho a cela 14 do bloco 5.

Duvido que realmente tivesse planos ou esperança de fugir, pelo menos não no começo. Provavelmente achou que a parede tivesse três metros de concreto sólido e se conseguisse escavá-la totalmente sairia nove metros depois do pátio de exercícios. Mas, como eu digo, acho que ele não estava muito preocupado em fugir. Deve ter imaginado o seguinte: Faço apenas trinta centímetros de progresso a cada sete anos mais ou menos; assim, levarei setenta anos para fugir; aí teria cento e um anos de idade.

Eis uma segunda suposição que eu teria feito se fosse Andy: que algum dia eu seria pego e passaria muito tempo na solitária, sem falar de uma grande advertência na minha ficha. Afinal de contas, havia a inspeção semanal regular e uma revirada de surpresa -- geralmente à noite - a cada duas semanas mais ou menos. Deve ter achado que o negócio não ia durar muito. Mais cedo ou mais tarde um guarda ia espiar atrás de Rita Hayworth só para se certificar de que Andy não tinha um cabo de colher afiado ou alguns cigarros de maconha presos com durex na parede.

Sua resposta à segunda suposição deve ter sido dane-se. Talvez até tenha feito um jogo daquilo. Quanto tempo vão levar até descobrirem? A prisão é uma droga de um lugar cacete e a chance de ser surpreendido por uma inspeção não programada durante a noite, quando tivesse tirado o poster, provavelmente acrescentou algum sabor à sua vida durante os primeiros anos.

E realmente acredito que teria sido impossível continuar impune por pura sorte. Não por vinte e sete anos. No entanto, tenho que acreditar que nos primeiros dois anos - até meados de maio de 1950, quando ajudou Byron Hadley a se livrar dos impostos sobre sua herança inesperada - foi exatamente por pura sorte que conseguiu continuar.

Ou talvez tivesse algo mais que pura sorte naquela época. Tinha dinheiro e deve ter dado um troco para alguém toda semana para maneirar com ele. A maioria dos guardas aceita se o preço for justo; é dinheiro no bolso, e. o prisioneiro consegue ficar com seu poster e seus cigarros feitos a mão. Além de tudo, Andy era um presidiário modelo - calmo, educado, respeitador, pacífico. Os desordeiros e agitadores é que têm suas celas reviradas pelo menos uma vez a cada seis meses, seus colchões abertos, seus travesseiros apreendidos ou abertos, os canos de seus banheiros cuidadosamente verificados.

Então, em 1950, Andy tornou-se algo mais que um prisioneiro modelo. Em 1950 tornou-se uma mercadoria valiosa, um assassino que fazia retorno de impostos melhor do que qualquer companhia. Dava conselhos grátis de planejamento de bens, estabelecia prevenções contra taxas, preenchia formulários de empréstimos (algumas vezes com muita criatividade). Lembro-me dele sentado atrás de sua mesa na biblioteca, pacientemente estudando um acordo de empréstimo para um automóvel, parágrafo por parágrafo, para um guarda que queria comprar um De Soto usado, dizendo ao cara o que era vantajoso no acordo e o que não era, explicando que era possível pedir um empréstimo sem se endividar muito, fazendo-o desistir das firmas de financiamento, que naquele tempo metiam a mão. Quando terminou, o guarda estendeu a mão, e depois

puxou-a de volta rapidamente. Por um instante se esqueceu que estava lidando com um mascote, e não com um homem.

Andy acompanhava as leis de impostos e as mudanças no mercado de ações, e assim sua utilidade não acabou depois que ficou em reclusão por um tempo, como deveria ter acontecido. Começou a receber o dinheiro da biblioteca, suas lutas com as irmãs acabaram e ninguém mexia muito em sua cela. Era um bom crioulo.

Então um dia, bem mais tarde -- talvez por volta de outubro de 1967 - o antigo passatempo transformou-se em outra coisa. Uma noite, quando estava enfiado no buraco até a cintura com Raquel Welch pendurada sobre seu traseiro, a ponta do cinzel deve ter afundado repentinamente no concreto até o punho.

Teria retirado alguns pedaços de concreto, mas talvez tenha ouvido outros caindo naquele vão, retinindo naquele cano ascendente. Será que sabia naquela época que iria encontrar aquele vão, ou ficou totalmente surpreso? Não sei. Naquela época já devia ter visto as cópias da planta da prisão, ou não. Caso não tivesse visto, pode ter certeza que deu um jeito de vê-las não muito depois.

De uma hora para outra deve ter percebido que ao invés de estar simplesmente jogando um jogo, estava correndo um alto risco... em termos de sua vida e seu futuro, o mais alto risco. Mesmo a essa altura ainda não podia ter certeza, mas devia ter uma boa idéia, porque foi exatamente nessa época que me falou sobre Zihuatanejo pela primeira vez. De repente, ao invés de ser simplesmente um brinquedo, aquele estúpido buraco na parede tornou-se seu objetivo - se sabia da existência do cano do esgoto no fundo e que este passava sob o muro externo, - com toda certeza.

Teve a chave embaixo da pedra em Buxton para se preocupar durante anos. Agora tinha que se preocupar se algum novo guarda esperto olharia atrás do poster e revelaria tudo, ou se teria algum outro companheiro de cela, ou se depois de todos aqueles anos de repente fosse transferido. Teve tudo isso na cabeça nos oito anos seguintes. Tudo o que posso dizer é que deve ter sido o homem mais calmo que já existiu. Eu teria ficado completamente louco depois de algum tempo, vivendo com toda essa incerteza. Mas Andy simplesmente continuou jogando o jogo.

Teve que carregar a possibilidade de ser descoberto por mais oito anos - a probabilidade, pode-se dizer, porque por mais cuidado que tivesse ao apostar as cartas, na condição de prisioneiro não tinha muitas cartas... e os deuses tinham sido generosos com ele por muito tempo; uns dezenove anos.

A ironia mais terrível que posso imaginar teria sido se lhe concedessem liberdade condicional. Já pensaram? Três dias depois que o preso é solto, é transferido para a ala de pouca segurança para se submeter a um exame físico completo e a uma bateria de testes vocacionais. Enquanto está lá, sua cela é totalmente limpa.

Ao invés de conseguir a liberdade condicional, Andy iria passar um bom período lá embaixo na solitária, seguido de mais um período em cima... mas em outra cela.

Se ele encontrou o vão em 1967, como é que só fugiu em 1975?

Não tenho certeza - mas posso adiantar alguns bons palpites.

Primeiro, deve ter ficado mais cuidadoso do que nunca. Era inteligente demais para simplesmente continuar na maior velocidade e tentar escapar em oito meses ou mesmo em dezoito. Deve ter ido alargando a abertura da passagem aos poucos. Um buraco do tamanho de uma xícara na época em que tomou seu drinque de véspera de Ano-Novo naquele ano. Um buraco do tamanho de um prato quando tomou o drinque de aniversário em 1968. Do tamanho de uma bandeja à época em que começou a temporada de beisebol de 1969.

Por urn tempo achei que devia ter ido mais rápido do que aparentemente foi - depois que abriu o caminho, quero dizer. A mim parecia que, ao invés de reduzir o entulho a pó e tirá-lo da cela nos bolsos falsos que descrevi, podia simplesmente deixá-lo cair no vão. O tempo que levou me faz acreditar que não ousou fazer isso. Deve ter achado que o barulho levantaria suspeitas. Ou, se soubesse do cano de esgoto, como acredito que sabia, deve ter ficado com medo de que um pedaço de concreto pudesse quebrá-lo ao cair antes que ele estivesse pronto, danificando O sistema de esgoto do bloco de celas elevando a uma investigação. E uma investigação, desnecessário dizer, o levaria à ruína.

Contudo, suponho, à época em que Nixon prestou juramento para seu segundo mandato, o buraco devia estar suficientemente largo para Andy enfiar-se por ele... provavelmente antes disso. Andy era um cara pequeno.

Então, por que ele não foi naquela época?

E aí que minhas suposições disciplinadas se esgotam, pessoal; a partir desse ponto tornam-se progressivamente confusas. Uma possibilidade é que o buraco estivesse entupido de merda e ele tivesse que limpá-lo. Mas isso não levaria todo esse tempo. Então o que foi?

Acho que talvez Andy tenha ficado com medo.

Contei-lhes da melhor maneira possível como é ser um homem institucional. Primeiro você não agüenta aquelas paredes, depois pode suportá-las, depois você as aceita. e depois, quando seu corpo, sua mente e seu espírito se ajustam à vida em escala de holmio, você as ama. Dizem-lhe quando comer, quando escrever cartas, quando fumar. Se está trabalhando na lavanderia ou na fábrica de placas, são-lhe concedidos cinco minutos a cada hora para ir ao banheiro. Durante trinta e cinco anos, meu tempo era vinte e cinco minutos depois da hora, e depois de trinta e cinco anos essa era a única hora em que sentia necessidade de mijar ou cagar: vinte e cinco minutos depois da hora. E se por alguma razão não pudesse ir, a vontade passava depois de trinta e voltava nos vinte e cinco minutos após a hora seguinte.

Acho que Andy deve ter lutado contra esse tigre - essa síndrome institucional - e também contra o medo terrível de que tudo fosse em vão.

Quantas noites deve ter ficado acordado embaixo daquele poster, pensando naquela tubulação de esgoto, sabendo que uma única chance era tudo que tinha? As cópias das

plantas devem-lhe ter mostrado o diâmetro do cano, mas uma cópia de planta não poderia lhe mostrar como seria dentro do cano - se seria capaz de respirar sem ficar asfixiado, se os ratos eram grandes e ferozes o suficiente para enfrentá-lo ao invés de fugirem... e uma cópia de planta não poderia lhe mostrar o que ele encontraria no final do cano, quando e se chegasse lá. Agora uma piada mais engraçada que a da liberdade condicional: Andy entra na tubulação de esgoto, se arrasta durante quatrocentos e cinqüenta metros de escuridão asfixiante com cheiro de merda e sai numa enorme rede. Ha, ha, ha muito engraçado.

Isso deve ter passado por sua cabeça. E se conseguisse vencer e sair, seria capaz de conseguir roupas civis e fugir das cercanias da prisão sem se identificar? Finalmente, imagine se saísse do cano, escapasse de Shawshank antes que o alarme soasse, fosse a Suxton, virasse a pedra certa... e não encontrasse nada? Não necessariamente algo tão dramático quanto chegar ao campo certo e descobrir que um enorme edifício de apartamentos fora erguido no local ou que virara estacionamento de supermercado. Podia acontecer de algum garotinho que gostasse de pedras notasse aquele pedaço de vidro vulcânico, virasse-o, visse a chave do cofre e a levasse junto com a pedra para seu quarto como lembrança.

Talvez um caçador chutasse a pedra, deixasse a chave exposta e um esquilo ou um corvo que gostasse de coisas brilhantes a levasse. Talvez tivesse havido uma enchente na primavera de um determinado ano que rompera o muro levando a chave. Talvez qualquer coisa.

Então eu acho - suposição confusa ou não - que Andy ficou paralisado por algum tempo. Afinal de contas, não se perde se não se aposta. O que tinha a perder, vocês perguntam? Sua biblioteca, por exemplo. A droga de vida institucional, outro exemplo. Qualquer chance futura de conquistar sua liberdade segura.

Mas finalmente conseguiu, como lhes contei. Tentou... e, que coisa! Não conseguiu de maneira espetacular? Me digam!

Mas ele escapou mesmo, vocês perguntam? O que aconteceu depois? O que aconteceu quando chegou naquele prado e virou aquela pedra... sempre pressupondo que a pedra ainda estava lá?

Não posso descrever esta cena, porque este homem institucional ainda está nessa instituição e acha que continuará por muitos anos.

Mas vou lhes contar o seguinte. No final do verão de 1975, no dia 15 de setembro para ser mais exato, recebi um cartão-postal que tinha sido postado na minúscula cidade de McNary, Texas. Esta cidade fica do lado americano da fronteira, bem em frente a EI Porvenir. O lado em branco do cartão estava completamente vazio. Mas eu sei. Tenho certeza no fundo do meu coração como tenho a certeza de que todos nós vamos morrer um dia.

McNary foi por onde cruzou a fronteira. McNary, Texas.

Pois bem, esta é a minha história, pessoal. Nunca soube quanto tempo levaria para

escrever nem quantas páginas teria. Comecei a escrever logo depois que recebi aquele cartão-postal, e aqui estou, terminando dia 14 de janeiro de 1976. Usei três lápis até o finalzinho e um bloco inteiro de papel. Escondi bem as páginas... não que muitos conseguissem ler meus garranchos, afinal de contas.

Suscitou mais recordações do que eu poderia imaginar. Escrever sobre você mesmo é como enfiar um galho no córrego de águas limpas e revolver a terra embaixo.

Mas você não estava escrevendo sobre você mesmo, ouço alguém na platéia dizer. Estava escrevendo sobre Andy Dufresne.

Você não passa de um personagem secundário de sua própria história. Mas não é bem assim. É tudo sobre mim, cada droga de palavra. Andy era a parte de mim que eles nunca conseguiram prender, a parte que vai alegrar-se quando os portões finalmente se abrirem e eu sair andando com meu terno barato e meus vinte dólares suados no bolso. Essa parte de mim vai alegrar-se, não importa quanto o resto de mim esteja velho, abatido e amedrontado. Acho que o que acontece é simplesmente que Andy tinha mais dessa parte que eu, e a usava melhor.

Há outros como eu aqui, outros que se lembram de Andy. Estamos felizes por ele ter ido embora, mas um pouco tristes também. Alguns pássaros não nasceram para ficar na gaiola, é isso. Suas penas são brilhantes demais, seu canto, doce e selvagem. Então você os liberta, ou quando abre a gaiola para alimentá-los, passam por você e vão embora. E a parte de você que sabe que é errado prendê-los fica contente no início, mas depois o lugar em que você mora torna-se muito mais monótono e vazio com sua partida.

Esta é a história, e estou feliz por tê-la contado, mesmo que seja um pouco inconclusiva e mesmo que algumas lembranças que o lápis revolveu (como aquele galho revolvendo o fundo do rio) tenham me feito sentir um pouco triste e mesmo mais velho do que sou. Obrigado por terem escutado. E Andy, se você estiver mesmo lá, como acredito que esteja, olhe as estrelas por mim depois do pôr-do-sol, toque a areia, mergulhe na água e sinta-se livre.

Nunca pensei em retomar esta narrativa, mas aqui estou com as páginas dobradas e com orelhas na minha frente. Aqui estou para acrescentar mais três ou quatro páginas, escrevendo num bloco novo. Um bloco que comprei numa loja - simplesmente entrei numa loja na Portland's Congress Street e o comprei.

Achei que tinha finalizado minha história numa cela de prisão de Shawshank num dia frio de janeiro em 1976. Agora é maio de 1977 e estou sentado num quarto pequeno e barato do Hotel Brewster em Portland, aumentando-a.

A janela está aberta e o barulho do tráfego fluindo parece enorme, excitante e intimidante. Tenho que olhar a toda hora pela janela para me reassegurar de que ela não tem grades. Durmo mal à noite porque a cama deste quarto, por mais barata que seja, parece grande e luxuosa demais. Desperto todas as manhãs pontualmente as seis e meia, sentindo-me desorientado e amedrontado. Meus sonhos são maus. Tenho uma sensação horrível de queda livre. A sensação é apavorante e estimulante ao mesmo tempo.

O que aconteceu na minha vida? Podem adivinhar? Recebi liberdade condicional. Depois de trinta e oito anos de audiências rotineiras e recusas rotineiras (no curso desses trinta e oito anos, três advogados meus morreram), minha liberdade condicional foi concedida. Acho que eles chegaram à conclusão de que, aos cinqüenta e oito anos de idade, fui consumido o bastante para ser considerado digno de confiança.

Estive muito perto de queimar o documento que vocês acabaram de ler. Eles vigiam os presos em liberdade condicional quase com tanto cuidado quanto vigiam os "novatos". E além de conter bastante dinamite para me garantir uma reviravolta e mais seis ou oito anos de cadeia, minhas "memoirs" continham mais uma coisa o nome da cidade onde acredito que Andy Dufresne esteja. A polícia mexicana coopera satisfatoriamente com a americana, e não queria que minha liberdade - ou que minha relutância em desistir da história que me deu tanto trabalho e que levei tanto tempo para escrever - custasse a liberdade de Andy.

Depois lembrei como Andy tinha trazido seus quinhentos dólares em 1948 e omiti esta parte da mesma maneira. Só por segurança, reescrevi cuidadosamente cada página em que mencionava Zihuatanejo. Se as páginas tivessem sido encontradas durante minha "busca externa", como dizem em Shank, teria sofrido uma reviravolta... mas os guardas teriam procurado Andy numa cidade da costa peruana chamada Las Intrudes.

O Conselho de Liberdade Condicional me deu um emprego de "assistente de estoquista" no grande FoodWay Market de Spruce Mall na zona sul de Portland - o que significa que me tornei mais um carregador idoso. Há apenas dois tipos de carregadores, vocês sabem: os velhos e os jovens. Ninguém repara em nenhum deles. Se você faz compras no FoodWay de Spruce Mall, eu posso ter levado suas compras até o carro... mas você teria que ter feito suas compras entre março e abril de 1977, pois foi o tempo que trabalhei lá.

Primeiro achei que não conseguiria de jeito nenhum me adaptar ao mundo exterior. Descrevi a sociedade da prisão como uma escala menor do seu mundo exterior, mas não tinha idéia de como as coisas mudam rápido lá fora a velocidade crua a que as pessoas andam. Até falam mais rápido. E mais alto.

Foi a adaptação mais difícil por que já passei, e ainda não acabei... não totalmente. As mulheres, por exemplo. Depois de mal saber que eram metade da humanidade durante quarenta anos, de repente estava trabalhando num lugar cheio delas. Mulheres idosas, mulheres grávidas de camisetas com setas apontando para baixo e a frase impressa BEBÊ AQUI, mulheres magras com os bicos dos seios apontando nas camisetas - uma mulher vestida daquele jeito quando fui para a cadeia teria sido presa e sua sanidade julgada - mulheres de todos os tipos e tamanhos. Surpreendia-me andando o tempo todo com ereção, e me xingava por ser um velho indecente.

Ir ao banheiro era outra coisa. Quando tinha que ir (a vontade sempre vem vinte e cinco minutos depois da hora), tinha que lutar contra a necessidade quase irresistivel de consultar o meu chefe. Saber que eu podia simplesmente ir e fazer nesse mundo exterior reluzente era uma coisa; adaptar minha personalidade interior a essa prática depois de tantos anos tendo que consultar o guarda mais próximo, ou passar dois dias na solitária se não o fizesse... isso era outra coisa.

Meu chefe não gostava de mim. Era um cara jovem, vinte e seis ou vinte e sete anos, e eu sentia que o desagradava do mesmo modo que um velho cão servil e adulador que fica em pé para receber carinho desagrada um homem. Meu Deus, eu me desagradava. Mas... não conseguia parar. Queria lhe dizer: É isso que uma vida inteira na cadeia lhe faz, meu jovem. Transforma qualquer pessoa em posição de autoridade em amo e você no cachorro de todo amo. Talvez você saiba que virou um cachorro, mesmo na prisão, mas como todos os outros de roupa cinza também são, parece que não tem muita importância. Mas aqui fora tem. Mas não podia dizer isso a um jovem como ele. Nunca entenderia. Nem o suboficial que me vigiava entenderia, um ex-oficial da marinha, grande e sincero, de enorme barba ruiva e um grande estoque de piadas polonesas. Encontrava-me por cerca de cinco minutos a cada semana. "Está fora das grades, Red?" perguntava, quando não tinha mais piadas polonesas. Eu dizia "é", e era só isso até a semana seguinte.

Música no rádio. Quando entrei, as grandes bandas estavam com força total. Agora toda música parece que fala de trepar. Tantos carros. No começo parecia que tinha a vida por um fio cada vez que atravessava a rua.

Havia mais - tudo era estranho e assustador, - mas você talvez pegue a idéia, ou ao menos consiga tocar uma ponta dela. Comecei a pensar em fazer alguma coisa para voltar. Quando se está em liberdade condicional qualquer coisa serve. Tenho vergonha de contar, mas cheguei a pensar em roubar algum dinheiro ou mercadoria do FoodWay, qualquer coisa, para voltar para o lugar que era calmo e você sabia tudo que ia acontecer durante o dia.

Se nunca tivesse conhecido Andy, provavelmente teria feito isso. Mas ficava pensando nele, que passou todos aqueles anos cavando pacientemente o concreto com o cinzel para ser livre. Pensava naquilo, sentia vergonha e desistia da idéia novamente. Ah, vocês podem dizer que ele tinha mais motivos para ser livre do que eu - tinha nova identidade e muito dinheiro. Mas não é bem verdade, sabem? Porque não tinha certeza que a nova identidade ainda estava lá, e sem a nova identidade o dinheiro estaria sempre fora de seu alcance. Não, o que precisava era somente de liberdade, e se eu chutasse para o alto a que tinha seria como cuspir em tudo que ele lutou para conseguir.

Então, o que comecei a fazer nas minhas horas livres foi pegar caronas até a pequena cidade de Buxton. Isso foi no começo de abril de 1977, a neve começando a derreter nos campos, o ar começando a esquentar, os times de beisebol vindo para o norte começar uma nova temporada do único jogo que tenho certeza que Deus aprova. Quando fazia essas viagens, levava uma bússola no bolso.

Há um grande campo de feno em Buxton, Andy tinha dito, e do lado norte desse campo há um muro de pedra, saído de um poema de Robert Frost. Em algum lugar ao longo da base desse muro há uma pedra que não tem similar num campo de feno em Maine.

Uma missão impossível, vocês diriam. Quantos campos de feno existem numa pequena cidade rural como Buxton? Cinqüenta? Cem? Por experiência própria diria mais que isso, se você levar em conta os campos que hoje são cultivados e que deviam ser de grama quando Andy entrou. E se eu achar o certo, talvez nunca saiba. Porque não vou

perceber o pedaço de vidro vulcânico preto ou, o que é mais provável, Andy colocou-o no bolso e levou-o consigo.

Então concordarei com vocês. Uma missão impossível, sem dúvida. Pior; perigosa para um homem em liberdade condicional, porque alguns desses campos têm placas avisando NÃO ULTRAPASSE. E, como disse, ficam muito satisfeitos de baterem no seu traseiro e mandarem você de volta se sair da linha. Uma missão impossível... mas cavar uma parede sólida de concreto durante vinte e sete anos também é. E quando não se é mais o cara que pode conseguir as coisas, mas apenas um velho carregador de compras, é bom ter um passatempo para desviar a cabeça da vida nova. Meu passatempo era procurar a pedra de Andy.

Então eu pegava caronas para Buxton e caminhava pelas estradas. Ouvia os pássaros, a água da primavera escorrendo para os bueiros, examinava as marcas que a neve havia deixado - coisas sem utilidade e sem valor, sinto dizer; o mundo parece ter se tornado terrivelmente esbanjador desde que fui para a cadeia - e procurava campos de feno.

A maioria podia ser eliminada na hora. Nenhum muro de pedra. Outros tinham muros, mas minha bússola me dizia que estava na direção errada. Andava pelos campos errados, de qualquer maneira. Era uma coisa animadora de fazer, e nessas saídas me sentia livre, em paz. Um cachorro velho caminhou comigo num sábado. E um dia vi um cervo magro do inverno.

Depois veio o - dia 23 de abril, um dia que jamais esquecerei mesmo que viva mais cinqüenta e oito anos. Era uma tarde refrescante de sábado e eu caminhava por uma estrada que um garoto, que pescava de uma ponte, me disse chamar-se The Old Smith Road. Eu tinha levado meu almoço num saco marrom do FoodWay e comia sentado numa pedra à beira da estrada. Quando acabei, enterrei cuidadosamente os restos como meu pai me ensinara antes de morrer, quando eu era um garotinho da mesma idade do pescador que me dissera o nome da estrada.

Por volta das duas horas cheguei num grande campo à minha esquerda. Havia um muro de pedra no final dele, virado ligeiramente para o nordeste. Andei até ele chapinhando no chão molhado e comecei a seguir o muro. Um esquilo me censurou do alto de um carvalho.

A três quartos do fim vi a pedra. Não havia engano. Vidro preto macio como seda. Uma pedra que não fazia sentido num campo de feno do Maine. Por um longo tempo fiquei apenas olhando, sentindo que ia chorar, por alguma razão. O esquilo havia me seguido e continuava tagarelando. Meu coração batia desesperadamente.

Quando senti que havia recobrado o controle, fui até a pedra, me agachei ao lado dela - as juntas dos meus joelhos dobraram-se como um revólver de cano duplo - e deixei minha mão tocá-la. Era real. Não peguei-a porque achei que haveria alguma coisa embaixo, poderia facilmente ter ido embora sem descobrir o que havia embaixo. Certamente não planejava levá-la comigo, porque senti que não era eu que devia levar - senti que tirar aquela pedra do campo seria o pior tipo de roubo. Não, só peguei para senti-la melhor, para sentir o peso da coisa e, suponho, para provar sua realidade sentindo sua textura acetinada na minha pele.

Fiquei olhando o que estava embaixo por muito tempo. Meus olhos viram, mas minha mente custou a assimilar. Era um envelope, cuidadosamente embrulhado num plástico para protegê-lo da umidade. Meu nome estava escrito na frente com a letra inconfundível de Andy.

Peguei o envelope e deixei a pedra onde Andy havia deixado, e o amigo de Andy antes dele.

> Meu caro Red,
>
> Se está lendo isto é porque está solto. De alguma maneira está solto. E se veio tão longe, deve estar disposto a ir um pouco mais. Acho que se lembra do nome da cidade, não lembra? Eu poderia ter um bom sujeito para me ajudar a realizar meu projeto.
>
> Enquanto isso, tome um drinque por mim - e pense bem nisso.
>
> Ficarei esperando por você. Lembre-se de que a esperança é uma coisa boa, Red, talvez a melhor coisa, e as coisas boas nunca morrem. Espero que esta carta o encontre, e o encontre bem.
>
> Seu amigo,
> Peter Stevens

Não li esta carta no campo. Uma espécie de terror tomou conta de mim, uma necessidade de fugir antes que fosse visto. Para fazer um trocadilho meio apropriado, estava apavorado de ser apreendido.

Voltei para o meu quarto e li a carta, com o cheiro de jantar de gente velha subindo pelo vão da escada até mim - Beefaroni, Rice-a-Roni, Noodle Roni. Pode apostar que qualquer coisa que os velhos americanos, os que recebem uma renda fixa, costumam comer à noite, quase certamente acaba em roni.

Abri o envelope e li a carta e depois coloquei as mãos no rosto e chorei. Junto com a carta havia vinte notas novas de cinqüenta dólares.

E aqui estou no Hotel Brewster, tecnicamente um foragido da justiça novamente - violação da liberdade condicional é meu crime; acho que ninguém vai bloquear estradas para pegar um homem por esse crime -- pensando no que vou fazer agora.

Tenho este manuscrito. Tenho uma pequena bagagem do tamanho de uma mala de médico com tudo o que possuo. Tenho dezenove notas de cinqüenta, quatro de dez, três de um e uns trocados. Troquei cinqüenta para comprar este bloco e um maço de cigarros.

Pensando no que vou fazer.

Mas realmente não há dúvidas. Sempre sobram duas opções. Ocupar-se em viver ou ocupar-se em morrer.

Primeiro vou pôr este manuscrito de volta na mala. Depois vou fechá-la, pegar meu casaco, descer e fechar a conta desse pulgueiro. Depois vou a pé até um bar na cidade e colocar uma nota de cinco dólares na frente do barman e pedir duas doses puras de Jack Daniel's - uma para mim e outra para Andy Dufresne. Fora uma ou duas cervejas, serão os primeiros drinques que tomarei como homem livre desde 1938. Depois darei um dólar de gorjeta ao barman e agradecerei gentilmente. Sairei do bar, subirei a Spring Street até o terminal de ônibus Greyhound onde comprarei uma passagem para EI Paso via Nova lorque. Quando chegar a El Paso, comprarei uma passagem para McNary. E quando chegarem McNary, acho que terei uma chance de descobrir se um ladrão velhaco como eu pode conseguir atravessar a fronteira de barco e entrar no México.

Claro que me lembro do nome: Zihuatanejo. Um nome como esse é bonito demais para ser esquecido.

Descubro que estou excitado, tão excitado que mal posso segurar o lápis em minhas mãos trêmulas. Acho que é uma excitação que só um homem livre pode sentir, um homem livre no início de uma longa viagem de resultado incerto.

Espero que Andy esteja lá.

Espero conseguir atravessar a fronteira.

Espero encontrar meu amigo e apertar sua mão.

Espero que o Pacífico seja tão azul quanto em meus sonhos.

Espero.

* * *